

FRANCIS HOLLAND

SÊNECA

VIDA E FILOSOFIA

TRADUÇÃO DE ALEXANDRE PIRES VIEIRA



Montecristo
Editora



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*



FRANCIS CALDWELL HOLLAND

SÊNECA
VIDA E FILOSOFIA

"SÊNECA NUNCA PERDEU O
CONTATO COM A VIDA E
REALIDADE, SEUS
PENSAMENTOS COMBINAM
SABEDORIA E PROFUNDIDADE."

Tradução, introdução e notas de
ALEXANDRE PIRES VIEIRA



Montecristo
Editora

©2020 Copyright Montecristo Editora

SÊNECA

VIDA E FILOSOFIA

Título Original

Seneca

Supervisão de Editoração/Capa

Montecristo Editora

Tradução

Alexandre Pires Vieira

Revisão

Renata Russo Blazek

Original em inglês

[Internet Archive](#)

Imagem da Capa

Morte de Sêneca, por Peter Paul Rubens

ISBN:

978-1-61965-192-0 - Edição Digital

978-1-61965-211-8 - Edição impressa

Montecristo Editora Ltda.

e-mail: editora@montecristoeditora.com.br



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Holland, Francis Caldwell; Sêneca, Vida e Filosofia
introdução, tradução e notas de *Alexandre Pires Vieira*
Montecristo Editora, 2020. Título Original: Seneca
ISBN: 978-1-61965-192-0

1. Filosofia antiga. 2.Sêneca 3. Estoicos. I. Filosofia II. Vieira,
Alexandre Pires. III. Título

20-1150 CDD-188

Nota Introdutória do tradutor

A biografia de Sêneca por Francis Holland foi escrita para o leitor geral e não para o estudioso erudito clássico. Originalmente destinada a servir de introdução para uma tradução das cartas de Sêneca que acabou não sendo publicada, o texto foi publicado independentemente, explica o autor, *“na chance de que aqui ou ali algum leitor possa compartilhar meu interesse pelo assunto”*. Feliz decisão! O livro fez sucesso e atingiu público muito superior ao imaginado pelo próprio autor e editor.

A obra apresenta um relato atraente de Sêneca em relação à sua época e aos três imperadores com quem ele conviveu proximamente: Calígula, Cláudio e Nero. O relato vívido de Holland, usando muitas vezes citações do texto de Sêneca, descreve acontecimentos de sua vida que nos faz imaginar estarmos vivendo na corte do antigo império.

Acadêmicos da época da publicação criticaram alguns pontos do livro, afirmando não haver exatidão nos detalhes apresentados e erros históricos facilmente verificáveis. Por exemplo, Holland afirma que o pai de Sêneca escreveu cinco livros de Controvérsias (*Controversiae*), quando realmente foram dez. Outra crítica é que Holland faz declarações explícitas sem evidência: *“a declaração explícita na p. 36 que Sêneca escreveu ‘após um intervalo de seis meses de sua chegada [na Córsega] a Consolação à sua mãe’ é, no que diz respeito à data, uma informação sem base evidencial, mas que toca um ponto controverso”*.¹ Holland ignora muitas perguntas exasperantes ou as aborda

apenas superficialmente. Não há uma boa discussão sobre a causa do banimento de Sêneca para Córsega, o suposto adultério de Sêneca com Júlia. Essa acusação afetaria fortemente seu caráter moral e deveria ser melhor explicada. Tão pouco o livro faz alusão à primeira esposa de Sêneca, apenas nos conta sobre Paulina, que é referida como segunda esposa.

No capítulo final Holland levanta a hipótese de que as tragédias atribuídas a Sêneca não foram escritas por ele, mas sim por algum parente. Atualmente essa suposição está superada e não se discute mais a autoria, ficando apenas a peça Otávia na lista de obras apócrifas.

O principal mérito do livro reside em sua simpatia entusiasta e cativante pelo assunto e em seus vivos olhares sobre a corte imperial em Roma. A falta de detalhes, omissões ou pequenas inexatidões são irrelevantes para aqueles que querem entender melhor a filosofia de Sêneca ao conhecer sua vida e época.

Se não conseguimos acordo nem sobre o caráter de políticos atuais, imagine então tentar julgar um estadista de 2000 anos atrás e, pior ainda, usando a moral vigente hoje! Devemos estudar e debater a filosofia de Sêneca pois a temos por escrito e podemos estudá-la objetivamente. Analisar o caráter do filósofo só polui e politiza o debate.

“Nunca terei vergonha de citar um mau autor se a fala for boa” – Sêneca, Sobre a tranquilidade da Alma.

Alexandre Pires Vieira

Viena, outono de 2020



Nota Introdutória do autor

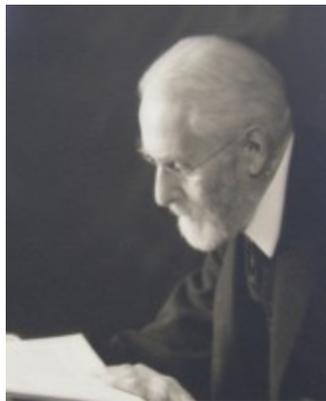
Este ensaio em biografia foi originalmente destinado como introdução a uma tradução da Cartas de Sêneca, a maior parte das quais já foi concluída. Mas como esta tradução provavelmente não será publicada, decidi, após longa hesitação, publicar a introdução por si só, na chance de que aqui ou ali algum leitor possa compartilhar meu interesse pelo assunto.

Dos três ramos em que a filosofia, na visão antiga, era dividida – ética, física e lógica – é apenas com os dois primeiros que Sêneca estava preocupado. Ele nunca perdeu o contato com a vida e realidade. Para aqueles que *“gostam de se perder em um mistério”* e exclamar *“Ó Altitude!”*, Sêneca não é de grande interesse.

Ao invés disso, ele prefere ensinar aos homens como se encontrar e, na medida, do possível às almas fechadas por uma *“veste de decadência”*, a compreender o sentido da vida e da morte. Seus ensinamentos nunca são ambíguos. Por mais rasa que seja uma piscina, como já foi dito muitas vezes, não se pode ver até o fundo se a água estiver lamacenta. Como as águas do lago de Garda, por outro lado, os pensamentos de Sêneca combinam sabedoria e profundidade. Ele desempenhava um importante papel em um período crítico da história para encontrar tempo para as especulações abstratas e sutilezas dialéticas com as quais o ramo lógico da filosofia estava preocupado, e no qual os mestres gregos da escola estoica estavam principalmente interessados; e sem dúvida foi este espírito empreendedor que tanto atraiu seu grande devedor, Montaigne³.

Sobre o autor

Francis Caldwell Holland nasceu em 21 de abril de 1865 e faleu em 6 de março de 1948, filho do renomado pastor Francis James Holland. Estudou na Universidade de Cambridge. Foi servidor da Câmara dos Comuns entre 1888 e 1926 e foi autor do livro “*A História Constitucional da Inglaterra desde a Ascensão de George III*”. Sua obra de maior sucesso é esta biografia de Sêneca, publicada originalmente em 1920 pela editora Longmans.



OBRAS FILOSÓFICAS DE SÊNECA:

- [Cartas de um Estoico](#) (*Epistulae morales ad Lucilium*)
- [Consolação a Márcia](#) (*Ad Marciam, De consolatione*)
- [Sobre a Ira](#) (*De Ira*)
- [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#) (*Ad Helviam matrem, De consolatione*)
- [Consolação a Políbio](#) (*De Consolatione ad Polybium*)

- [Sobre a Brevidade da vida](#) (*De Brevitate Vitae*)
- [Sobre Constância do sábio](#) (*De Constantia Sapientis*)
- [Da Clemência](#) (*De Clementia*)
- [A Vida Feliz](#) (*De Vita Beata*)
- [Sobre o Ócio](#) (*De Otio*)
- [Sobre os Benefícios](#) (*De Beneficiis*)
- [Sobre a Providencia da alma](#) (*De Tranquillitate Animi*)
- [Sobre a Providência Divina](#) (*De Providentia*)
- Sobre a Superstição (*De Superstitione*) perdido, citado por Santo Agostinho.

Além de filosofia, Sêneca escreveu também Tragédias e peças de teatro, bastante populares em sua época:

- Hércules furioso (*Hercules furens*)
- As Troianas (*Troades*)
- As Fenícias (*Phoenissae*)
- Medeia (*Medea*)
- Fedra (*Phaedra*)
- Édipo (*Oedipus*)
- Agamemnon
- Tiestes (*Thyestes*)
- Hércules no Eta (*Hercules Oetaeus*)



Capítulo I - Marco Aneu Sêneca e Hélivia - As Controvérsias

Uma agradável visão da tranquila velhice de Marco Aneu Sêneca, o pai do filósofo, durante o principado de Tibério, é dada nas dedicatórias a seus três filhos, Novato, Lúcio e Mela, nos seus cinco livros de controvérsias. Estas Controvérsias, que começaram a ser moda na época de Cícero, eram casos imaginários argumentados de um lado e do outro por professores das escolas de retórica para a instrução de seus alunos. Elas se voltavam para questões polêmicas de ética ou direito - uma regra de direito inexistente sendo geralmente assumida para o propósito dos pleitos - e quanto mais dramáticas e improváveis as circunstâncias imaginadas pelos retóricos, mais lotadas de alunos eram suas escolas e maior sua conseqüente fama.

Nos grandes tempos da república, quando o poder soberano em Roma estava atribuído em última instância às várias assembleias de seus cidadãos, a capacidade de influenciar essas assembleias por meio da eloquência era praticamente a única qualificação necessária para uma carreira de sucesso, mas não foi até a geração imediatamente anterior ao estabelecimento do Império que a arte da retórica passou a ser ensinada sistematicamente em Roma. Antes daquela época, um jovem que esperava uma carreira forense seria apresentado por seu pai a um dos oradores célebres da época, cujos métodos ele estudaria, cujos pleitos ele nunca deixaria de atender e a

quem prestaria toda a assistência que pudesse.⁴ Quando a retórica foi estudada pela primeira vez em Roma como uma arte, e para a qualificação que acaba de ser descrita foi substituída pela das escolas, as causas ali discutidas foram feitas para se assemelharem o mais possível aos casos do foro – trazendo um para o outro o mesmo tipo de relação que os procedimentos nas sociedades de debate político trazem para os debates na Assembleia Legislativa. Nos tempos da república, oradores nomeavam reis e nações entre seus clientes e impediam a opressão das províncias por pro-cônsules. Mas após a queda da república, estes foram sucedidos pelos delatores, que ganharam fama, de fato e vastas somas de dinheiro, mas também o grande desprezo por todos os homens honestos, trazendo acusações contra grandes senadores que os imperadores desejavam destruir,⁵ os exercícios retóricos das escolas se tornaram cada vez mais distantes da realidade. O objetivo tanto dos professores quanto dos alunos não era trazer convicção à mente de seus ouvintes, mas ganhar aplausos para sua própria esperteza. A retórica deixou de ter um objeto fora de si – tornou-se uma arte em prol da arte. O triunfo dos polêmicos nestes fantásticos concursos foi a invenção dos aforismos eficazes, antíteses ou epigramas chamados *sententiae*, que eram aplaudidos por sua concisão ou ingenuidade e facilmente retidos na memória. “*O conhecimento é o fundamento da eloquência*” – “*rem tene, verba sequentur*” – escreveu o ancião Catão no mais antigo tratado romano sobre oratória. Os retóricos das escolas pareciam reverter essa máxima e acreditar que a eloquência era o fundamento do conhecimento – tão importante que a retórica ocupava um lugar no posterior esquema romano de educação. E assim, como escreveu Tácito, ninguém na época republicana alcançou grande poder sem a ajuda da eloquência. Consequentemente, a obtenção do domínio linguístico era o principal objetivo da

educação e assim continuou após o estabelecimento do Império. No curso gramatical, que precedia o de retórica, os meninos eram treinados através do meio da poesia clássica.

Marco Aneu Sêneca é geralmente descrito nos livros modernos como um retórico; mas embora ele tenha sido íntimo dos maiores mestres da arte, tenha assistido com assiduidade às suas palestras e declamações e tenha guardado suas *sententiae* de memória, não há nenhuma evidência direta de que ele mesmo tenha alguma vez ensinado nas escolas. Ele veio a Roma de sua terra natal, Córdoba, na Espanha, assim que o fim das guerras civis lhe permitiu deixar aquela colônia, lamentando depois que ele não tivesse podido vir mais cedo, pois desde então ele poderia ter ouvido a voz viva de Cícero – um epíteto comumente usado, mas no caso de Sêneca pai, realmente aplicável.⁶

Sua coletânea de *Controversiae* foi feita a pedido de seus filhos que, ansiosos para conhecer algo do caráter e estilo dos famosos reitores da geração anterior, imploraram a seu pai que lhes dissesse tudo o que pudesse lembrar sobre o assunto. Sua memória tinha sido famosa nos dias de sua juventude; quando era tido com um prodígio pois capaz de repetir sem erro dois mil nomes na ordem correta após uma única audiência. Mas em sua velhice, acrescenta, sua memória se tornara caprichosa; ele não podia mais contar com sua pronta e imediata obediência à sua vontade, mas era obrigado a esperar sua boa vontade. Para os acontecimentos de sua juventude era tão forte como sempre, mas não podia reter o que era recentemente confiado a sua guarda; assim como em um recipiente já cheio ao qual se acrescenta mais água, o que está na superfície transborda e se perde, mas o que está abaixo permanece. Ele aplaude o desejo de seus filhos de aprender algo da eloquência da geração passada – em primeiro lugar, porque quanto mais numerosos e variados forem os

modelos diante deles, menos provavelmente se tornarão meros imitadores e, em segundo lugar, porque a época estava degenerada e porque a arte da retórica tendo atingido seu apogeu na época de Cícero tinha, de acordo com a lei universal da transformação, declinado desde então. Nos dias da liberdade, assim ele continua, os exercícios retóricos tinham um objetivo sério, pois por eloquência um homem poderia alcançar os mais altos cargos do Estado; mas, desde o fim da república, este estímulo ao empenho havia sido em grande parte retirado. Ele tinha ouvido todos os grandes oradores, exceto Cícero, e a tarefa de satisfazer a louvável curiosidade de seus filhos, voltando como que à escola em sua velhice e trazendo à luz das cavernas de sua memória tudo o que continham as declamações feitas nas escolas pelos célebres retóricos do passado, seria para ele um trabalho delicioso. A publicação de seus ditos espirituosos e sutilezas engenhosas também teria o efeito útil de controlar os plágios não reconhecidos de seus sucessores degenerados.

O ancião Sêneca era um romano da velha escola, de classe equestre, um amante do passado – ordeiro, austero e metódico. Sua esposa, Hélvia, pertencia a uma influente família provincial, na qual uma simplicidade severa era uma tradição⁷. Como a maioria das mães de homens distintos, ela era, se pudermos aceitar a descrição deixada por seu filho filósofo, uma mulher de caráter e inteligência notáveis. Seu marido, a quem qualquer desvio dos velhos costumes e ideias romanas era de mau gosto⁸, opunha-se ao que agora chamamos de educação superior das mulheres e não queria que ela dedicasse muito tempo aos estudos, uma circunstância lamentada por seu filho, em cujo discernimento havia poucos sobre quem tais oportunidades teriam sido menos desperdiçadas, ou quem, no pouco tempo realmente permitido, poderia ter adquirido tanto. Lúcio Sêneca nos diz que sua mãe se interessou

profundamente por seus estudos filosóficos, enquanto seu prazer em sua sociedade era inesgotável; e, por outro lado, que a própria visão dela sempre o encheu de uma alegria e vivacidade quase infantil. Depois de sua viuvez, que seguiu em trinta dias a morte de seu mais querido irmão, ela administrou com o maior cuidado e desinteresse a herança de seus três filhos; recusando toda vantagem pessoal da mesma como se fosse de outrem e dando tanto cuidado a sua administração como se fosse sua própria. Da mesma forma, o curso de honras que dois de seus filhos seguiram com sucesso e as fortunas que adquiriram, embora dando-lhe prazer por causa deles, foram uma fonte não de lucro para si mesma, mas de despesas adicionais – muito melhor para ela era dar do que receber.

Novato, o mais velho dos três filhos de Marco Sêneca e Hélivia, foi adotado pelo amigo de seu pai, Júnio Gálio, o retórico, por cujo nome ficou conhecido. Ele entrou cedo em uma carreira oficial, passando por todos os meandros oficiais até se tornar cônsul *suffectus*,⁹ depois disso tornou-se Procônsul de Acaia¹⁰ no ano 52, onde uma revolta, que resultou no julgamento de Paulo de Tarso,¹¹ imortalizou seu nome. Confirmando todos os elogios de seu irmão Sêneca, que o descreve como o homem mais fascinante e irresistivelmente charmoso de sua época.¹² Se pudermos confiar na descrição de seu irmão, ele foi de fato um homem feito para ser amado. *“Ninguém”,* escreve o jovem Sêneca, com seu habitual exagero retórico, *“é tão agradável a outro como é Gálio a todos os que o conhecem. Sua cortesia e seu charme de maneira pouco estudada conquistam todos os corações, porém tão modesto é ele que não só se retrai das próprias tentativas de bajulação, mas escuta com igual relutância os elogios que suas numerosas excelências realmente merecem”*.¹³

O irmão mais jovem, Mela, a quem o segundo livro das “Controvérsias” é dirigido exclusivamente, ainda que

descrito por seu pai como mentalmente o melhor dotado dos três, resolveu cedo se contentar com sua posição hereditária, deixando a carreira de honras para seus dois irmãos bem sucedidos para dedicar-se a uma vida de aposentadoria estudiosa. Seu pai, embora não escondesse sua própria preferência por uma carreira ativa, aceitou sem muita dificuldade esta decisão, declarando que estava pronto a manter o terceiro filho no porto, quando seus dois mais velhos tinham ido ao mar. Que Mela era seu filho favorito e que esta falta de ambição era uma decepção para alguém tão encantado com os modos tradicionais como o Sêneca ancião, soará provável para o leitor da dedicação a ele dirigida.

Os Sênecas parecem ter sido uma família muito unida. Mas enquanto o pai tinha a visão comum aos homens velhos de todas as épocas – que a era dos grandes homens tinha acabado e que na nova geração havia uma inexplicável falta de talento e habilidade em todos os aspectos – os filhos eram crentes no progresso, com pouco respeito pela autoridade, tradição ou sentimento de nacionalidade.

As reminiscências das *Controversiae*, onde o pai se esforça para convencer seus filhos pela descrição e citações da superioridade da geração passada, foram o resultado desta diferença de opinião. No prefácio do último livro, ele declara que eles não o incomodarão mais. Ele confessa que está cansado do assunto. No início ele pensou que seria agradável evocar as coisas do passado e relembrar os melhores anos de sua vida sob o moderado Augusto, mas agora ele se sente meio envergonhado, como se desse demasiada importância a tais estudos. Estes exercícios de astúcia, diz ele, são suficientes se tomados de ânimo leve: levá-los muito a sério lhes causaria repugnância. Ele não conseguia admirar o retórico moderno Musa, que seus filhos haviam insistido que ouvisse. Ele acha seu estilo turvo e

antinatural e declara que o homem não tem sinceridade, apesar da desaprovação de Mela. Claramente entre pai e filhos, apesar do alto afeto e respeito mútuos, nenhum acordo sobre estes pontos foi alcançado ou possível.

As posições dos vários polêmicos na **batalha dos livros**, travada na segunda metade do primeiro século entre os defensores da tradição clássica na escrita e na fala e a nova escola, entre ideias e padrões antigos e modernos, são admiravelmente dadas no diálogo *De Oratoribus*, geralmente atribuído a Tácito.¹⁴ O diálogo é para sempre um modelo de controvérsia civilizada, na qual a mais completa diferença de opinião é efetivamente expressa sem vestígios de amargor ou sarcasmo. Os pontos de vista do autor são provavelmente representados por Materno¹⁵ que, seguindo Afer¹⁶ e Messala, pleiteiam respectivamente a causa dos modernos e dos antigos, tomando um rumo intermediário. Ele admite junto com Messala o fato da decadência da eloquência, mas argumenta que isto é o resultado da mudança no caráter dos tempos e na natureza do governo e não de qualquer declínio nas habilidades dos homens. Augusto, de fato, junto com tudo mais, tinha apaziguado a eloquência que só podia florescer em tempos turbulentos; mas Sêneca pai sugere que a eloquência não era de tal importância que fosse desejável que os tempos fossem turbulentos para que ela pudesse florescer. Ele poderia ter acrescentado que, sendo a boa arte a verdadeira representação da emoção, paixão ou pensamento que o próprio artista vivenciou na realidade ou através da solidariedade, ela deve mudar de acordo com a vida cotidiana e não pode ser limitada por convenções antigas. Mentos originais não podem forçar suas ideias para um molde antigo para ilustrar o dístico de Boileau:¹⁷

“Querendo endireitar-se, um aleija-se, e um original se torna uma cópia”¹⁸

Quando, no entanto, nós comparamos o estilo gracioso e fácil de fluir de Lívio,¹⁹ Cícero e Virgílio, sua abstenção de excesso de ênfase ou transições bruscas, a ascensão e declínio de seus períodos e a textura uniforme de sua narrativa, similar a uma boa estrada de montanha, que nunca é incômoda para um viajante, seja qual for a altura a que ela se eleve - ao compararmos isso com o realismo ousado, o desprezo pelas convenções e tradições, o cosmopolitismo e os pensamentos e aforismos marcantes mas muitas vezes isolados de Lucano,²⁰ Tácito e Juvenal,²¹ podemos entender o extremo desgosto que tais admiradores da antiguidade nas gerações posteriores como Quintiliano²² ou Aulo Gélio²³ ou Pronto sentiram pelo jovem Sêneca, a quem justamente consideravam como o autor principal desta revolução de tom.

Capítulo II - Anos Iniciais e Educação

Lúcio Aneu Sêneca, o segundo filho de Marco Sêneca e Hélivia, nasceu em Córdoba por volta do início da era cristã. Ele viveu em Roma, como já vimos, com seus pais e irmãos nos tempos de Tibério e, enquanto ainda era menino, foi apaixonado por aqueles estudos filosóficos que seriam o principal interesse de sua vida e seu principal motivo de fama. Seu primeiro mestre em filosofia foi Sótion, um nativo de Alexandria. Sob sua influência ele “*pensou nobremente das doutrinas Pitágoras*” por algum tempo.

Sêneca escreveu na carta 108 a Lucílio:²⁴

... Sótion costumava me dizer porque Pitágoras se absteve de comida de origem animal e porque, nos últimos tempos, Séxtio também. Em cada caso, a razão era diferente, mas era, em cada caso, uma razão nobre.

18. Séxtio acreditava que o homem pode obter sustento suficiente sem recorrer ao sangue e que um hábito de crueldade é formado sempre que o abate é praticado por prazer. Além disso, ele pensava que deveríamos restringir as fontes do nosso luxo. Ele argumentava que uma dieta variada era contrária às leis da saúde e não era adequada às nossas constituições.

19. Pitágoras, por outro lado, considerou que todos os seres estavam inter-relacionados e que havia um sistema de troca entre as almas que transmigravam de

uma forma corporal para outra. Segundo ele, nenhuma alma perece ou cessa suas funções, exceto por um pequeno intervalo – quando está sendo vertida de um corpo para outro. Podemos questionar a que horas e depois de que estações de mudança a alma retorna ao homem, após percorrer muitas moradias. Ele fez com que os homens temessem a culpa e o parricídio, pois podiam, sem saber, atacar a alma de seu pai e feri-la com faca ou com dentes – se, como seria possível, o espírito aparentado habitasse temporariamente este pedaço de carne!

20. Quando Sótion estabeleceu esta doutrina, complementando-a com suas próprias provas, ele disse: “Você não acredita que as almas são atribuídas, primeiro a um corpo e depois a outro e que a nossa chamada morte é meramente uma mudança de residência? Você não acredita que no gado ou em animais selvagens ou em criaturas das profundezas, a alma daquele que já foi um homem pode habitar? Você não acredita que nada nesta terra seja aniquilado, mas apenas troque de covil? E que os animais também têm ciclos de progresso e, por assim dizer, uma órbita para suas almas, nada menos que os corpos celestes, que giram em circuitos fixos? Os grandes homens colocaram fé nessa ideia.

21. Portanto, enquanto mantém a sua própria visão, mantenha toda a questão em suspenso em sua mente. Se a teoria é verdadeira, é uma marca de pureza abster-se de comer carne, se for falso, é economia. E que dano faz dar credibilidade? Estou apenas privando você de comida que sustenta leões e abutres”.

22. Fui imbuído desse ensinamento e comecei a abster-me de comida animal; no final de um ano, o hábito era tão agradável quanto fácil. Eu estava começando a sentir que minha mente estava mais ativa; embora eu

não diria positivamente se era ou não realidade. Você pergunta como eu vim abandonar a prática? Foi assim: os dias da minha juventude coincidiram com o início do reinado de Tibério César. Alguns ritos estrangeiros estavam naquele momento sendo criticados e a abstinência de certos tipos de alimentos animais foi estabelecida como prova de interesse de praticas estrangeiras. Assim, a pedido de meu pai, que não temia perseguição, mas que detestava a filosofia, voltei aos meus hábitos anteriores. E não foi muito difícil induzir-me a jantar mais confortavelmente.

De Sótion, o pitagórico, o jovem Sêneca passou para a sala de aulas de Átalo, o estoico, cuja influência na sua vida e nas suas ideias foi de carácter mais decisivo. Átalo é descrito pelo Sêneca ancião como de longe o filósofo mais afiado e eloquente do seu tempo - "*magnae vir eloquentiae, ex philosophis, quos nostra aetas vidit, longe et subtilissimus et facundissimus*".²⁵ Não sabemos nada da sua vida, a não ser que, tendo sido despojado de toda sua propriedade por Sejano,²⁶ ele consolou-se como um filósofo deveria, ocupando-se da lavoura; mas sabemos algo da sua mente pelas muitas referências a ele e pelas citações dos seus ditos que se encontram nas obras do seu admirável pupilo, Lúcio Sêneca.²⁷ O jovem entusiasta sitiava, assim nos diz, a porta da sala de aula do Átalo. Ele foi sempre o primeiro a entrar quando era aberta e o último a sair. E isso não era tudo. Átalo era um homem de fácil acesso, extremamente simpático para com os seus alunos, cujos avanços inventivos estava sempre pronto a enfrentar. O jovem Sêneca acompanhava-o e levava-o à discussão de temas de interesse perene. Foi Átalo, diz-nos ele, quem o ensinou a distinguir entre a realidade e as aparências, entre a eloquência real e a da exibição, entre a beleza intrínseca e o som vazio das palavras inchadas. Desprezava tanto o luxo como a avareza; exaltava um corpo casto, uma mesa

sóbria, uma mente purificada não só de prazeres ilícitos mas até supérfluos. Dizia aos seus alunos que aqueles que vinham às palestras de um filósofo apenas como uma forma agradável de passar o tempo, de ouvir e não de aprender, de ouvir frases eloquentes e concepções engenhosas, sem qualquer intenção de moldar de novo a conduta da sua vida, não ganhariam nada com a filosofia.

Por muito transitórias que sejam [Sêneca escreveu depois] as muitas as exortações, sendo as mentes dos jovens ternas e impressionáveis, se o mestre for sincero e unicamente dedicado ao bem dos seus alunos, as suas palavras terão efeitos duradouros. Seja como for [ele acrescenta] isto foi verdadeiro no meu caso. A minha admiração por ele era sem limites e quando o ouvi falar das falhas, dos erros e dos males da vida, fiquei muitas vezes comovido com compaixão pela humanidade e ele pareceu-me mais do que humano.

Sob a influência deste ensino, Sêneca viveu durante algum tempo uma vida de ascetismo de acordo com a regra mais rigorosa dos estoicos e, embora não tenha passado muito tempo antes de regressar a um modo de vida mais comum, alguns hábitos então contraídos e algumas abstinências então decididas, nunca abandonou. Na carta já citada, escrita a Lucílio perto do fim da sua vida, depois de ter descrito o ensinamento de Átalo e o seu próprio entusiasmo juvenil, acrescenta ele:

15. E é por isso que alguns desses hábitos ficaram comigo, Lucílio. Pois eu tinha planejado toda a minha vida com grande determinação. E mais tarde, quando voltei aos deveres de um cidadão, eu realmente mantive algumas dessas boas resoluções. É por isso que abandonei as ostras e os cogumelos para sempre; uma vez que eles não são realmente alimentos, mas atrativos para intimidar o estômago saciado a comer mais, como é a elaboração dos gourmands e aqueles

que se entopem além de seus poderes de digestão. Engolem rapidamente e vomitam rapidamente!

16. É por isso que também durante a minha vida evitei perfumes; porque o melhor aroma para a pessoa é nenhum perfume. É por isso que meu estômago é desacostumado ao vinho. É por isso que durante toda a minha vida eu evitei os banhos e acreditei que exercitar o corpo e o suar até a magreza é ao mesmo tempo inútil e efeminado. Outras resoluções foram quebradas, mas, de tal modo que, nos casos em que deixei de praticar a abstinência, observei um limite que, de fato, está próximo da abstinência. Talvez seja um pouco mais difícil, porque é mais fácil para a vontade cortar certas coisas do que usá-las com moderação.²⁸

Outro dos hábitos de Sêneca, datado provavelmente desta época, que lhe deveria ganhar alguma simpatia dos ingleses, foi o banho frio diário durante todo o ano, pelo qual, como numa das suas cartas ele nos diz, ficou conhecido:

Eu, o antigo entusiasta da água fria, que costumava celebrar o ano novo com um mergulho no queduto de Virgo tão naturalmente como fazia alguma leitura ou escrita ou compunha um discurso, mudei minha fidelidade, primeiro para o Tibre e depois para o meu tanque favorito, que é aquecido apenas pelo sol.²⁹

Outro mestre, cuja memória foi sempre honrada por Sêneca e por quem nesta época ele foi instruído, foi o erudito Papírio Fabiano, um velho amigo de seu pai. Fabiano tinha adquirido uma reputação precoce como retórico, tendo estudado retórica sob Rubélio Blando – o primeiro homem da classe equestre a ensinar essa arte em Roma.³⁰

O ancião Sêneca descreve seu estilo de linguagem como fácil, fluente e rápido, mas sem vigor e incisividade. Ele

havia conseguido tão bem, ele nos diz, banir de seu próprio peito paixões como a raiva ou o sofrimento, que havia perdido o poder de expressá-las; e isto em um retórico era um defeito. Mas seus críticos não tiveram a oportunidade de ouvi-lo, pois Fabiano logo transferiu sua filiação da retórica para a filosofia e a ciência natural e foi como filósofo que ele contribuiu para a educação do jovem Sêneca.³¹

Fabiano foi um autor copioso. Suas obras são frequentemente citadas por Plínio na História Natural e Sêneca diz que seus escritos filosóficos foram superados apenas pelos de Cícero, Pólio e Lívio. Ele escrevia em um estilo equilibrado e com um certo descuido de dicção que parecia prová-lo mais preocupado com seu assunto do que com sua forma. Sêneca respondeu ao seu correspondente Lucílio que havia lido, conforme sua recomendação, em um livro de Fabiano que não se torna um filósofo quem deveria estar refletindo sobre assuntos mais importantes. *“Como pode um homem desafiar a Fortuna se está apreensivo com as palavras? Se você o tivesse ouvido como eu ouvi, sua admiração pelo todo não lhe teria deixado nenhum espaço para criticar as partes. Embora a calma de seu discurso não tenha sido intercalada por nenhuma reflexão repentina e marcante (suhiti ictus sententiarum), a própria uniformidade de seu fluxo tinha um encanto próprio. Não havia nada elaborado em sua eloquência; ela o acompanhava como uma sombra sem nenhum esforço de sua parte. Você podia ver que ele sentia o que dizia ou escrevia; que seu objetivo era mostrar-lhe o que admirava e não excitar sua admiração por si mesmo. Ele não era descuidado no uso das palavras, mas despreocupado; seu único interesse era o benefício de seus ouvintes”*. Sêneca termina sua descrição acrescentando que as palestras de Fabiano foram maravilhosamente elaboradas para elevar a mente de um jovem bem-disposto e estimulá-lo a imitar um exemplo tão excelente, sem fazê-lo desesperar pelo sucesso.³²

Esses foram os instrutores do jovem Sêneca sob o reinado de Tibério. Sua saúde ao longo da vida sempre foi delicada. Ainda jovem, ele foi levado a grande sofrimento por uma aflição dos pulmões, que ele chamava de *suspirium*.³³

2. *Eu frequentemente debati com o impulso de terminar minha vida; mas a lembrança do meu velho pai me manteve em pé. Pois eu refleti, não como corajosamente eu tinha o poder de morrer, mas quão pouco poder ele teria em suportar corajosamente a perda de mim. E assim me mandei viver. **Por vezes é um ato de bravura até mesmo viver.***

3. *Agora vou dizer-lhe o que me consolou nesses dias, afirmando desde o início que estas mesmas ajudas à minha paz de espírito eram tão eficazes quanto a medicina. Consolação honrosa resulta em cura; e tudo o que eleva a alma ajuda o corpo também. Meus estudos foram minha salvação. Eu credito à filosofia que tenha recuperado minhas forças. Devo minha vida à filosofia e essa é a menor das minhas obrigações!*

4. *Meus amigos também me ajudaram muito a atingir a boa saúde; eu costumava ser confortado por suas palavras animadoras, pelas horas que passavam à minha cabeceira e por sua conversa. Nada, meu excelente Lucílio, refresca e auxilia um doente tanto quanto o afeto de seus amigos; nada mais afasta a expectativa e o medo da morte. Na verdade, eu não podia acreditar que, se eles sobrevivessem a mim, eu deveria morrer. Sim, repito, pareceu-me que eu deveria continuar a viver, não com eles, mas através deles. Imaginei-me a não ceder a minha alma, mas a transferir para eles. Todas estas coisas me deram a disposição de me socorrer e suportar qualquer tortura; além disso, é um estado muito miserável ter perdido o entusiasmo em morrer e não ter nenhum entusiasmo em viver.*

5. Esses, então, são os remédios aos quais você deve recorrer. O médico prescreverá seus passeios e seu exercício; ele o advertirá a não se tornar viciado na ociosidade, como é a propensão do inválido inativo; ele ordenará que você leia com mais força e exercite em seus pulmões as passagens e cavidades afetadas; ou a navegar e sacudir suas entranhas por um movimento suave; ele recomendará o alimento apropriado e o momento apropriado para auxiliar sua força com vinho ou abster-se dele a fim reduzir sua tosse. Mas quanto a mim, o meu conselho para você é este, - e é uma cura, não apenas desta sua doença, mas para toda a sua vida, - “Despreze a morte”. Não há sofrimento no mundo quando escapamos do medo da morte.³⁴

Durante várias de suas enfermidades, e provavelmente nessa, Sêneca foi cuidado por sua tia, uma meia-irmã de Hélivia e a viúva de Vetrasio Polião, durante dezesseis anos governador do Egito sob Tibério.³⁵ Foi ela quem o trouxe da Espanha para Roma quando criança e ele a considerava com especial admiração e respeito. Ele relata em sua honra um incidente do qual ele mesmo foi testemunha. Seu marido morreu no mar. Houve uma tempestade, a embarcação foi destruída e mesmo o navio estando em grande perigo, o único pensamento da viúva foi para o corpo de seu marido, do qual nenhum perigo a poderia separar e que ela conseguiu preservar. Numa data posterior, embora naturalmente modesta e aposentada, com uma aversão à publicidade de qualquer tipo que se destacava em forte contraste com o estilo comum das mulheres de seu tempo, ela exerceu toda sua influência para obter para seu sobrinho o cargo de *quaestor*³⁶ e tornou-se, como ele escreveu para sua mãe, ambiciosa por seu sucesso.³⁷

No final do principado de Tibério, Lúcio Sêneca, por vontade de seu pai, abandonou por um tempo as escolas de filosofia e praticou com sucesso na ordem dos advogados.

Este era o começo habitual para aqueles que eram ambiciosos em ter sucesso em uma carreira oficial e em elevar-se através das várias magistraturas que ascendiam ao posto de senador e ao governo das províncias.

*Seus irmãos [o ancião Sêneca escreveu a Mela] são ambiciosos e estão se preparando para uma carreira no fórum e no governo, na qual até o sucesso tem seus perigos. Houve tempos em que eu mesmo ansiava e louvava tal carreira. Por mais perigoso que seja, tenho exortado seus irmãos a segui-la, pelo menos até agora, pois eles podem fazê-lo dentro dos mais estritos limites de honra.*³⁸

Que as tentações de ultrapassar esses limites nos anos finais de Tibério foram numerosas, pode-se inferir a partir da breve descrição da época que nos deixou Sêneca – uma descrição feita por uma testemunha ocular desinteressada sem qualquer preconceito contra o império que os defensores daquele imperador achavam difícil de explicar.

*No reinado de Tibério, havia um frenesi comum e quase universal de delação, que era mais ruinoso para os cidadãos de Roma do que toda a guerra civil. A conversa de bêbados, a franqueza dos gracejadores, eram igualmente relatadas ao governo; nada estava seguro; todas as oportunidades de punição feroz foram tomadas e os homens não esperaram mais para ouvir o destino das pessoas acusadas, já que era sempre a mesma coisa.*³⁹

Nunca houve um promotor público em Roma; era antigo o dever dos cidadãos vigiarem uns aos outros no interesse da república. E a república foi depois substituída pelo imperador. Trazer uma acusação sob a *lex majestas*,⁴⁰ no suposto interesse do imperador, tinha se tornado o caminho mais rápido para a distinção judicial e o ganho patrimonial. É mérito de Sêneca que, ao contrário de Sílio Itálico⁴¹ e

muitos outros, ele tenha se lembrado da condição de seu pai com relação à honra e se manteve inocente deste tipo de imputação.

Capítulo III - O Principado de Calígula, 37-41 d.C.

Sabemos pouco sobre a vida de Sêneca durante os anos finais de Tibério e o principado de Calígula. Tibério morreu em 37 e, Sêneca ancião, em uma idade avançada alguns anos antes, provavelmente na Espanha, pois seus três filhos estavam ausentes de seu leito de morte⁴² e sabemos que sua viúva administrou com cuidado e sagacidade sua rica herança. Escrevendo no primeiro ano de Cláudio, o jovem Sêneca fala de sua fama econômica e das honras que lhe foram prodigamente concedidas pela fortuna da qual o exílio o privou e das honras públicas conquistadas pela atividade de seu irmão Gálio. Por estas distinções, o filósofo Mela havia desprezado a competitividade; mas também ele é considerado como sendo um homem rico.⁴³ Sêneca era casado e pai de um menino, que ele assim descreveu para sua mãe:

*Desses dirija o olhar a seus netos: ao gracioso menino que é Marco, diante do qual nenhum aborrecimento pode durar, nenhuma dor, por grande e recente que seja, pode arder no peito de ninguém: o menino vivaz tudo alivia! Que lágrimas não enxugaria seu riso? Que rugas de dor não estenderiam suas carícias? Quem não seria convidado a brincar pela sua alegria? Quem não se sentiria atraído e afastado de seus pensamentos, embora profundos, por aquele seu conversar infantil do qual nunca nos cansaríamos? Queiram os deuses conceder-nos que ele sobreviva a nós.*⁴⁴

Gálio também havia se casado e era viúvo. Sua filha

Novatila era considerada por Sêneca quase como uma filha sua e vivia tanto com ele quanto com seu irmão.

Nenhuma obra de Sêneca publicada antes da morte de Calígula chegou até nós, mas que suas publicações antes daquela data eram numerosas e bem sucedidas, sabemos por uma referência de Suetônio, que fala dele como se estivesse no auge de sua popularidade – “*turn maxime placentem*”. Seus livros anteriores devem ter contido a maior parte dos diálogos e discursos de poesia mencionados por Quintiliano⁴⁵. Ligado à classe oficial através da família de sua mãe, espirituoso, bem-sucedido, original e de maneiras gentis e conciliatórias, ele agradou a nova geração por suas ousadas inovações de costumes e desrespeito às convenções antigas, pela liberdade de suas críticas aos grandes oradores e poetas do passado e pelo poder singular no qual depois só foi superado por Tácito, de consagrar pensamentos marcantes em frases curtas que se fixaram na memória por sua precisão e exaustividade.

Calígula que, vaidoso em tudo, era especialmente vaidoso de seus poderes oratórios, estava comprometido em desprezar o estilo de Sêneca, que ele qualificou em uma frase muito citada como “*areia sem cal*”.⁴⁶ O tirano realmente possuía algum talento genuíno para o insulto – quando com raiva suas palavras vinham prontamente – ele se movia inquieto de lugar em lugar enquanto falava, e sua voz alta podia ser ouvida de longe. Ele também tinha muita habilidade de persuasão e em seus momentos mais sãos, uma atitude vencedora que era quase irresistível. Era seu costume fazer discursos perante o Senado nos julgamentos de grandes infratores, ocasiões em que a ordem equestre era convocada por proclamação para assistir às sessões e o destino do prisioneiro era muitas vezes decidido pelas oportunidades de um ataque, por um lado, ou de uma defesa, por outro, respectivamente, oferecido à retórica imperial.⁴⁷

O estilo ornamental de Sêneca, cravejado de epigramas isolados, contrastava fortemente com a eloquência torrencial do imperador e em uma ocasião quase lhe custou a vida. Ele havia falado no Senado na presença do imperador com tanta expressividade e sucesso que o ciúme de Calígula foi despertado e o orador teria pago a pena extrema por seu triunfo se nenhuma de suas amantes imperiais tivesse persuadido o imperador de que Sêneca estava em um processo rápido de doença e que, de qualquer maneira, morreria em breve.⁴⁸ Foi sem dúvida a essa escapatória que ele aludiu quando escreveu muito tempo depois a Lucílio que uma doença, aparentemente mortal, havia prolongado a vida e provado a salvação de muitos homens.⁴⁹ Seja por este susto, seja pelo estado de sua saúde ou porque após a morte de seu pai se sentiu mais livre para seguir suas próprias inclinações, Sêneca, neste momento, deixou de defender causas e dedicou-se à literatura e à filosofia. Através de seu cargo de Questor foi integrante do Senado, onde provavelmente esteve presente nas cenas marcantes que se seguiram ao assassinato de Calígula e pode ter compartilhado o breve sonho de uma restauração de sua antiga supremacia, da qual os senadores foram tão rudemente despertados pelos soldados e pela população.

Espalhadas nas obras de Sêneca estão histórias do imperador que ele declarou ter a Natureza produzido apenas para mostrar o que os maiores vícios poderiam produzir quando encontrados na mais alta posição. São interessantes como os únicos relatos do tirano, exceto os de Fílon de Alexandria, que temos de uma testemunha ocular.

Apesar de uma das principais diversões de Calígula ter sido a de ridicularizar as imperfeições corporais dos outros, sua própria aparência, diz-nos Sêneca, em seus últimos anos estava bem adequada ao escárnio. Ele era careca, com os cabelos errantes puxados por cima da testa para

esconder sua calvície; sua tez lívida prestava testemunho da desordem de sua mente; ele tinha a sobancelha franzida de uma mulher idosa e profundamente ajustada sob seus olhos selvagens e ferozes. Seu pescoço era peludo, suas pernas finas e seus pés enormes.⁵⁰

Esta descrição, provavelmente exagerada, só poderia ter sido aplicável a Calígula quando a doença que destruiu sua mente trouxe como seus efeitos, esses vergonhosos excessos físicos e ainda mais vergonhosas crueldades e extravagâncias que degradaram os últimos dois anos de seu principado. Essa descrição não poderia ser verdadeira durante os primeiros meses de seu reinado, adorado em todo o Império, sendo cortês, generoso, eloquente e charmoso exatamente como era apresentado como “*Juventude à espreita e Prazer ao leme*”. O navio do Estado seguia orgulhoso após os sombrios anos finais de Tibério.

Nada [escreveu Fílon daquela época] podia ser visto em nossas cidades, a não ser altares e sacrifícios, sacerdotes vestidos de branco e grinaldas, os alegres ministros da alegria geral, festivais e assembleias, concursos musicais e corridas de cavalos, vigílias de dia e de noite, diversões, recreações, prazeres de todo tipo e dirigidos a todos os sentidos.

Para a aristocracia romana este período tranquilo chegou ao fim com a recuperação de Caio de sua doença, tendo esgotado seu patrimônio pelas exigências de seu luxo e sua megalomania, começou um verdadeiro reinado de terror para suprir o tesouro imperial dos despojos das vítimas ricas, e aumentou em intensidade à medida que a consciência de culpa o fez suspeitar dos desígnios de todo homem de nota ou honestidade. Lembramos da morte de Sir Thomas More pelo relato de Sêneca sobre as serenas últimas horas de Júlio Cano⁵¹ – um dos senadores que foi condenado à morte.

4. Júlio Cano , um homem de peculiar grandeza a quem até o fato de ter nascido neste século não impede a nossa admiração, teve uma longa disputa com Calígula e, quando se afastava, aquele novo Faláris lhe disse: “Para que não se iluda com nenhuma esperança tola, ordenei que fosse executado”. Ele respondeu: “Agradeço-lhe, excelente prínceps”.

5. Não tenho certeza do que ele quis dizer, pois muitas maneiras de explicar sua conduta me ocorrem. Desejava ele ser repreendido e mostrar-lhe quão grande deve ser sua crueldade, se a morte se tornou uma benevolência? Ou o repreendeu por sua habitual insanidade? Pois mesmo aqueles cujos filhos foram mortos e cujos bens foram confiscados, costumavam agradecer-lhe. Ou foi de bom grado que ele recebeu a morte, considerando-a como liberdade? O que quer que ele quisesse dizer, foi uma resposta magnânima.

6. Alguém pode dizer: “Depois disso, Calígula poderia tê-lo obrigado a viver”. Cano não tinha medo disso: a boa vontade com que Calígula fazia cumprir ordens como estas era bem conhecida. Você acreditará que ele passou os dez dias intermediários antes de sua execução sem o menor desânimo? É maravilhoso como aquele homem falou e agiu, e quão tranquilo ele estava.

7. Ele estava jogando damas quando o centurião a cargo de vários dos que iam ser executados lhe ordenou que se juntasse a eles. Na convocação ele contou as suas peças e disse ao seu companheiro: “Não vá mentir depois da minha morte e dizer que ganhou”; então, voltando-se para o centurião, ele disse: “Você me dará testemunho de que eu estou à frente dele”. Você acha que Cano jogava naquele tabuleiro? Não, ele jogava com Calígula.

8. Os amigos dele estavam tristes por estarem prestes

*a perder um homem tão grande. “Por que”, perguntou ele, “estão tristes? Estão a perguntar se as nossas almas são imortais? Eu saberei em breve.” Ele também não deixou, até o fim, de buscar a verdade e levantou argumentos sobre o assunto de sua própria morte.*⁵²

Era impossível, como observou Sêneca, praticar a filosofia por mais tempo; e esta tranquilidade no meio das tempestades justificava uma alma digna da eternidade.

Compadecer-se dos destinos de homens como Canus, Sócrates ou Sir Thomas More seria interpretá-los mal. Mas a crueldade bizarra do imperador nem sempre poderia ser tão frustrada e outro incidente relacionado por Sêneca é provavelmente mais característico da época do que aquele que acabou de ser registrado. Havia um cavaleiro rico chamado Pastor cujo filho, tendo ofendido Calígula pela luxuosidade de seus cabelos e pela elegância de seu vestuário, havia sido jogado na prisão. Pastor veio ao imperador para implorar a libertação de seu filho e Calígula, como se de repente se lembrasse de algo que havia esquecido, ordenou que o jovem fosse imediatamente executado. No mesmo dia ele convidou o pai para um banquete de cem capas e instruiu um espião a observar sua aparência e conduta. Pastor veio, não mostrando nenhuma discórdia em seu semblante. O banquete foi esplêndido e o imperador bebeu à sua saúde, o embebedou com vinho, enviou-lhe bálsamos e guirlandas, tratou-o com especial cortesia e pediu-lhe que afogasse suas preocupações no vinho e no bom companheirismo. Pastor, um homem velho e doente, não mostrou nenhum sinal de angústia. Ele se ungiu com o óleo, se coroou com as guirlandas e bebeu mais do que teria se estivesse celebrando o aniversário de seu filho ao invés de seu funeral. Por que ele agiu assim quando estava de coração partido? Ele tinha outro filho.⁵³

Depois que Calígula, pagando a pena de seus erros, morreu pela mão de um tribuno militar chamado Cássio

Chaerea, a quem os insultos pessoais invejosos haviam o posto à ação, seu tio Cláudio foi descoberto por um soldado escondido atrás de uma cortina num canto escuro do palácio, levado tremendo de seu esconderijo para o acampamento pretoriano e saudado como imperador pelos soldados.

Com a notícia do assassinato, o Senado se reuniu e resolveu restaurar a antiga constituição. A princípio, eles foram apoiados por quatro grupos urbanos e, pela última vez na história romana, a palavra de ordem foi dada pelos cônsules. Chaerea, que veio para pedi-la, foi recebido com fortes aplausos e a palavra, escolhida foi Libertas. Mas os soldados pretorianos estavam determinados que o poder supremo deveria ser seu próprio legado e o povo, longe de desejar um retorno aos tempos conturbados da República, considerava o imperador como um refúgio contra a opressão senatorial e muitos mestres, como o pior dos males. No segundo dia, apenas cem senadores obedeceram à convocação dos cônsules para o Templo de Júpiter, de onde se originaram suas próprias milícias. Depois de clamorosamente chamá-los a escolher um imperador, foram remediados, em sua hesitação e fizeram o juramento de fidelidade a Cláudio. O Senado se submeteu à situação e decretou a Cláudio todas as honras ligadas ao principado.

Capítulo IV - Exílio na Ilha de Córsega, 41-49 d.C.

O novo imperador havia sido objeto de ridículo e desprezo durante toda sua vida. Ele tinha cinquenta anos de idade, era lento em pensamento, desajeitado em seus movimentos, fraco em suas pernas, com cabeça e mãos trêmulas e uma língua grande demais para sua boca, temeroso ao excesso, apático a tal ponto que nenhum insulto poderia despertar nele ressentimento ou sofrimento, ganancioso e sensual, erudito, pedante e distraído - honesto e bem intencionado. Quando criança, sua mãe Antônia o descreveu como uma monstruosidade, uma tentativa inacabada e abandonada da Natureza; e dizia de uma pessoa idiota, ser semelhante ao seu filho Cláudio. O imperador Augusto, conhecido por sua graça e beleza, tinha vergonha de seu estranho jovem parente e o retirava, tanto quanto possível, da vista do público. Ele foi criado rigorosamente sob a disciplina de pupilo por um tempo excepcionalmente longo e nunca admitido a honra pública até após a morte de Augusto, quando Tibério, que o tratava com mais consideração, concedeu-lhe privilégios consulares, enquanto ainda lhe negava o consulado. A esta honraria ele foi finalmente promovido por Calígula em sua ascensão; mas as mortificações que ele foi obrigado a suportar na corte de seu sobrinho excederam tudo o que ele havia experimentado anteriormente. Ele se tornou o alvo dos cortesãos e vítima de mil brincadeiras práticas para divertir o imperador. Uma vez, quando chegou atrasado para o jantar, foi obrigado a tomar o lugar mais baixo à

mesa; quando dormia, como costumava fazer depois de satisfazer seu apetite guloso, eles o atiravam caroços de azeitona ou empunhavam chinelos sobre suas mãos, para que ele friccionasse seus olhos com eles ao acordar. Na Campânia, no entanto, onde havia vivido em retiro por muitos anos, em sua exclusão dos negócios públicos, nos intervalos de tempo dados aos prazeres da mesa e ao jogo que amava, ele havia cultivado sua erudição e estudado com eficácia. Ele era um excelente estudioso do grego, podia fazer um bom discurso quando lhe era dado tempo para a preparação e foi autor de inúmeros livros sobre temas históricos e gramaticais.

Cláudio começou bem o seu reinado. Convocou cidadãos injustamente e Livross por seu predecessor e lhes restituiu seus bens; revogou os novos impostos opressivos; administrou a justiça pessoalmente com grande assiduidade, auxiliado pelos cônsules e pretores como assessores; queimou todas as cartas incriminadoras deixadas por Calígula depois de tê-las mostrado às pessoas interessadas. Ele proibiu a prática de fazer legados ao imperador, a qual os ricos estavam acostumados a recorrer como única forma de assegurar a disposição do restante de seus bens de acordo com sua vontade e restituiu às cidades de onde haviam sido tiradas as estátuas que Calígula havia trazido a Roma. Outras medidas, tais como a proibição de cerimônias judaicas e o fechamento de habitações públicas, foram de caráter mais questionável.

Mas a natureza maçante, tímida e autoindulgente do imperador logo se cansou de fazer o bem. Criatura de hábitos, e temerosa mudança de qualquer tipo, ele caiu cada vez mais completamente sob a influência de sua dissoluta, cruel e voraz esposa Messalina e dos libertos a cujos rostos ele estava acostumado, até que finalmente ele se tornou quase tão negligenciado e desprezado quanto antes de sua ascensão. Não há homem que seja desprezado

por outros até que se despreze a si mesmo, é uma observação feita por Sêneca. Cláudio desprezava a si mesmo e estava convencido de sua fraqueza. Uma vez, quando uma testemunha feminina estava dando seu testemunho perante o Senado, ele disse: *“Esta era a criada de minha mãe e a mulher livre; mas ela sempre me considerava como seu mestre. Digo isto porque ainda há algumas pessoas que vivem em minha casa e que não me consideram seu mestre”*.

A imperatriz e os libertos, atuando sobre seus medos, conseguiam assegurar a condenação de qualquer pessoa cujas propriedades cobiçavam ou cujos desígnios suspeitavam e, vendendo cargos e justiça, amealharam enormes fortunas para si mesmos. As duas paixões dominantes de Cláudio eram mulheres e espetáculos sangrentos da arena. A primeira o escravizou para suas sucessivas esposas e seus preferidos; a segunda o fez encontrar mais satisfação nas condenações que proporcionavam, matéria para suas diversões, do que na absolvição das pessoas acusadas.

Entre aqueles que foram chamados do exílio no início do novo reinado estavam as sobrinhas do imperador, Júlia e Agripina, a quem seu irmão Calígula, com sua inconstância habitual, havia banido depois de lhes ter conferido todo tipo de honra. Júlia era bela e ambiciosa e Sêneca, ligado como estava à casa de Germânico, estava muito presente em sua convivência. O imperador também conversava com ela muitas vezes sozinho e parecia provável que estivesse sob sua influência. Messalina, que não recebia da orgulhosa beldade nem honra nem bajulação, ficou ciumenta e apreensiva. O marido de Júlia havia sido apontado como um possível sucessor de Calígula após seu assassinato,⁵⁴ e a lembrança disso talvez tenha permitido à imperatriz persuadir Cláudio a bani-la novamente dentro de um ano depois de sua convocação do exílio. De toda forma, ela foi

banida sob a acusação de adultério e, pouco tempo depois, condenada à morte em seu lugar de exílio. Sêneca, na breve luta pelo poder entre a imperatriz e Júlia, uniu-se a Júlia, e compartilhou sua desgraça. Ele foi acusado de uma intriga criminal com Júlia e desterrado para a ilha de Córsega por um decreto do Senado.⁵⁵

Primeiro foi proposta a pena capital mas esta, por interposição do imperador, foi comutada em uma sentença de exílio.⁵⁶ Da árida e inóspita costa da Córsega, onde Sêneca em meia-idade foi detido por quase oito anos, ele escreveu para sua mãe Hélvia a “**Consolação**”⁵⁷ a qual Bolingbroke⁵⁸ parafraseou em suas “**Reflexões sobre o Exílio**”. Ela não deve chorar, diz-lhe Sêneca, nem por ele nem por ela mesma. Não por ele; pois ele não é infeliz. Tudo o que ele perdeu, tudo o que a fortuna lhe havia concedido tão generosamente – honras, dinheiro, fama – ele nunca tinha considerado como se fossem suas.

4. Nunca me entreguei à fortuna, mesmo quando parecia que estava em paz comigo. Todos os favores, dos quais muito generosamente me cercava (riquezas, cargos, prestígio), coloquei-os em tal lugar de onde a mesma fortuna pudesse retomá-los, sem me aborrecer. Deixei sempre grande distância entre mim e eles: tirou-me os favores, portanto, não os arrancou. A fortuna contrária não diminui senão os homens que se deixaram enganar pela prosperidade.

5. Os homens que se agarram a seus presentes como a coisas das quais tem perpétua propriedade e que através deles querem ser invejados pelos outros, jazem prostrados e aflitos quando os deleites falsos e fugazes abandonam sua alma vil e pueril, que ignora qualquer prazer real. Mas quem na prosperidade não se orgulhou, não se abala se as coisas mudam. Contra um e outro estado têm uma alma invicta, cheia de firmeza

*já experimentada, porque experimentou na boa fortuna o que é útil contra a infelicidade.*⁵⁹

Tudo o que há de melhor no homem, ele insiste, está além do poder dos outros. Não pode ser dado; não pode ser tirado. Nenhuma mudança de lugar – e o exílio não é nada além disso – pode tirar dele o espetáculo glorioso do universo, nem a mente contemplativa, vagando sagrada e imortal por todo o passado e todo o futuro, que por si só é a parte mais nobre desse universo. Em defesa de sua afirmação, pouco convincente em si mesma, no sentido de que, como tantas pessoas deixaram seu país por sua própria vontade, não pode haver grandes dificuldades em um exílio involuntário, Sêneca dá um relato interessante da Roma de sua época:

Olha, pois, para a multidão, à qual não são suficientes as casas da imensa Roma: a maior parte dela está longe de sua pátria. Afluem de seus municípios, de suas colônias, de toda a terra, alguns levados pela ambição, alguns pelo seu dever de magistrado, alguns por uma missão confiada, outros pelo afã de gozar em lugar mais apropriado e rico de vícios, outros pelo desejo de estudos literários, outros pelos espetáculos; alguns foram impelidos pela amizade, outros por uma atividade que encontrou mais amplo teatro para demonstrar a própria virtude; alguns levaram para lá sua venal beleza, outros sua venal eloquência.

*3. Nenhuma raça de homens falta na cidade, que oferece grandes prêmios às virtudes e aos vícios. Suponhamos que todas essas pessoas sejam chamadas, uma por uma e se pergunte a cada uma onde nasceu: veremos que a maioria é formada por gente que deixou sua residência para se estabelecer numa cidade grandíssima e belíssima, realmente, mas não sua.*⁶⁰

Se, então, sua mãe não tem motivos para lamentar por ele, tampouco deve lamentar por si mesma. À perda de um protetor ele sabe que ela é indiferente, pois ela nunca se preocupou com o sucesso de seus filhos no que diz respeito aos seus próprios interesses. Para sua angústia pela ausência de seu filho é de fato mais difícil encontrar um remédio. Mas ele a exorta a se consolar com seus outros filhos, para um dos quais, Gálio, suas honras serão principalmente valiosas como ornamentos a serem colocados a seus pés; para o outro, Mela, seu retiro, pois pode permitir que ele desfrute mais de sua sociedade. Sua neta, Novatila,⁶¹ perdeu recentemente sua mãe; que Hélivia seja mãe para ela e assuma a formação de sua mente e seus modos; ela encontrará alívio em uma ocupação tão honrada. Sua irmã viúva também provará para ela o maior conforto de todos. Não é, porém, nestes que ela deve procurar a verdadeira cura para sua angústia. Deve ser algo além do alcance da fortuna; e isto só pode ser encontrado nos estudos filosóficos para os quais ela deve recorrer. A filosofia, se a receber de boa fé em sua alma, não deixará espaço para a dor ou para a ansiedade ou para os problemas inúteis de um desespero estéril. A todas as outras enfermidades e falhas seu peito há muito tempo está fechado, com a filosofia também estará fechado a estas. Sêneca termina sua carta descrevendo suas ocupações na ilha:

1. No entanto, uma vez que é necessário, o que quer que você faça, que seus pensamentos às vezes revertem a mim e que eu devo agora estar presente em sua mente com mais frequência do que seus outros filhos, não porque eles são menos queridos para você, mas porque é natural colocar as mãos com mais frequência em um lugar que dói. Aprenda como você deve pensar em mim: estou tão alegre e animado quanto em meus melhores dias. De fato, estes dias são

meus melhores, porque minha mente está aliviada de toda a pressão de negócios e está a vontade para atender aos seus próprios assuntos. Em um tempo se diverte com estudos mais leves, em outro pressiona ansiosamente suas investigações sobre sua própria natureza e a do universo, primeiro considera os países do mundo e sua posição, o caráter do mar que flui entre eles e o refluxos e fluxos alternativos de suas marés.

2. Em seguida, investiga todos os terrores que se encostam entre o céu e a terra, a região despedaçada por trovões, relâmpagos, rajadas de vento, vapor, chuvas de neve e granizo. Finalmente, tendo percorrido cada um dos reinos abaixo, minha mente se aproxima do mais alto paraíso, goza do mais nobre de todos os espetáculos, das coisas divinas e, lembrando-se de ser eterna, analisa tudo o que foi e tudo o que será para sempre e sempre.⁶²

Outro tratado, ou fragmento de tratado, de caráter muito diferente é geralmente atribuído a Sêneca, e supõe-se que tenha sido escrito por ele no seu lugar de exílio. Este é o “*Consolação a Políbio*” pela morte de seu irmão. O rico liberto Políbio atuou como secretário literário (*studiis*) de Cláudio – um cargo importante sob aquele príncips erudito – e foi o autor de traduções em prosa de Homero para o latim e de Virgílio para o grego. Não só a “*Consolação*” está repleta da mais abjeta bajulação, tanto dele quanto do imperador, mas é uma bajulação de tal espécie, tão mal-educada, tão obviamente insincera, que é difícil acreditar que ela possa ter dado prazer a um ser humano e ainda mais difícil supor que um homem instruído, espirituoso e respeitador de si mesmo, com o talento de agradar que até mesmo seus críticos consentiam que Sêneca possuísse – um escritor, aliás, muito sensível na questão de sua própria reputação – poderia ter imaginado que era capaz de dar tal

prazer. Cláudio é elogiado pela excelência de sua memória – Cláudio que perguntou quando Messalina viria jantar no dia seguinte à sua execução – A Políbio é assegurado estar em nível com Homero e Virgílio e que se ele celebra os atos do imperador, em cuja excelência ele pode encontrar ao mesmo tempo material para sua história e um modelo perfeito para a composição histórica, sua obra será lida pela última posteridade.

Todas as obras sérias de Sêneca são repletas de pensamentos altivos e marcantes, tão alegremente expressos que se imprimem na mente. Raramente um escritor tem sido citado com ou sem reconhecimento, ou mais merece ser citado, do que aquele de cujos tratados foi afirmado por um dos melhores críticos ingleses, que em sua combinação de pensamento elevado com sentimento profundo poucas vezes, se é que alguma vez, foram superados. Mas o pensamento elevado e o sentimento profundo e a dignidade moral estão igualmente ausentes da *“Consolação a Políbio”*. Dificilmente há nele uma frase digna de ser citada. O sentimento é lugar comum quando não é comprometido. O escritor observa da escola estoica à qual Sêneca pertencia, que seus filósofos eram mais notáveis pela rigidez do que pelo discernimento e que se alguma vez tivessem sabido o que era sofrer adversidade real, teriam sido compelidos a retratarem suas doutrinas e confessarem a verdade. Além disso, Sêneca não era bajulador; pois no nobre panegírico da clemência ao jovem Nero, escrito antes que o imperador tivesse perdido todo título a essa virtude, e numa época em que era de grande importância para a comunidade interessar-se pela vaidade, que era sua paixão dominante na manutenção de sua reputação a esse respeito, não foi bajulador. Tácito nos diz que na última mensagem de Sêneca a Nero, ele o lembrou que não foi dado à adulação, acrescentando que ninguém sabia disso melhor do que o imperador, que tinha mais razões para

reclamar de sua liberalidade do que de sua servilidade.⁶³ Mais uma vez, é-nos dito que seus inimigos, ao conspirar sua queda, entre muitas outras denúncias o acusavam de ter aversão às diversões favoritas do imperador, de menosprezar sua habilidade na equitação e de desprezar o pensamento e expressá-lo, mesmo da célebre voz.⁶⁴ Ele mesmo no *De Clementia*, depois de descrever a época de ouro que se seguiu à ascensão de Nero, diz que não se detém neste quadro para lisonjear os ouvidos do imperador, pois ele sempre preferiria incomodá-los por uma verdade do que agradá-los por adulação. Cássio Dião afirma em relação àquela singular ofensiva contra Sêneca que contrasta tão estranhamente com suas citações anteriores, que ele endereçou um livro cheio de lisonjas da ilha de Córsega aos libertos imperiais; mas acrescenta que, ao retornar do exílio, Sêneca se envergonhou disso e conseguiu suprimi-lo.⁶⁵ A conjectura de Diderot é que o tratado original tendo perecido o que agora possuímos é uma falsificação, composta por um dos numerosos críticos da vida e dos escritos de Sêneca que a reação conservadora contra ele no século II criou, e que foi concebida para alimentar o ódio e o ridículo ao filósofo, liberto e imperador. Grande parte dela certamente parece uma paródia; pois aquelas características de Sêneca, que são fáceis de imitar ou caricaturar – as frases curtas, as antíteses, as retóricas e assim por diante – estão todas lá; enquanto há poucos traços de sua sagacidade ou sutileza ou imaginação ou profundidade ou elevação mental. O clímax é substituído pelo anticlímax, o *sursum corda*⁶⁶ por repetições das quais Ovídio poderia ter se envergonhado. No entanto, apesar de se refugiar na suposição de Diderot de uma conclusão duvidosa à escrita por Sêneca, a evidência interna de certos leitores familiarizados com seus outros escritos vai quase além da habilidade de um imitador.

No último capítulo, após exortar Políbio a distrair sua

mente de sua tristeza mergulhando mais profundamente do que nunca em seus estudos eruditos, o filósofo, por um giro repentino e característico, admite que erradicá-la completamente não seria nem possível nem mesmo desejável.

...deixe suas lágrimas fluírem, mas deixe-as um dia pararem de fluir. Lamente tão profundamente quanto você quiser, mas deixe seus lamentos cessarem um dia. Regule sua conduta de modo que tanto filósofos quanto irmãos possam aprová-la. Sinta prazer em pensar frequentemente em seu irmão, fale constantemente dele e mantenha-o sempre presente em sua memória; o que você não pode conseguir a menos que faça a lembrança dele ser agradável e não triste: pois é natural que a mente se retraia de um assunto que ela não pode contemplar sem tristeza.

Estes mesmos argumentos, na mesma sequência mas em palavras diferentes, este mesmo conselho e consolo, Sêneca dirigiu muitos anos depois a outro amigo, que havia perdido um filho pequeno.⁶⁷ A coincidência pode, naturalmente, ter sua origem na habilidade de um falsificador mas, nesse caso, ele deve ter possuído um poder de reserva muito incomum em sua espécie; pois não temos aqui nenhuma caricatura, mas um exemplo aparente da maneira como uma linha de pensamento reaparece em um escritor após um longo intervalo de anos, quando mais uma vez trata um assunto semelhante.

Além disso, quando consideramos as circunstâncias em que Sêneca se encontrava e o caráter do homem, temos menos dificuldade de acreditar em sua autoria. Sêneca estava no auge da vida, no auge de sua fama, ambição e popularidade (“*turn maxime placentem*”), tendo já entrado no curso das honras através de seu cargo de *quaestor*, felizmente casado, ultimamente reunido a uma mãe adorada a quem provavelmente nunca mais veria, se seu

exílio fosse prolongado. E Sêneca não foi modelado em um arquétipo heroico. Embora seu olhar estivesse sobre as estrelas, seus pés estavam muitas vezes na lama. Ele próprio assumiu humildemente que não estava à altura de seus próprios ideais e dizia, como Horácio, “*Video meliora proho que, deteriora sequor*”. No final de alguns anos de um exílio que estava destinado a durar quase oito anos, seu espírito estava quebrado. Nos textos que ele escreveu na Córsega, ele fala de si mesmo como um cadáver e ameaça um falso amigo, quem quer que seja, transformado em inimigo, com a vingança dos mortos.⁶⁸ Tudo na ilha o desagradava – o calor abrasador do verão, o frio terrível do inverno, o solo infértil, a solidão e a aridez do lugar.

O “*grito de socorro*” com o qual ele termina a obra – talvez a única passagem sincera que ela contém – dá um forte testemunho de sua autenticidade:

*Juntei estas reflexões da melhor maneira que pude, pois minha mente está obscurecida e estupefata com o tédio do meu longo exílio: se, portanto, você as achar indignas da consideração de uma pessoa de sua inteligência, ou incapazes de consolá-lo em sua dor, lembre-se como é impossível para alguém que está cheio de suas próprias mágoas encontrar tempo para se dedicar às dos outros, e como é difícil se expressar na língua latina, quando ao redor não se ouve nada além de uma gíria estrangeira grosseira, que até mesmo bárbaros do tipo mais civilizado consideram com repugnância.*⁶⁹

Capítulo V - Retorno do Exílio - Últimos Anos de Cláudio, 48-54 d.C.

Uma revolução palaciana em Roma, no ano 48, pôs fim ao exílio de Sêneca. Messalina, descuidada pela paixão por seu amante Sílio⁷⁰, resolveu arriscar tudo em um lance desesperado e, a seu pedido urgente, concordou publicamente em casar-se com ele enquanto Cláudio estivesse fora em Óstia. Depois disso, ele deveria tomar o poder supremo e adotar seu filho Britânico. Os libertos de Cláudio - Narciso, Calisto e Palas - temerosos de perder seu poder e suas fortunas, hesitaram entre três cursos - nada fazer, ou por meio de ameaças secretas de informar o imperador separar Messalina de Sílio e forçá-la a abandonar seus planos, ou sem mais delongas informar a Cláudio o que estava acontecendo e arriscar a inevitável ruína que se seguiria caso Messalina encontrasse novamente uma oportunidade de dominar a vontade fraquejante do tímido e apaixonado César. O último curso acabou se preconizando a Narciso, ao mesmo tempo o mais ousado dos libertos e o mais apegado ao imperador. Cláudio, informado, voltava de Óstia, enquanto no jardim de seu palácio se celebrava o Bacanal⁷¹ com banquetes e bebidas e os excessos mais selvagens. A própria Messalina e Sílio conduziam as festividades, ela como uma bacante,⁷² sacudia o tirso⁷³ e Sílio, coroado de hera; e ao redor deles mulheres, vestidas de peles, dançavam e cantavam em louco autoabandono. Um dos foliões, que havia subido ao topo de uma árvore, foi

perguntado por seus companheiros o que via: “*Uma terrível tempestade vindo de Óstia*”, respondeu ele, em palavras depois consideradas como um presságio. Logo depois veio a notícia de que Cláudio sabia tudo, e estava retornando imediatamente a Roma e à vingança. A companhia se dispersou e Messalina saiu para encontrar-se com o imperador e com seus filhos, Otávia e Britânico. Narciso e seus confederados, no entanto, conseguiram impedir um encontro; Cláudio atônito, estupefato e silencioso, deixou tudo para o liberto; Sílio foi capturado e executado e o mesmo destino teve Messalina. A notícia foi trazida a Cláudio em seu jantar. Não lhe foi dito se ela morreu por suas próprias mãos ou pelas de outro, nem ele teve a curiosidade de perguntar.

*Nos dias seguintes [diz Tácito] ele não mostrou sinais de raiva ou de ódio, de alegria ou de tristeza, ou de qualquer emoção humana; nem ficou comovido em qualquer grau pela visão de seus filhos tristes ou pela satisfação triunfante demonstrada pelos acusadores de Messalina.*⁷⁴

Terminada a crise, o próximo objetivo dos libertos era proporcionar um sucessor para a posição e o poder de Messalina. A candidata de Narciso era Aelia Petina,⁷⁵ uma das ex-mulheres de Cláudio e mãe de sua filha Antônia, de quem se divorciou por razões triviais.⁷⁶ Calisto apoiou as reivindicações de Lolia Paulina, uma bela mulher de imensa riqueza, que havia sido casada por pouco tempo com Calígula. Palas abraçou a causa de Agripina, a filha de Germânico, irmã de Calígula e sobrinha do imperador. Cláudio, servo dos hábitos e facilmente governado por aqueles que tinham acesso a ele, foi exposto às artes de Agripina, cujo relacionamento lhe deu oportunidades não aproveitadas por suas rivais de seduzir seu tio apaixonado. Este relacionamento, entretanto, foi de outra forma um obstáculo à aliança, pois a opinião pública romana

considerava tais casamentos como incestuosos e o próprio Cláudio havia sido recentemente prevalecido por Agripina – que desejava abrir o caminho para o casamento de seu filho – a fim de anular o noivado de sua filha Otávia com Lúcio Silano por uma falsa acusação contra aquele senador de uma ligação criminosa com sua irmã. Mas o cortesão Vitélio, notoriamente servil mesmo numa época de servidão, que havia sido empregado para elaborar a acusação contra Silano, colocou novamente seus serviços à disposição de Agripina e convenceu facilmente o Senado a rogar ao imperador, no interesse público, que contraísse este casamento. Ao mesmo tempo, tais casamentos foram declarados legais por um decreto do Senado. Cláudio casou-se com Agripina, seu filho Domítico foi desposado por Otávia e logo após foi adotado pelo imperador sob o nome de Nero. Silano se matou, enquanto Lolia, acusada de consultar os caldeus a respeito do casamento do imperador, foi exilada e logo em seguida obrigada a terminar sua vida por ordem da imperatriz.

Mas Agripina, para que não se tornasse conhecida apenas por atos malignos, obteve para Aneu Sêneca a revogação do seu exílio e, ao mesmo tempo, a pretoria. Ela pensou que este seria um gesto popular já que Sêneca tinha alta reputação de sabedoria e eloquência e ela estava, além disso, desejosa de lhe confiar a educação de seu filho Nero, cuja sucessão ao Império poderia ser esperada.⁷⁷

Seu retorno a Roma deu a Sêneca a oportunidade de observar de perto os abusos de um dos piores governos que Roma tinha conhecido. A principal característica do reinado de Cláudio foi a transferência da administração das antigas magistraturas para uma espécie de serviço civil imperial, à frente do qual se encontravam os libertos da casa imperial. As províncias eram governadas em sua maioria por procuradores, ou representantes diretos do imperador,

escolhidos não entre os senadores, mas entre cavaleiros e libertos; e a estes eram atribuídos, por decreto do Senado, os plenos poderes judiciais exercidos em Roma pelo imperador. Em Roma, Cláudio tornou-se ministro de seus secretários libertos, que acumularam vastas fortunas com a venda de honras e mandatos, indultos e punições e a seu prazer revogavam as decisões do imperador, adulteravam seus mandatos e cancelavam seus donativos. Palas, o mais poderoso deles, foi seu secretário financeiro e amante de Agripina. Esses poderes, nos é dito por Tácito, pelos quais em tempos anteriores as ordens rivais do Estado tinham lutado tão ferozmente, que tinham passado dos equestres para o Senado e do Senado para os equestres e que tinham sido o principal motivo da guerra entre Mário e Sula, foram por Cláudio cedidos a seus indicados da mais baixa classe social. Os primeiros Césares haviam de fato dado plenos poderes a seus representantes em províncias como o Egito, especialmente reservados a eles sob a constituição de Augusto, mas estes sempre foram equestres de distinção – foi dado a Cláudio o poder de elevar a autoridade dos libertos de sua casa a um nível semelhante ao seu e ao das leis.⁷⁸

O próprio Cláudio tinha uma paixão por julgar, o que lembra o juiz na comédia de Racine. No início de seu reinado, ele passava o dia inteiro sentado no Fórum ou no pórtico de um dos templos, ouvindo casos até mesmo em dias de festa e dando suas decisões mais sobre o que lhe pareciam princípios gerais de equidade do que em obediência à letra da lei. Ele tinha uma voz alta, rouca, difícil de entender e embora às vezes mostrasse sagacidade na bancada, seus julgamentos eram, segundo nos dizem, precipitados e irrefletidos e às vezes no mais alto grau absurdos. Ele sempre decidia contra os ausentes em favor do presente, por mais involuntária que fosse essa ausência e em sua ansiedade de concluir o maior volume de

processos no menor tempo possível, muitas vezes pronunciaria julgamento após ouvir apenas um dos lados do caso. Ele não fazia nenhuma tentativa que visasse preservar sua dignidade. Suplicantes o puxavam de volta para o banco por seu manto enquanto ele se preparava para seu jantar. Em uma ocasião, um equestre, acusado de alguma ofensa pelo tipo de testemunha mais mesquinha, ficou tão exasperado pela estupidez do imperador que atirou seus papéis à cabeça do imperador.⁷⁹ Entretanto, à medida que Cláudio julgava os casos abertamente, nenhum grande mal foi feito. Mas depois de um tempo ele foi persuadido por suas esposas e libertos a julgar criminosos políticos à câmara, com seus indignos favoritos como assessores, o resultado foi os piores casos de crueldade e opressão que desonraram seu reinado. A opinião de Sêneca sobre estes métodos de administração pode ser colhida na sátira *A Apocoloquintose do divino Cláudio*⁸⁰ e nas reformas no início do reinado de Nero, das quais ele foi o autor. Nero tinha doze anos quando foi adotado por Cláudio. Britânico, o filho do imperador, era três anos mais novo. Eles eram agora irmãos aos olhos da lei e Nero, como o mais velho, tinha precedência. Cláudio anunciou a adoção em um discurso ao Senado, defendendo-a por motivos sugeridos por Palas como um passo dado no interesse público com vistas ao alívio de seu próprio trabalho e à provisão de um apoio para a infância de Britânico. Ele citou os precedentes de Augusto que, na vida de seus netos, havia compartilhado seu poder com seus enteados e de Tibério, que havia adotado seu sobrinho Germânico e o colocou em pé de igualdade com seu próprio filho Drusos.⁸¹

No ano 51 d.C. Nero, então no início de seu décimo quarto ano, assumiu a *toga virilis* - um evento cerimonial de grande importância na vida de um jovem romano de distinção, pois marcava o encerramento de sua infância e sua entrada na vida pública. A época usual para esta etapa

era o início do décimo quinto ano, mas os poderosos protetores de Nero, ansiosos por seu avanço precoce para antecipar sua sucessão ao principado, anteciparam por um ano o período natural de sua maioridade. O Senado, com característica subserviência, imediatamente solicitou ao imperador que Nero pudesse ter poderes para entrar no cargo de cônsul em seu vigésimo ano e que, enquanto isso, como cônsul designado, ele pudesse receber autoridade proconsular fora da cidade e que o título de *princeps iuventius*, ou príncipe da juventude, pudesse ser conferido a ele e todas as outras petições às quais Cláudio teve a graciosa satisfação de consentir. Os soldados e o povo foram, ao mesmo tempo, gratificados com donativos.

Britânico, entretanto, foi objeto de piedade geral. Ele era considerado um rapaz promissor, embora se esta opinião era bem fundamentada ou se era apenas o resultado do interesse naturalmente despertado por seus infortúnios, é uma questão deixada em dúvida pelos historiadores. Ele foi negligenciado pela Corte, privado dos mais fiéis de seus assistentes e rodeado das criaturas de Agripina. Nos jogos de circo realizados em homenagem à maioridade de Nero, o povo evidenciou o contraste entre o esplêndido traje deste príncipe adornado com os ornamentos triunfantes e a humilde *praetexta*, ou vestimenta de garoto, de Britânico; o sucessor do Império parecia ser indicado por essa distinção. A criança de doze anos, que continuou a chamar seu irmão de Domício em vez de Nero após a adoção, foi alvo de uma grave reclamação por parte de Agripina a Cláudio que, em seguida, retirou seus antigos tutores e os substituiu pelos indicados da madrasta.

O passo mais importante, no entanto, dado por Agripina no interesse de seu filho foi a reorganização da guarda pretoriana sob um único chefe. Esta força, à qual foi confiada a proteção da pessoa do imperador, estava na época sob o comando conjunto de Geta e Crispino - dois

oficiais que deviam suas comissões a Messalina e que, acreditava-se eram devotados à causa de seus filhos. Eles foram removidos, sob o pretexto de que, no interesse da disciplina, seria melhor que toda a força fosse comandada por um único prefeito, e Afrânio Burro,⁸² um soldado de grande distinção embora de origem humilde, foi nomeado em seu lugar. A história tem pouco de bom que se possa registrar de Agripina, mas deve-se admitir que o mundo lhe deveu a ascensão de Burro e de Sêneca ao poder e assim indiretamente os cinco anos de governo admirável que esses estadistas posteriormente lhe permitiram desfrutar.

Embora Sêneca tenha obedecido ao chamado de Agripina para retornar a Roma e assumir a educação de seu filho, ele teria preferido fazer outro uso de sua liberdade restaurada. Seu próprio desejo era estabelecer-se em Atenas, como fez Ático, e ali viver uma vida contemplativa no estudo da moral e da filosofia natural. Ele rapidamente percebeu o quanto a disposição de seu jovem pupilo era cruel e extravagante e, embora ele tenha se convencido de que, em algum grau, havia conseguido moldá-lo, diz-se que ele observou em conversa com seus amigos que, se alguma vez o jovem leão provasse sangue humano, a ferocidade arraigada de sua natureza se reafirmaria.⁸³

No ano 53 Nero, então em seu décimo sétimo ano de vida, foi casado com Otávia e no mesmo ano fez sua primeira aparição no Senado como orador, pleiteando a causa dos cidadãos de Ílion.⁸⁴ Este discurso foi em grego e tratava da lendária ligação de Roma com Tróia e a descendência da raça Juliana de Enéas. Com ele, ganhou do Senado, a remissão total dos impostos aos homens de Ílion que era seu objetivo nominal, sendo seu verdadeiro motivo, aplausos. Este sucesso foi seguido por um discurso em latim em nome de Bononia, que havia sido devastada pelo fogo e um grande subsídio em ajuda aos cidadãos foi aprovado. De toda as artes, a eloquência era a que menos atraía Nero, e

aqueles discursos, que despertaram grande admiração, foram composições de Sêneca.

No ano seguinte (54), uma sucessão de ocorrências inusitadas foi considerada como presságio de uma revolução. Houve rumores de nascimentos monstruosos; tendas e pátios foram atingidos por raios; um magistrado de cada posto – um questor, um edil, um tribuno, um pretor e um cônsul – morreram em poucos meses. A saúde do imperador estava falhando e ele estava começando a mostrar alguns sintomas de um retorno de afeição por seu filho Britânico, cujos interesses eram defendidos pelo ainda poderoso liberto Narciso. Um dia ele exclamou, após beber, que embora estivesse destinado a sofrer os crimes de todas as suas esposas, estava destinado também a puni-las.⁸⁵ Agripina, completamente alarmada, resolveu agir e com a ajuda de uma mulher chamada Locusta – uma envenenadora, nos dizem, há muito considerada um instrumento necessário da Corte – deu veneno a seu marido em seu prato favorito de cogumelos. A morte foi encoberta e Britânico com suas irmãs foram mantidos dentro do palácio até que tudo estivesse pronto para a sucessão pacífica por Nero. O Senado havia sido convocado com a notícia da doença do imperador, e os votos foram oferecidos para sua recuperação. Finalmente, ao meio-dia de 13 de outubro, as portas do palácio foram abertas, Nero, escoltado por Burro, apresentado à guarda e não aparecendo nenhum rival, foi recebido com aclamação. Burro, em seguida, o levou ao acampamento onde, depois de se dirigir aos soldados e prometer-lhes um donativo, foi saudado como imperador. A escolha dos soldados foi confirmada por um decreto do Senado e seguida pela pronta submissão das províncias.

Capítulo VI - O Quinquênio de Nero, 54-59 d.C. (Quinquennium Neronis⁸⁶)

O primeiro assunto do Senado no novo reinado foi decretar um funeral público para Cláudio e sua apoteose.⁸⁷ No dia do funeral, Nero fez um discurso composto para ele por Sêneca.⁸⁸ Enquanto ele falava da antiguidade, dos triunfos e das honras da família claudiana, da prosperidade ininterrupta nos assuntos externos que distinguiam o reinado de Cláudio e do gosto daquele prínceps pelas letras e pelas artes, ele era ouvido com aprovação; mas quando ele passou a elogiar a sabedoria e a previdência do falecido imperador, seus ouvintes não conseguiram conter o riso. *“Ainda que o discurso”, acrescenta Tácito com uma ambiguidade característica, “como todas as composições de Sêneca, fosse de notável elegância e encanto, pois de fato havia algo na mente do homem que estava exatamente ajustado ao gosto daquela geração”, é provável que o fracasso desta parte de seu discurso não tenha desagradado muito ao orador imperial; pois apesar da magnificência das cerimônias fúnebres, a memória de Cláudio e a própria apoteose foram os sujeitos de ridículo e desprezo na Corte. Cláudio, disse Gálio, em alusão aos ganchos com os quais os corpos dos criminosos condenados eram arrastados pelos degraus da Gemônia e lançados no Tibre, havia sido arrastado para o céu com um gancho.⁸⁹ Nero exclamou que agora estava claro que os cogumelos eram alimento para os deuses e Sêneca produziu sua*

famosa obra *A Apocoloquintose do divino Cláudio*.⁹⁰

Neste mosaico satírico de prosa e verso é descrita a chegada de Cláudio à porta do céu com o pé arrastado e com a cabeça perpetuamente trêmula. Sua recepção é descrita por Hércules que, apesar de acostumado aos monstros, fica tão perturbado com a visão deste que tem que olhar de perto antes de poder distinguir nele “*um tipo de homem*”, acreditando, antes disso, estar em confronto com um décimo terceiro trabalho. O deleite de Cláudio ao se ouvir falar em grego e a esperança de poder acrescentar suas próprias histórias à biblioteca do céu é seguido pelo debate sobre sua admissão, então por sua expulsão pela exortação de Augusto, que faz seu primeiro discurso na ocasião. Em seguida ouvimos falar de sua descida às regiões infernais, sob a escolta de Mercúrio, por meio de Roma, onde a visão de seu próprio funeral em meio a alegrias gerais o faz compreender pela primeira vez que está morto. A obra narra ainda seu deleite ao chegar ao inferno para encontrar-se no meio de velhos amigos e de seu desconsolo com a inesperada resposta à sua indagação pela sorte que todos eles vieram a estar ali reunidos; seu julgamento seguido da condenação a jogar dados para sempre com um copo sem fundo e, finalmente, sua transferência para Calígula, que o reivindicou como seu escravo por ter sido visto frequentemente espancando-o na Terra e sua eventual atribuição como escrivão a Menandro, o liberto de Calígula. A peça, por mais espirituosa e divertida que seja e única de seu tipo na literatura latina, mostra uma falta de bom sentimento mais característica da época do que de Sêneca, a cuja reputação nada pode acrescentar.

A indolência, a dispersão e o ódio aos negócios que distinguiram o jovem imperador, combinados com sua vaidade e amor à popularidade, lançaram toda a administração de assuntos no início de seu reinado nas

mãos de Sêneca e Burro. O único objetivo desses dois estadistas parece ter sido o bem público e, como consequência dessa singeleza de objetivo, nenhuma sombra de mal-entendido nunca prejudicou a harmonia de suas relações mútuas – uma circunstância rara, como observa Tácito, na história dos homens públicos. As virtudes de um complementaram as do outro. Burro era conhecido pela austeridade de sua vida, pela aspereza de seu discurso e pela severidade de sua disciplina militar; Sêneca, apesar de seu estoicismo, era um cortesão espirituoso, sabia como encantar os outros sem perder a dignidade pessoal e era um mestre da eloquência.

Após as cerimônias fúnebres de Cláudio terem sido concluídas e o fingimento de luto posto de lado,⁹¹ Nero fez sua entrada no Senado e anunciou a promessa do novo reinado em um discurso composto para ele por Sêneca. Depois de lembrar a seus ouvintes que sua infância não tinha sido passada em cenas de discórdia civil ou doméstica e que, conseqüentemente, ele não tinha sentimentos de vingança ou ódio a satisfazer, ele passou a tocar nos abusos do último regime e a explicar o novo sistema de governo que ele se propôs a seguir. O reinado da lei, disse ele com efeito, devia substituir o do capricho. Ele não se propôs a ocupar-se pessoalmente do julgamento dos infratores. O escândalo das instruções no gabinete onde os acusadores e acusados estavam presentes sozinhos deveria terminar. O tribunal não deveria mais ser um mercado onde cargos, privilégios e indultos eram vendidos aos favoritos. Sua fortuna privada deveria ser distinguida da receita pública, sua casa, da casa dos ministros da república. O Senado deveria ser reintegrado em suas antigas funções e os tribunais consulares deveriam ser restituídos à Itália e às províncias senatoriais, com direito de apelação ao Senado.⁹² Que o Senado, disse ele em suma, direcione sua atenção para a administração da República, ele mesmo pensaria nos

exércitos comprometidos com seus cuidados. Este discurso foi ouvido com exultação pelos senadores. Decretaram que deveria ser gravado em cartas de prata e lido publicamente no início de cada novo ano, na esperança de amarrar o imperador através desta publicação recorrente para respeitar a carta de liberdades que continha.⁹³ Tampouco essas esperanças no início foram defraudadas. O Senado, sem dúvida sob a direção de Sêneca e Burro, fez uso antecipado de suas liberdades recuperadas e foram aprovadas leis lidando com abusos recentes. O próprio jovem imperador declarou sua intenção de caminhar nos passos de seu ancestral Augusto e aproveitou todas as oportunidades de mostrar cortesia, humanidade e liberalidade. Os impostos mais pesados foram reduzidos ou revogados. Os informantes foram desencorajados e seus honorários reduzidos a um quarto. Os fardos ruinosos que os candidatos bem-sucedidos às honras tinham sido obrigados a suportar foram reduzidos dentro de limites mais razoáveis; foram instituídos recursos judiciais para o Senado; a lei contra a falsificação foi reforçada; e os honorários dos advogados foram regulamentados.⁹⁴

Estas reformas tiveram a oposição da Agripina, que não desejava a queda de um sistema no qual ela havia lucrado tão amplamente. Mas sua influência já estava em declínio. Quando seu poder havia sido ameaçado no reinado anterior, ela havia conseguido a morte de Cláudio a fim de mantê-lo, mas agora ela estava para descobrir que sua ambição havia se sobrepujado. No início, de fato, tudo havia corrido bem. Sua violência e seu temperamento implacável intimidaram Nero e o fizeram corresponder aos seus desejos, embora ele desejasse livrar-se de um jugo odioso. Ele começou enchendo de honras a mãe a quem devia o império. Ela aceitou estas honrarias como seu direito e foi imprudente o suficiente para lembrá-lo continuamente de suas obrigações. O assassinato de Silano, pro cônsul da Ásia, deu

uma prova antecipada do que se poderia esperar da continuidade de seu poder. Silano⁹⁵ devia sua segurança no reinado anterior à sua inatividade e notória falta de ambição, mas como descendente de Augusto ele havia sido considerado um possível rival de Nero e ele era irmão de outro Silano,⁹⁶ por cuja morte sob Cláudio, Agripina havia sido responsável. Agripina, portanto, fez com que ele fosse envenenado em sua própria mesa, empregando como seus agentes dois homens encarregados da gestão do patrimônio imperial na província. O crime foi cometido com tão pouca tentativa de encobrimento que não era segredo para ninguém. Narciso, também, que se opôs a seu casamento com Cláudio, foi aprisionado com tal rigor que ele se refugiou no suicídio. Outras execuções teriam se seguido, não fosse pela intervenção de Sêneca e Burro. Nero, que era inocente do assassinato de Silano e tinha se oposto à punição de Narciso, ficou feliz em apoiar seus dois ministros e ao fazer isso satisfaz sua vaidade, ganhando uma reputação de clemência e bom governo. Além disso, o homem que mais influenciou Agripina foi o fabulosamente rico libertos Palas, seu amante, cuja arrogância e presunção o haviam feito universalmente odiado. A eliminação do poder dos libertos foi um passo preliminar essencial para a restauração da administração justa e humana contemplada por Sêneca e, enquanto Agripina permanecesse todopoderosa, esse objetivo não poderia ser atingido.

Um incidente que ocorreu antes de Nero ter sido imperador serviu para mostrar qual lado havia obtido a vitória nesta breve luta pelo poder entre os reformadores e os defensores do antigo sistema. Agripina estava acostumada, durante o principado de Cláudio, a aparecer na companhia daquele débil soberano em ocasiões de Estado e a compartilhar abertamente sua soberania. Ela não tinha previsto que sua posição a esse respeito seria alterada para pior pela sucessão de seu filho ao poder. Mas um dia Nero

estava sentado em seu trono e prestes a receber alguns embaixadores armênios, quando sua mãe entrou na sala de audiência e prosseguiu com a intenção de se sentar ao seu lado para compartilhar sua recepção. Embora todos os presentes estivessem indignados de que tal assessoria baixaria a dignidade imperial aos olhos dos armênios, Sêneca, sozinho, teve a coragem de intervir. Em sua proposta sussurrada, o príncipe deixou seu trono e avançou pelo corredor, como se fosse, por respeito, saudar sua mãe. Foi então encontrada uma desculpa para adiar a recepção dos delegados e o escândalo foi evitado.

Sêneca foi acusado de ingratidão a Agripina, a quem devia seu retorno do exílio e a nomeação como tutor de Nero, na qual se fundou sua riqueza e imponência. Mas ele teve que escolher entre a resistência ao poder da imperatriz e o abandono de seus projetos de reforma e não está claro de forma alguma que ele tenha escolhido este último. Em seu tratado *De Beneficiis* ele diz que, se um homem recebeu favores de um tirano, deve retribuir-lhe com os benefícios que puder, desde que o possa fazer sem prejudicar os outros.⁹⁷ Ter apoiado a influência cruel e corrupta de Agripina teria sido sinal de ter violado esta condição; enquanto que se ele tivesse se aposentado da vida pública, abandonado Burro e rendido suas oportunidades de servir ao Estado, ele não obstante teria sido acusado de ingratidão por Agripina, que tinha contado com seu apoio ativo.

A prosperidade dos primeiros cinco anos do reinado de Nero, o famoso *Quinquênio Neronis*, durante o qual o imperador, abandonando-se aos seus prazeres, deixou todos os assuntos de Estado nas mãos de Sêneca e Burro, serviu para silenciar durante algum tempo os detratores desses estadistas. O Imperador Trajano declarou posteriormente que este foi, em seu julgamento, o período em que os romanos desfrutaram do melhor governo sob o

Império.⁹⁸ Mesmo o historiador Cássio Dião, por mais inimigo que fosse da reputação de Sêneca, escreve que esses estadistas, uma vez que o controle total dos assuntos havia caído em suas mãos, exerceram-no com justiça e habilidade que lhes valeu aplausos universais.⁹⁹ Foi algo notável não somente a salvação de cinco anos de desastre, mas até mesmo por tê-los tornado memoráveis por sua excelência. Não se pode negar que este feito foi realizado por Sêneca, embora os meios que ele empregou para reter e confirmar seu poder necessitem inquestionavelmente de contestação.

As medidas adotadas no final do ano (54) para repelir uma invasão pelos Partas da Armênia e a nomeação de Córbulu,¹⁰⁰ um general capaz cuja única reivindicação de promoção residia em seus méritos para o comando militar, aumentaram a confiança sentida na administração e foram tomadas como sinais de que a era das nomeações por favor e intriga estava no fim. O Senado desejava erigir estátuas de ouro e prata para o imperador e denominar o mês de dezembro pelo seu nome, mas ele modestamente declinou estas honras. Tampouco ouvia os delatores que traziam acusações de desafeto contra equestres e senadores.

O ano 55, o segundo do reinado, foi marcado por novos atos de sábia indulgência, aos quais os romanos não estavam acostumados desde os primeiros anos de Tibério. O jovem imperador se comprometeu com uma política de conciliação em numerosos discursos nos quais todos reconheciam a mão de Sêneca. Estes discursos, acrescenta Tácito, ele colocou na boca do príncipes ou para exhibir seus próprios talentos ou então para que todos pudessem saber em que princípios honrados ele havia treinado a mente de seu aluno imperial. A maioria das referências desse historiador a Sêneca são marcadas por uma certa reserva ou insinuação hostil, como de alguém ansioso para não ser injusto, mas decidido a não fazer mais do que justiça a um

homem por quem ele não tinha simpatia.

Foi nesta época que ele dirigiu ao imperador o tratado finamente elaborado e nobremente exprimido *De Clementia*, cuja primeira parte foi felizmente preservada para nós. Neste tratado o filósofo descreveu o imperador não apenas como o princípio da unidade que ligava as vastas regiões do Império, mas também como a mente que dirigia o imenso corpo, cujos membros ele refreava da destruição mútua. A república e César, disse ele, se desenvolveram tão fortemente unidos que não podem ser separados sem a destruição de ambos e a união é tal, que César praticará a clemência para com seus súditos pela mesma razão que um homem é misericordioso para com seus próprios membros. Pode ser necessária uma hemorragia ou uma operação cirúrgica, mas ele não derramará sangue nem infligirá nenhuma dor que não seja inevitavelmente necessária para o bem comum. Sêneca retrata o jovem príncipe contemplando serenamente as vastas massas de seus súditos – tão diversas na raça e no caráter, tão prontas para a guerra civil, mantidas em paz apenas por sua lealdade comum – e assim falando a si mesmo:

1. Eu decidi escrever um livro sobre clemência, Nero César, a fim de que sirva de espelho para você e permita-lhe se ver chegando ao maior de todos os prazeres. Pois, embora o verdadeiro desfrute das boas ações consista no desempenho delas e as virtudes não tenham uma recompensa adequada além delas próprias, ainda assim vale a pena considerar e apurar uma boa consciência por todos os pontos de vista, e depois lançar seus olhos sobre essa enorme multidão humana, briguenta, facciosa e apaixonada como é; provavelmente, se eles pudessem se livrar do controle do seu governo, para ter prazer tanto na ruína de si mesmos e um do outro e, assim, para se comungar

com você:

2. *“Eu, dentre toda a humanidade, fui escolhido e considerado apto para realizar o ofício?”* Eu sou o árbitro da vida e da morte para a humanidade, cabe a mim decidir a sorte e posição que cada homem possui na vida. A Fortuna faz uso de minha boca para anunciar o que ela concede a cada homem. Cidades e nações se emocionam com minhas palavras, nenhuma região pode prosperar sem meu favor e boa vontade. Todas essas milhares de espadas, agora restringidas pela minha autoridade, seriam sacadas por um sinal meu. Cabe a mim decidir quais tribos serão totalmente exterminadas, quais serão transferidas para outras terras, quais receberão e quais serão privadas de liberdade, quais reis serão reduzidos à escravidão e cujas cabeças serão coroadas, que cidades serão destruídas e quais novas serão fundadas.

3. Nesta posição de enorme poder, não sou tentado a castigar injustamente os homens pela ira, pelo impulso juvenil, pela imprudência e insolência dos homens, que muitas vezes supera a paciência até mesmo das mentes mais bem reguladas, nem mesmo por essa terrível vaidade tão comum entre os grandes soberanos, de exibir meu poder inspirando terror. Minha espada está embainhada, ou melhor, fixada em sua bainha. Eu estou poupando o sangue até mesmo dos mais baixos de meus súditos. Um homem que não tem nada a recomendá-lo, todavia, achará favor em meus olhos porque ele é um homem.

4. Mantenho a aspereza oculta, mas tenho clemência sempre à mão: observo-me com cuidado, como se tivesse de dar conta de minhas ações àquelas leis que tirei das trevas e negligenciei à luz do dia. Fui movido à compaixão pela juventude de um culpado e pela idade avançada de outro; eu poupei um homem por causa de

sua grande posição, outro por causa de sua insignificância. Quando não encontrei razão para mostrar misericórdia, tive misericórdia de mim mesmo. Estou preparado neste dia, caso os deuses o exijam, a prestar-lhes um relato da raça humana.

5. Você, César, pode dizer corajosamente que tudo o que lhe foi confiado foi mantido em segurança e que o Estado não sofreu nem abertamente nem secretamente qualquer perda em suas mãos. Você cobiçou uma glória que é mais rara e que não foi obtida por nenhum imperador antes de você, que é a da inocência. Sua bondade notável não é jogada fora, nem é ingrata ou maldosamente desvalorizada. Os homens sentem gratidão por você: ninguém nunca foi tão querido para o outro como você é para o povo de Roma, cujo grande e duradouro benefício é você.

6. Você, no entanto, assumiu um grande fardo: ninguém mais fala dos bons tempos do falecido Imperador Augusto ou dos primeiros anos do reinado de Tibério ou propõe para sua imitação qualquer modelo a não ser você: o seu é um padrão de reinado.¹⁰¹

Nenhum homem, escreveu Sêneca em uma de suas cartas, pode pintar um quadro estando todas as suas tintas prontas, a menos que ele saiba exatamente o que deseja pintar. Neste quadro do autocrata inocente que, fazendo sua escolha entre as duas grandes forças rivais pelas quais os homens são governados encontra sua força em seu amor e não em seu medo, Sêneca antecipou, como faz frequentemente, o ensinamento do cristianismo. Pode haver bajulação em suas palavras, mas é bajulação de um tipo nobre e dirigida a um fim nobre. Até agora Nero, guiado por seus ministros, havia realmente governado seus súditos com justiça e humanidade e teria quase merecido o elogio que recebeu se este resultado não fosse atribuído mais à

sua aversão aos negócios e ao gosto pela popularidade do que a qualquer motivo mais digno.

Neste segundo ano de seu reinado, Nero, que desde o primeiro tinha abominado Otávia, sua esposa indefesa e infeliz, apaixonou-se ardentemente por uma jovem mulher liberta chamada Acte.¹⁰² O caso foi confidenciado aos companheiros do príncipe –entre os quais Otão,¹⁰³ que depois tornou-se imperador – e aos ministros, mas de outra forma era um segredo. Sêneca e Burro, sem esperança de reconciliar Nero com Otávia, aceitaram sua paixão por uma moça de boa índole, cuja influência não prejudicava ninguém enquanto satisfazia as paixões perniciosas de seu amante de uma maneira inofensiva para a comunidade. Mas Sêneca levou sua complacência longe demais se é que foi por sugestão dele que seu amigo mais íntimo, Aneu Sereno,¹⁰⁴ capitão dos guarda-costas de Nero, a fim de disfarçar a verdadeira intriga, fizesse o papel de amante de Acte e lhe enviasse abertamente os presentes que, de fato, vinham do imperador. Este artifício, no início, enganou Agripina, mas ela logo veio a conhecer a verdade. Sempre em extremos, ela atormentou, ameaçou e insultou e então, vendo sua raiva sem efeito, passou para a mais abjeta bajulação e submissão, sem melhor sucesso. Nero, ao ser descoberto, tentou conciliá-la com um rico presente de vestes e joias; mas isto ela recebeu com desdém, exclamando que ela lhe havia dado tudo e que ele estava lhe devolvendo apenas uma parte. Sua submissão subsequente apenas o encorajou a demitir seu laçao Palas de todos os seus cargos e, abertamente, a pôr um fim ao poder dela.

Nisso Agripina, atirando a prudência aos ventos, deu rédea solta ao temperamento ingovernável que ela herdara de sua mãe. Britânico, ela exclamou, tinha agora a idade de suceder àquela herança que sua própria injustiça havia transferido a um usurpador. Como tantos crimes haviam

sido cometidos em vão, ela os confessaria todos e, como pela misericórdia dos deuses Britânico ainda vivia, faria reparações. Ela iria ao acampamento acompanhada por Britânico e se apresentaria aos soldados – fazendo-os escolher entre o pedante Sêneca que, com o aleijado Burro, tinha a audácia de aspirar a governar o mundo, e a filha de Germânico.¹⁰⁵ No entanto, ela descobriu que um imperador era mais fácil de fazer do que de desfazer.

Para o infeliz Britânico, seu apoio se mostrou ainda mais desastroso do que sua hostilidade. O ciúme latente e a suspeita de Nero já haviam sido despertados por um incidente ocorrido durante a Saturnalia de dezembro anterior. Havia um jogo praticado por meninos romanos que consistia na escolha de um “rei” por sorteio, cujos comandos, quaisquer que fossem, os demais eram obrigados um a um a obedecer. Nesta ocasião, a sorte caiu sobre Nero e, para expor Britânico ao ridículo, ele ordenou que ele se colocasse no meio e cantasse uma canção. O menino obedeceu e cantou de uma maneira tão patética as desgraças de quem tinha sido expulso da casa de seu pai e despojado de sua herança, que ele levou todos os ouvintes à compaixão.

Agripina estava sem dúvida ciente das suspeitas de seu filho quando o ameaçou com a rivalidade de Britânico; mas ela não parece ter antecipado seu resultado natural na destruição daquele príncipe. Isso, no entanto, se provou. As poções de Locusta – a reconhecida envenenadora da corte – foram novamente empregadas e Britânico foi envenenado em um banquete na presença de Nero e sua corte. O vinho, provado por seu provador, foi preparado tão quente que ele pediu água para resfriá-lo e na água então, um veneno mortal foi administrado. Seu efeito foi tão rápido que ele caiu para trás instantaneamente desprovido de sentido. Uma emoção de horror percorreu os presentes. Os mais imprudentes se dispersaram, outros melhor aconselhados,

permaneceram sentados e olharam fixamente para Nero esperando sua deixa. Ele com um ar de indiferença observou que Britânico esteve sujeito a tais ataques desde sua infância e que logo estaria melhor. Houve um breve silêncio e então a festa prosseguiu como se nada tivesse acontecido. O terror e a consternação visíveis no rosto de Agripina serviram para convencer todos os presentes de que ela era tão inocente de cumplicidade no assassinato quanto a própria Otávia, que apesar de sua extrema juventude havia sido ensinada pela adversidade a esconder cada sintoma dos seus sentimentos. Na mesma noite, as cinzas de Britânico foram apressadamente enterradas no Campo de Marte - todos os preparativos tinham sido feitos de antemão. Em um édito posterior, Nero defendeu estas obséquias precipitadas e a omissão dos habituais discursos e cerimônias fúnebres por uma referência ao antigo costume; e, lamentando a perda do apoio de seu irmão, expressou sua confiança, como a última de uma família nascida para o Império, na maior devoção do Senado e do povo. Os bens de Britânico, suas casas e vilas, foram divididos pelo imperador entre os mais sinceros e honrados de seus próprios amigos, com o objetivo, pensou-se, de vinculá-los à aquiescência. Não teria sido seguro recusar os presentes imperiais, mas a conduta de homens como Sêneca e Burro, ao aceitá-los, não escapou à admoestação.¹⁰⁶

Nenhum presente, entretanto, poderia suavizar a ira de Agripina. Seus amigos foram admitidos em entrevistas secretas; ela arrecadou dinheiro de todos os lados; afagou Otávia; fez a corte aos soldados e exaltou as qualidades de alguns dos chefes entre a nobreza como se ela estivesse procurando um líder para seu partido. Quando a notícia destes procedimentos chegou a Nero, ele retaliou, despedindo seu guarda-costas e retirando-a do palácio para outra casa, onde, sempre acompanhado por um grande

corpo de centuriões, ele realizou algumas visitas breves e formais.

Os inimigos de Agripina agora pensavam que sua hora havia chegado. Junia Silana, antes sua amiga íntima e sua rival na origem, na beleza e na desgraça, mas cuja amizade tinha sido transformada por uma briga particular em ódio, inventou uma trama para sua ruína. Dois clientes de Silana, Iturio e Calvisio, concordaram em acusar a imperatriz-mãe de uma trama para derrubar Nero e casar com Rubélio Plauto, um descendente de Augusto por meio de sua mãe, quem ela colocaria ao mesmo tempo no trono. Um ator chamado Paris, um favorito dos prazeres de Nero, foi escolhido para revelar a conspiração simulada.

Tarde de uma noite, quando o imperador estava carregado de vinho, Paris entrou em seu apartamento com um semblante trágico e contou sua história. O primeiro impulso do apavorado Nero foi dar ordem para a execução imediata de sua mãe e Plauto, mas ele foi dissuadido de fazê-lo por Burro e Sêneca, que apontaram a natureza frágil das provas contra Agripina e a injustiça de condená-la sem ser ouvida. Na manhã seguinte, Sêneca e Burro foram até sua casa para investigar o assunto, quando ela se defendeu com espírito e sucesso e exigiu uma audiência com seu filho. Isto foi concedido e completou o desapontamento de seus oponentes. Agripina conhecia bem seu filho. Desdenhosa de se defender ou de lembrá-lo de suas obrigações, ela denunciou corajosamente seus acusadores e exigiu reparação. Nero, que era tão covarde quanto cruel e traiçoeiro, temia aqueles que o desafiavam e estava acostumado a se submeter a sua mãe imperiosa. Ele prometeu tudo o que ela pediu. Silana foi exilada por toda a vida; Calvisio e Iturio por um período de anos. Paris não poderia ser dispensado e foi perdoado. Nesta ocasião, pelo menos, Sêneca e Burro resgataram sua antiga padroeira de um risco iminente.

Capítulo VII - Sêneca no Poder

Os dois anos seguintes (56 e 57) foram tranquilos e sem incidentes. A paz reinou em todo o Império, enquanto em Roma o Senado, ao qual uma parte de sua antiga autoridade havia sido restaurada, estava ocupado no trabalho legislativo, especialmente em conexão com a administração da receita, que foi transferida dos *quaestores*, aos quais havia sido confiada por Cláudio, a *prefectores* que haviam servido como *praetors* e eram homens de maior experiência. As colônias decadentes de Cápuia e Nuceria foram assistidas pela introdução de novas turmas de veteranos e por subsídios. O imposto de importação romano sobre os escravos foi remido; mas isto, observa Tácito, foi considerado um benefício mais na aparência do que na realidade para o importador, já que ele já havia conseguido transferir o imposto para o consumidor, acrescentando-o ao seu preço.¹⁰⁷

As cidades provinciais na Itália e em outros lugares do Império desfrutaram neste momento de um sistema quase completo de autogoverno. Suas instituições tinham sido modeladas nas de Roma republicana e, ao contrário daquelas, tinham resistido tanto na realidade quanto no nome. Dos magistrados municipais, o duúviro,¹⁰⁸ respondendo aos cônsules, presidia o senado municipal e exercia os poderes judiciais; os edilícios estavam a cargo de obras e edifícios e da polícia; enquanto os *quaestores* administravam a receita. Esses magistrados eram todos eleitos pelo povo¹⁰⁹ e eram obrigados pela opinião pública a

mostrar seu senso da honra que lhes foi conferida por um presente à sua cidade. Aquedutos, estradas, templos, teatros eram habitualmente presenteados a seus concidadãos por magistrados durante seu mandato. Assim, o trabalho da comunidade era dirigido a usos públicos e não privados por aqueles a quem a posse de dinheiro tinha dado o poder de escolher sua direção, e o resultado foi uma grande prosperidade. *“O mundo inteiro está cheio de ginásios, fontes, pórticos, templos, oficinas e escolas ... todas as cidades estão radiantes de elegância e esplendor, e a terra se tornou um vasto jardim”*, escreveu o reitor Aristides sob as Antoninas.

Em Roma em si não estava tudo tão bem. A administração foi, é verdade, bem conduzida por Sêneca e Burro, a quem o imperador deixou todos os assuntos do governo. Mas o caráter detestável da figura degenerada no trono começou tão cedo quanto o ano 56 para se fazer sentir. As atrocidades públicas que seguiram sua presunção pessoal do governo foram denunciadas pelos crimes e extravagâncias pelos quais sua vida privada já estava manchada. Sua diversão noturna predileta nesta época era sair disfarçado de seu palácio para as ruas, acompanhado de seus companheiros de brincadeira, com quem ele atacaria aqueles que viessem a encontrar, insultariam as mulheres, quebrariam portas abertas e saqueariam lojas. Às vezes as pessoas atacadas, não reconhecendo seu agressor, se defendiam vigorosamente e as marcas de seus punhos seriam visíveis no rosto do imperador no dia seguinte. Assim, para evitar tais acidentes no futuro, ele ordenou a um corpo de gladiadores que o seguisse à distância e que usasse suas armas se o assunto se tornasse sério. Quando se soube que César era o protagonista dessas expedições noturnas, seu exemplo foi seguido por outros, cujos objetivos eram mais práticos e que usavam seu nome para garantir seu saque, até que, segundo o historiador, Roma à

noite se assemelhava a uma cidade conquistada e entregue à pilhagem. Seu incentivo às lutas das facções nos estádios não foi nada menos macabro.

Estes anos marcaram a maré alta da prosperidade de Sêneca. “*Sêneca*”, escreveu Plínio dessa época, “*a quem nenhum homem foi menos enganado pelas aparências, foi então o príncipe do ensinamento e no ápice desse poder pelo qual foi depois subjugado*”. O estadista mais poderoso foi, ao mesmo tempo, o escritor mais admirado da época.¹¹⁰ Seus discursos, tratados e poesias estavam nas mãos de todos. A geração em ascensão, dizia Quintiliano, dificilmente leria qualquer outro autor e a mistura de epigramas e aforismos (*sententiae*), seguindo seu estilo, se tornou a moda literária.

Seu sobrinho Lucano, filho do prudente Mela, era o mais brilhante dos poetas da nova escola. Depois de outros ensaios mais convencionais de poesia, ele publicou, ainda com menos de vinte e cinco anos de idade, a primeira parte de um poema épico sobre as guerras civis, escrito sobre um plano completamente novo. Descartando corajosamente toda a maquinação sobrenatural do Olimpo, considerada desde os dias de Homero um complemento indispensável a um épico, ele descreveu eventos e personagens com a precisão histórica que suas pesquisas poderiam fornecer. Ele não tinha respeito pela antiguidade remota – ‘*famosa vetustas miratrixque sui*’¹¹¹ — as cenas de agitação do século que ofereceram material suficiente para sua retórica impetuosa e arrojada. Por que cegar sua força e perder todo o interesse ligado à conexão entre caráter e acontecimentos, invocando a interposição de seres sombrios nos quais seus leitores haviam deixado de acreditar? Interessado no mundo como lhe pareceu em meio à luta dos homens e, como Byron, partidário devoto, ele era de natureza demasiadamente apaixonada e vivia demais no presente para encontrar tempo para as reflexões

subjetivas, para a maravilha e o pathos de Virgílio ou para a ampla suposição de Lucrécio. Ele tinha, como observou Quintiliano, o temperamento mais de um orador do que de um poeta.¹¹² O romance da realidade, a imagem de um mundo sem leme e da interação de eventos e caráter, pela primeira vez desafiou a ideia dominante de todos os épicos anteriores – a ideia de que os homens eram apenas marionetes irresponsáveis movidos por agências divinas que os olhos do profeta eram fortes o suficiente para detectar. Os Sênecas eram uma raça ousada de inovadores que mantinham o Olimpo em parco respeito.

*Não sou tão tolo para percorrer neste momento os argumentos que Epicuro caçava e dizer que os terrores deste mundo são inúteis, que Íxion não gira em torno de sua roda, que Sísifo não arca com o peso de sua pedra, que as entranhas de um homem não podem ser restauradas e devoradas todos os dias. Ninguém é tão infantil como para temer Cérbero, ou as sombras, ou o traje espectral daqueles que são unidos por nada senão por seus ossos expostos. A morte nos aniquila ou nos desnuda. Se nós somos liberados então, lá permanece a melhor parte, depois que a tormenta é retirada; se somos aniquilados, nada permanece; tanto o que é bom quanto o que é mau são igualmente removidos.*¹¹³

Lucano, no decorrer do extravagante elogio a Nero que desfigura o primeiro livro da Farsália, declara que a adoração de todos os outros deuses se tornou supérflua em Roma pela presença daquele amável príncipe e implora a ele, quando ele se despedir definitivamente da Terra, que assuma sua posição bem no centro do céu para que o equilíbrio do universo não seja ameaçado. Na parte final e republicana do poema, ele contrasta em uma linha famosa a injustiça triunfante dos deuses com a virtude derrotada de Catão.¹¹⁴ E sabemos que Gálio não se importava com

nenhuma dessas coisas.

Nero foi, ele próprio, poeta e pintor, escultor, músico e cantor. Seu primeiro passo após ascender ao principado foi convocar ao palácio Terpno, o mais célebre instrumentista de alaúde da época, em cuja companhia ele passaria metade do dia e metade da noite ouvindo suas apresentações e recebendo suas instruções. Lucano, também sobrinho do ministro-chefe, estava a princípio em grande favor. Nero o convocou de Atenas, onde estava terminando seus estudos, o admitiu na companhia de seus amigos íntimos e o fez *quaestor*. Mas o sucesso poético de Lucano depois excitou o ciúme do imperador, que provavelmente também não aprovava seu desrespeito às regras tradicionais de composição. A primeira publicação de poemas em Roma consistia em sua recitação pelo autor a uma companhia de amigos convidados¹¹⁵. Um dia, quando Nero estava presente em uma recitação de Lucano de um poema recém composto, fingiu estar esgotado e, de repente, saiu da sala sem esperar pelo fim. Isto foi um insulto que o poeta sensível não podia perdoar. Ele se vingou com canções e epigramas dirigidos contra o imperador e seus amigos, que o retaliaram, proibindo-o de recitar ou publicar qualquer outro poema. Nada poderia ter sido mais bem calculado para mortificar e enfurecer um jovem autor embriagado por sua popularidade e por seus triunfos públicos e privados. Foi então que ele escreveu a última parte do Farsália, com seus ataques pungentes contra o sistema imperial e a exaltação dos heróis da república.

Um resultado da briga entre Nero e Lucano foi o ataque dirigido à nova escola por escritores ligados à Corte. Entre estes, destacou-se Petrônio, o líder dos amigos dissolutos de Nero, o árbitro da moda, um artista de luxo, um homem por cujo julgamento em tais assuntos o imperador tinha um respeito tão elevado que ele achava que nenhuma diversão

era agradável ou refinada até que Petrônio a tivesse carimbado com a marca de sua aprovação. Em uma espécie de romance de caráter picaresco, único em seu gênero na literatura latina sobrevivente, Petrônio apresentou um velho poeta chamado Eumolpus, muito ultrapassado, para defender a causa da tradição clássica contra novos métodos. Eumolpus reclama que nestes tempos degenerados, quando um homem aprendia a arte de fazer epigramas cintilantes nas escolas de retórica e se provava um fracasso na Ordem dos Advogados, ele se voltaria para a composição da poesia como um refúgio de descanso e prazer. No entanto, para ser realmente um poeta, ele deveria estar impregnado de literatura, deveria evitar toda a dicção popular ou vulgar, seus epigramas não deveriam se destacar abruptamente e desconectados do corpo de seu discurso, mas ser tecidos com arte oculta na textura do material que eles enfeitam. Homero, Virgílio e Horácio comprovam isso com sua requintada felicidade – *curiosa Felicitas*.

*Por exemplo, ele acrescenta, em alusão direta à Farsália, um homem que deveria ousar o suficiente para se comprometer a cantar a Guerra Civil sem estar na corrente central da literatura afundará sob o peso do fardo. Não queremos que ele nos diga o que realmente aconteceu; os historiadores farão isso muito melhor. O poeta deve nos conduzir rapidamente para cá e para lá; ele não deve hesitar em usar sua invenção ou recorrer à intervenção dos deuses, de modo que possamos antes ganhar a impressão de uma alma não amante de si mesma, mas inspirada por um frenesi divino, do que de uma testemunha dando seu depoimento minucioso em um tribunal de justiça.*¹¹⁶

Eumolpus continua a ilustrar seu entendimento recitando 295 versos de sua própria composição, nos quais ele havia reescrito a seção de abertura da Farsália, de acordo com o

método tradicional. Os deuses do Olimpo são apresentados em eventos mais ou menos diretos. Vênus, Mercúrio e Marte estão do lado de César; Apolo, Diana, Hércules e Mercúrio são pompeianos. Mas o único resultado da experiência é convencer o leitor de como Lucano estava certo em dispensar esta mecânica antiquada, especialmente em um assunto tão moderno; quão supérflua na prestação de contas dos motivos dos vários atores no drama é a hipótese da proposição divina e como por esta hipótese o interesse humano da história é diminuído.

O ataque às escolas de retórica, no primeiro capítulo do que nos resta do livro, é mais eficaz. Um protesto sensato é feito lá contra o vazio do ensino em tais lugares. Os temas da declamação, declara o escritor, são ridículos e impossíveis; a boa literatura do passado é totalmente negligenciada; o grande objetivo é conseguir uma frase inteligente e uma aparência de brilhantismo, por mais que não estejam relacionados com as realidades da vida; o todo é negligenciado para as partes: de fato, ele conclui, assim que a eloquência começou a ser estudada como uma arte e ensinada por regra geral, os homens deixaram de ser eloquentes – assim como um homem que passa muito tempo na cozinha não ficará temperado. O que quer que seja que faça a alegria dos meninos é pouco provável que seja realmente bom, mas é exatamente o que é mais admirado e estudado nas escolas. Quintiliano disse a mesma coisa de Sêneca quando expressou seu pesar de que aquele que podia fazer tudo o que lhe agradava deveria, tantas vezes por falta de julgamento, ter o prazer de fazer o que não valia a pena, pois se o julgamento tivesse sido acrescentado a seus outros dons, em vez de ser o deleite dos meninos, ele poderia ter ganhado a aprovação dos homens de bom gosto.¹¹⁷

O ano 58 foi ilustrado pelas vitórias de Córulo sobre os Partos na Armênia. Os sucessos deste hábil comandante,

que havia restaurado a disciplina quase arruinada das forças sob seu comando, foram reconhecidos pelo Senado seguindo sua maneira habitual em decretos para estátuas e arcos triunfantes ao imperador sob cujos auspícios foram alcançados. No mesmo ano, Sêneca incorreu num certo grau de impopularidade em relação ao julgamento e condenação de Suílio Rufo. Este homem havia sido um notável informante sob Cláudio e o principal instrumento da crueldade de Messalina. Foi ele quem, na instância do Tribunal, apresentou as acusações que se revelaram fatais para Júlia, a filha de Druso, Valério Asiático, Lúpus e muitos outros. Ele tinha sido, de fato, o maior delator dos piores anos de Cláudio e como tal, foi particularmente odioso para com o humanitário Sêneca, a quem nenhuma morte de cidadão romano foi imputada por qualquer historiador. Após a morte de Cláudio e a mudança de sistema, Suílio não mostrou nenhuma penitência por seus erros – preferindo, diz Tácito, a reputação de um criminoso à atitude de um suplicante. No ano 58, ele foi processado sob a *lex Cincia*¹¹⁸ por ter aceito honorários como advogado além do limite legal. A acusação em si era injusta, pois a lei era obsoleta e estava sendo habitualmente desconsiderada; mas seus adversários estavam determinados a que Suílio não escapasse por completo da pena de seus delitos e sua impaciência não os deixaria à espera da questão da acusação por peculato e opressão em seu governo da Ásia que, também contra ele, não poderia, devido a dificuldades na coleta de provas, ser julgada no prazo de um ano. Suílio, de forma alguma envergonhado, retorquiu-se com acusações contra Sêneca que, relatadas por Tácito e repetidas com amplificações por Dião ou seu escriba, Xifilino, foram aceitas com uma credibilidade demasiadamente imediata por historiadores posteriores.

Sêneca [disse ele], que havia sido e Livros de forma mais justa por Cláudio, jamais poderia perdoar os

amigos daquele prínceps. Ele havia passado sua vida em controvérsias fúteis que divertiam a inexperiência da juventude e tinha inveja daqueles que haviam continuado queimando a tocha da vida e da eloquência incorruptível na defesa de seus concidadãos. Ele (Suílio) havia sido quaestor de Germânico; mas Sêneca havia manchado a honra da casa daquele prínceps. Seria pior aceitar uma remuneração por um trabalho honrado de um cliente que estava disposto a dá-lo, ou corromper a virtude das mulheres da realeza? Seria a virtude e as máximas da filosofia que o ensinaram a acumular uma fortuna tão vasta em quatro anos de favorecimento da corte? Em Roma, ele havia recebido legados como com uma rede; as províncias estavam exauridas por sua usura.

A linguagem do antigo acusador foi relatada a Sêneca com exageros e não o induziu à indulgência. O julgamento foi realizado e conduzido na presença do próprio imperador. Suílio alegou que tudo o que ele fez foi por ordem de Cláudio, mas Nero o interrompeu para dizer que ele havia constatado pelas notas de seu pai que nenhuma acusação havia sido ordenada por ele. Então Suílio alegou que as ordens foram de Messalina, mas foi questionado por que ele teria sido o único escolhido para dar sua voz e serviços ao tirano... No final, uma parte de seus bens foi confiscada e ele banido para as ilhas Baleares, onde se diz ter passado o resto de sua vida com grande conforto. Seu filho Nerulino, que pouco depois foi processado, foi absolvido na instância do imperador. Sêneca foi acusado de vingança nesta ocasião, mas se os tempos e as circunstâncias forem levados em consideração, poderíamos nos perguntar quão amenidade foi a vingança que um ministro poderoso achou suficiente para exigir de um adversário tão hostil.

Capítulo VIII - A Farsa de Baiae, 59 d.C.

O poder de Sêneca, cuja situação havia sido em algum grau abalada pelos ataques de Suílio, foi ameaçado por uma formidável antagonista mais ou menos ao mesmo tempo: Popeia Sabina, bela, encantadora, nobre, rica e inteligente, escondida sob um exterior modesto, um coração frio, uma disposição calculista e uma total falta de escrúpulos. Ela era casada com o brilhante e dissoluto Otão, um dos principais amigos de Nero e ornamentos de sua corte, depois de ter se divorciado do ex-marido, Crispino. Otão, seja por imprudência ou ambição, alardeava os encantos de sua esposa para o imperador e, muitas vezes, quando estava prestes a se juntar a ela depois de jantar no palácio, descrevia em termos brilhantes a felicidade à qual ele estava voltando. O resultado natural se seguiu. Popeia foi apresentada a Nero e a princípio fingiu ser afetada por sua beleza, ao mesmo tempo em que ficou impressionada com sua grandeza. Mas quando o imperador procedeu a proferir seus versos, ela mudou de tom, falou de seu dever para com Otão e contrastou a liberalidade e magnificência daquele cortesão com a pobreza de espírito demonstrada por Nero na devoção por Acte, a mulher liberta com a qual ela se negava entrar em competição. Otão foi banido da Corte e correu algum perigo de vida, mas finalmente Nero, através da interposição de Sêneca, o enviou como governador para a Lusitânia, onde, como Petrônio em Bitínia, provou pela excelência de sua administração que sua extravagância e devassidão em Roma se devia mais à

falta de um encarte mais racional para sua atividade do que a uma disposição viciosa. O fato de ser capaz de magnanimidade ele mostrou na última cena de sua vida; e sua amizade por Sêneca, da qual Plutarco fala, é de seu crédito.¹¹⁹

Houve muitas reclamações dos fazendeiros neste ano sobre a voracidade e injustiça em relação aos impostos e, em consequência, a abolição total dos direitos alfandegários foi seriamente debatida no Conselho de Nero. Abandonada esta proposta drástica, outras medidas foram tomadas. A fim de garantir que não fosse levantado mais dinheiro do que o necessário para fins públicos, foi emitido um edital para que a natureza de cada imposto e os princípios sobre os quais seriam recolhidos, que até então tinham sido mantidos em segredo, fossem publicados pelos coletores de impostos e que nenhuma exigência fosse feita depois de um ano após o imposto ter sido devido. Na avaliação dos bens de um comerciante para fins de tributação, seus navios não deveriam ser levados em conta. A observância dessas excelentes disposições não durou muito mais que o poder de Sêneca e Burro.

O ano seguinte (59) trouxe consigo a emancipação definitiva de Nero e o consequente declínio do bom governo. Embora o imperador odiasse sua mãe, ainda que ele tenha exercido sua engenhosidade para conseguir mortificações para ela a ponto de contratar fanfarrões para gritar insultos de seus barcos ao passarem por sua vila na costa da Campânia, ele nunca conseguiu superar o assombro com que ela o inspirou e quando ela o encontrava cara a cara ela sempre podia curvá-lo à submissão. Agripina era portanto um obstáculo aos ambiciosos projetos de Popeia, que sabia que enquanto ela vivesse Nero jamais ousaria rejeitar Otávia e casar-se com ela. Corriam rumores escandalosos no exterior e amplamente acreditados, de que Agripina estava se esforçando para preservar seu poder

convidando seu filho para o incesto; enquanto uma minoria declarava que a horrível sugestão procedia do próprio Nero. Em todo caso, Acte, instigada por Sêneca, trouxe estes rumores ao conhecimento do imperador, com a insinuação de que se eles ganhassem crédito entre os soldados, haveria um motim. Nero, muito alarmado e já comovido com as insistentes provocações de Popeia, resolveu se livrar de sua mãe mas suas primeiras tentativas de envenená-la foram frustradas pelas medidas cautelares da imperatriz experiente.

Aniceto, um liberto no comando da frota em Misenum e inimigo de Agripina, sugeriu o expediente que foi adotado. Ele se ofereceu para fornecer uma embarcação construída de modo que, a um dado sinal, o teto da cabine principal pudesse ser feito para cair e a própria embarcação afundar através da abertura de um buraco no fundo. Sendo aprovada a manobra, Nero escreveu uma carta a sua mãe em termos de humildade e submissão, na qual ele rezava por uma reconciliação e a convidava a encontrar-se com ele em Baiae. Agripina foi exultante, sendo recebida com efusão amorosa, nobremente entretida, colocada acima de seu filho à mesa, tratada a princípio com a afetuosa leveza, naturalidade e familiaridade natural para um jovem em conversa com sua mãe e depois para sua ainda maior satisfação, seriamente consultada sobre assuntos de Estado, até que finalmente chegou a hora de sua partida. Então Nero a abraçou com extraordinário carinho e parecia incapaz de separar seu olhar de seu semblante.

Era uma bela noite estrelada e o mar estava calmo quando Agripina entrou a bordo do navio elegantemente decorado que havia sido preparado para ela. Ela estava sentada em sua cabine com uma empregada e Galus, um de seus companheiros, quando, logo após o navio ter deixado o porto, parte do teto caiu e esmagou Galus mortalmente. A imperatriz e sua acompanhante, Acerronia,

por mais que tivessem feridas, escaparam pois o mecanismo pelo qual um vazamento deveria ter surgido simultaneamente não funcionou. Os marinheiros que estavam na conspiração se esforçaram para virar o barco trazendo todo o peso para um lado. Agripina e Acerronia foram jogadas ao mar, e Acerronia ou tentou se salvar às custas de sua senhora, ou tentou salvar sua senhora às suas próprias custas - isto jamais poderá ser sabido - passou a gritar que ela era a imperatriz, pedindo ajuda para a mãe do imperador. Aí, ela foi espancada até a morte pelos remos dos marinheiros. Agripina nadou por sua vida e foi resgatada por um barco vindo da costa. De volta à sua vila, a reflexão sobre as circunstâncias a convenceu tanto de que um crime havia sido tentado quanto de que ela deveria ocultar suas suspeitas. Ela enviou um mensageiro a Nero para informá-lo do grave perigo em que se encontrava e para amenizar sua ansiedade por ela, assegurando que, exceto por um leve golpe no ombro, ela não sofrera nenhum ferimento. Ela implorou que ele não viesse procurá-la por enquanto, embora ela soubesse que seu ímpeto seria vir, pois o que ela precisava acima de tudo para sua recuperação era de repouso e sossego total.

Nero ficou aterrorizado com a notícia de que sua tentativa havia falhado. Em sua mente culpada imaginou a filha de Germânico cheia de fúria, despertando os soldados, armando escravos e proclamando seus pecados ao Senado e ao povo. Ele mandou chamar Sêneca e Burro, contou-lhes tudo o que havia acontecido e pediu-lhes conselhos. Eles não tinham nenhum conselho a dar. Mas Aniceto não estava no limite de seus recursos. Ele já tinha se esforçado para colocar uma adaga entre os sapatos do mensageiro de Agripina enquanto ele estava cumprindo sua comissão. O homem foi preso, acusado de ter sido enviado por Agripina para assassinar o imperador e prontamente executado. Aniceto propôs agora matar a imperatriz em sua vila e dar a

entender que ela havia se suicidado ao ouvir que sua trama para tirar a vida de seu filho havia falhado. Nero concordou avidamente com esta proposta e a obra foi executada.

O matricídio, mesmo na Roma do primeiro século, era considerado um crime enorme e Nero temia o efeito das notícias na opinião pública. Se sua primeira obra tivesse sido bem sucedida e a morte de Agripina parecesse o resultado de um acidente no mar, era sua intenção expressar tristeza por sua perda e honrar sua memória da maneira habitual com altares e templos. Como ele não sabia o que esperar, ficou horrorizado com a sensação da magnitude de um crime que, se tivesse passado insuspeito por outros, provavelmente não teria dado à sua consciência cauterizada nenhum mal-estar. Mas na manhã seguinte ele foi encorajado pela bajulação dos oficiais militares, que vieram por sugestão de Burro, para felicitá-lo por sua escapatória da adaga do emissário da Agripina. As cidades vizinhas de Campânia seguiram o exemplo, enviando delegados para felicitar o imperador e oferecendo sacrifícios de ação de graças em seus templos. O próprio Nero afetado por desgosto da perda de sua mãe, quase lamentou seu próprio stratagem. Ele não podia mais suportar a visão de Baiae e dirigiu-se a Nápoles, de onde enviou uma carta ao Senado composta por Sêneca. Nesta carta, depois de relatar como um dos libertos confidentes de Agripina havia sido surpreendido em sua presença armado com uma adaga e como a imperatriz, no malogro de seu atentado contra a vida do imperador, havia tirado a própria, ele prosseguiu para uma acusação de toda a carreira de sua mãe. Insistiu nas atrocidades do reinado de Cláudio e insinuou sua responsabilidade por elas, recordou sua ambição de ser sua parceira no Império e de receber em sua companhia o juramento de lealdade e afirmou que no fracasso dela em alcançar este objetivo ela havia se oposto a todos os donativos aos soldados ou ao povo. Ele foi obrigado,

acrescentou, a reconhecer, por maior que fosse seu natural pesar pela perda dela, que sua morte foi um benefício público.¹²⁰ A carta não enganava a ninguém. Não se podia acreditar que o naufrágio tivesse sido um acidente ou que Agripina teria sido louca o suficiente para enviar um único indivíduo para atacar o imperador no meio de seus guardas. O caráter de Nero já era tão bem conhecido que nenhuma nova infâmia de sua parte poderia mais causar surpresa. Mas a composição da carta por Sêneca foi alvo de críticas hostis e não só foi considerada na época por seus inimigos como uma declaração de cumplicidade no assassinato, mas pesou mais em sua memória desde então do que qualquer outro incidente em sua carreira. No entanto, que Sêneca e Burro foram os cúmplices ou conselheiros da trama de Nero para assassinar sua mãe é em grande medida improvável, é diferente de tudo que sabemos de seus caracteres e, como o evento provou, tal conselho teria sido tão insensato do ponto de vista de seus próprios interesses quanto iníquo em relação a todos os outros. Depois que a façanha foi feita, Sêneca provavelmente se convenceu de que não havia nada melhor para fazer do que tirar o melhor proveito de uma situação ruim e que abandonar Burro e deixar o Império à mercê de Nero seria um caminho antipatriótico. A única alternativa era, não perdoar o crime, mas negar que um crime tivesse sido cometido. *“Que melhor prova pode um homem dar de devoção à virtude”*, escreveu ele em uma de suas cartas, *“do que a prontidão para sacrificar a própria reputação em nome da consciência?”*¹²¹ No entanto, quando tudo é dito, a carta para o Senado permanece, de todas as ações registradas de Sêneca, a menos defensável. Nero poderia ter se poupado da ansiedade em relação ao Senado.

A principal preocupação daquela assembleia nesta crise foi mostrar a natureza irrestrita de sua submissão ao autocrata. Decretos foram aprovados para agradecer aos

deuses em cada santuário, para a celebração anual do dia em que a suposta trama havia sido frustrada e para a construção de uma estátua dourada para Minerva a ser colocada ao lado da do príncips na casa do senado. Trásea Peto,¹²² que até aquele momento tinha tolerado em silêncio ou em algumas palavras formais os decretos aprovados em honra de Nero, recusou-se a obedecer e, recusando-se a concordar com estes novos elogios em tal ocasião, retirou-se do senado, ao qual raramente retornou. Sua ação, observa Tácito secamente, embora cheia de perigo para si mesmo, não foi útil à causa da liberdade.¹²³ O povo também não ficou para trás em suas manifestações de lealdade ao príncips – uma lealdade que com eles não foi totalmente fingida, pois a generosidade de Nero, seus espetáculos e suas maneiras populares fizeram dele um favorito da multidão, enquanto Agripina, por outro lado, tinha sido muito impopular. Quando, portanto, após uma estada excepcionalmente longa na Campânia, ele estava apreensivo em voltar a Roma, foi recebido com um entusiasmo que superou em muito suas maiores esperanças e fez uma entrada triunfante na cidade. Esta experiência o convenceu de que ele poderia vir a fazer o que quisesse com impunidade, e a partir deste momento, ele deu livre curso à intemperança sem limites de sua vontade malévola.

Nero era excessivamente vaidoso por sua voz e de suas atuações no alaúde. Que seu gênio musical fosse universalmente reconhecido era sua principal ambição e ele ansiava por aparecer no palco público para ganhar aplausos, como nenhum outro intérprete havia recebido. Ele costumava justificar sua paixão pelo canto e pela música com o exemplo de um deus honrado não apenas na Grécia, mas em Roma, com quem os poetas de seu tempo nunca se cansaram de compará-lo. E o canto, ele argumentaria com alguma justiça, não é nada sem um público.¹²⁴ Mas Phoebus não era apenas o deus da música, ele era o caronte do sol e

aqui ele também era seguido pelo imperador. Porque a segunda paixão de Nero era a condução de cavalos em carruagens; sua habilidade, ele estava quase tão ansioso para exhibir ao público quanto a beleza de sua voz. Enquanto, no entanto, sua mãe estivesse viva, ele se abstinha de degradar a majestade dos Césares pela auto exposição envolvida nas apresentações públicas. Ele odiava Agripina, mas temia o desprezo dela.¹²⁵

Após a morte de Agripina, Sêneca e Burro acharam impossível resistir por mais tempo às inclinações do príncipe. Na esperança, portanto, de que por um compromisso pudessem satisfazer sua vaidade enquanto evitavam um escândalo público, eles fizeram com que um espaço de terreno nivelado aos pés da colina Palatina fosse cercado, no qual Nero poderia exhibir sua habilidade como jóquei para uma audiência selecionada. Mas a vaidade, como o ciúme, é uma paixão que se retroalimenta e o único efeito sobre Nero dos aplausos de seus amigos foi fazer com que ele tivesse sede de um círculo maior de espectadores. As barreiras foram postas de lado e o povo romano convidado para o espetáculo. A população, encantada de ver seu imperador contribuindo pessoalmente para sua diversão favorita, foi efusiva em seus aplausos. Enquanto isso, os ministros descobriram à sua angústia que só tinham alimentado a chama da loucura de Nero. Para camuflar sua vergonha, ele persuadiu a mais nobre juventude de Roma a seguir seu exemplo e recompensou com grandes somas de dinheiro aqueles que, se não por próprio vontade, consentiram por ganância.

Mas embora Nero tivesse se apresentado perante o público como um cocheiro, ele ainda não se aventurava a aparecer no teatro como um cantor ou ator. Quanto aos mímicos e a todas as exibições físicas ou pessoais de um homem com vistas ao entretenimento do público os romanos tinham um desprezo inigualável a qualquer nação

antiga ou moderna. Eles condenavam a auto exposição de qualquer tipo como uma violação daquele pudor que eles classificavam tão altamente entre as virtudes. Nero era um poeta e músico, assim como um cantor. Ele podia cantar seus próprios poemas para o acompanhamento de sua própria lira com música de sua própria composição e ele estava decidido a não esconder seus talentos. Com este fim em vista, ele instituiu a Juvenália, ou festivais da juventude, que consistia em apresentações musicais e dramáticas. Estes eram celebrados em particular de tempos em tempos nos jardins do palácio do imperador e eram acompanhados de muito desregramento e devassidão. Eram frequentados pela corte, juntamente com homens e mulheres de nascimento nobre e de todas as idades, muitos dos quais participavam das apresentações. Aqui, pela primeira vez, Nero apareceu no palco em traje, lira na mão, para cantar canções que foram recebidas com aplausos arrebatadores. Um grupo de cavaleiros romanos, tomando o nome de *Augustani*, formou-se em uma sociedade, cujo único objetivo era aplaudir o imperador e proclamar a glória da 'voz divina'. O próprio Burro, com os oficiais da guarda, foi relutantemente obrigado a estar presente e a unir-se aos aplausos.¹²⁶ Como Tácito não faz nenhuma menção a Sêneca neste contexto, talvez possamos inferir que o filósofo foi dispensado de comparecer.

Capítulo IX - Declínio da Influência de Sêneca, 60- 62 d.C.

Apesar da crescente autoconfiança e falta de senso de autocontrole de Nero, sua aversão aos assuntos políticos garantiu mais dois anos de administração relativamente sábia e humana a Roma após a morte de Agripina. Até sua vaidade, aquele “*corvo-marinho insaciável*”, ter consumido os vastos recursos deixados pelas economias de seu antecessor, ele não estava sob a tentação de recorrer à opressão para seu ulterior reabastecimento. A lei de *majestas* havia se tornado obsoleta, os informantes haviam sido dissuadidos, os governadores das províncias haviam sido obrigados a dar um relato rigoroso de sua administração e punidos quando o mereciam e a popularidade que essas sábias medidas de seus ministros trouxeram ao príncipe foi mais do que duplicada pela extravagância de seus espetáculos e sua generosa distribuição de presentes ao povo.

O evento principal em Roma no ano 60 foi a instituição solene por Nero de jogos quinquenais, chamados de Quinquenália, consistindo em competições de ginástica e música e também de corridas de carruagens – destinadas a serem continuadas em intervalos de cinco anos por séculos. Um festival deste tipo, copiado a partir do modelo grego, era uma novidade para os romanos, acostumados a professar um singular desprezo pelas conquistas atléticas e artísticas mantidas em tanta estima pelos gregos.¹²⁷ Houve

murmúrios de conservadores que lamentaram o incentivo do Estado a produções gregas indignas dos romanos, mas estes foram respondidos pelos defensores das ideias modernas, que afirmaram que o custeio de parte dos espetáculos pelo erário público aliviava os magistrados que estavam arruinados pelas despesas dos espetáculos que eram obrigados a proporcionar. Além disso, esses concursos estimulavam a atividade intelectual através de prêmios de poesia e eloquência. A primeira celebração da Nerônia, como os jogos foram chamados, foi conduzida decentemente. O prêmio de eloquência não foi disputado, mas formalmente atribuído a Nero.

O ano seguinte (61) foi tornado memorável pelo desastre na Grã-Bretanha, onde diz-se que 70.000 romanos foram massacrados em um súbito levante dos habitantes sob sua rainha guerreira, Boadicea.¹²⁸ A revolta foi suprimida graças à energia e capacidade do governador, Suetônio Paulino. Nero não gostava de comandantes de sucesso e Suetônio foi recompensado por sua vitória por sua convocação a Roma.

Em Roma, o evento do ano que despertou maior interesse foi o assassinato de Pedânio Segundo, prefeito da cidade, por um de seus próprios escravos, por causa da exigência que se seguiu à aplicação da antiga lei sob a qual, quando um senhor era morto por um escravo, todos os outros escravos da casa, bem como ele próprio, eram mortos. O povo havia se acostumado a um regime mais brando e a punição prevista para um número tão grande de seus colegas de ambos os sexos e de todas as idades quase causou uma revolta. Mesmo no Senado, uma minoria protestou contra a aplicação de uma lei tão severa. Os escritos de Sêneca, o autor mais lido da época, nos quais ele pleiteava a causa dos escravos, insistia em sua humanidade comum, chamava-os de “humildes amigos” e companheiros de fortuna e ria-se daqueles que

consideravam degradante sentar-se à mesa em sua companhia, pode ter tido algum efeito sobre a opinião pública.¹²⁹ Tácito preservou para nós um discurso feito no Senado por um certo Caio Cássio, no qual temos a opinião de um senador romano da velha escola sobre as novas ideias, cheio de falsos sentimentos e suavidade degenerada:

Tenho estado muitas vezes presente, Patres Conscripti, nesta assembleia quando são feitas propostas contrárias às leis e instituições de nossos antepassados e não levantei nenhuma oposição. Isto não se deveu ao fato de eu duvidar a qualquer momento da sabedoria e da política correta de nossas antigas instituições ou de supor que elas poderiam ser alteradas, exceto para pior; mas, em primeiro lugar, porque, em meu zelo pela velha ordem, não pareceria dar demasiada importância à minha própria opinião; e, em segundo lugar, porque um contínuo curso de oposição em assuntos de menor importância é capaz de enfraquecer a força de nossa resistência em momentos em que os mais altos interesses da comunidade são ameaçados. Considere o que acaba de acontecer, um homem de nível consular foi morto em sua própria casa por um escravo traiçoeiro. Ninguém interferiu para salvá-lo ou revelou a trama, embora a lei sob a qual toda a família se tornou responsável por sua segurança ainda não tivesse sido posta em questão. Passe então, em nome do céu, seu ato de indenização. Quem o protegerá quando a prefeitura da cidade não tiver utilidade? Quantos escravos precisaremos para nossa defesa quando quatrocentos não puderam garantir a segurança de Pedânio? ... Há quem não tenha vergonha de fingir que o assassino estava vingando as injustiças que sofreu porque ele mesmo estava sendo roubado. Digamos imediatamente então que Pedânio

foi justamente assassinado! Você quer que eu encontre argumentos para fazer cumprir uma lei estabelecida há muito tempo por homens mais sábios do que nós? Bem, então suponho que seja uma questão de aprová-la pela primeira vez, e lhe pergunto se é plausível que um escravo tenha formado a intenção de matar seu senhor e não tenha dado nenhuma pista a nenhum de seus desígnios por uma única palavra precipitada ou ameaçadora? Ele escondeu sua trama com muito sucesso; ninguém viu sua arma; ele passou pelo guarda; ele abriu as portas da câmara da cama; ele passou carregando uma tocha; ele cometeu o assassinato e ninguém estava ciente do que ele estava fazendo! É impossível... Nossos ancestrais desconfiavam da disposição dos escravos, mesmo quando nascidos em suas próprias casas ou em suas propriedades e, portanto, presos a eles por laços de afeto e gratidão para toda a vida. Mas agora quando as famílias são constituídas por nações distantes, quando temos escravos cujos modos e religião diferem tão amplamente dos nossos, certamente nunca poderemos manter em ordem esta vil multidão, a não ser trabalhando sobre seus medos. Os inocentes, diz-se, perecerão com os culpados. Porque, assim o fazem em um exército derrotado, quando cada décimo homem é espancado até a morte; a má sorte pode cair sobre os corajosos. Algo de injustiça você encontrará em cada grande exemplo; mas os interesses do indivíduo devem ser sacrificados para o bem geral.

Nenhum senador foi ousado o suficiente para se opor abertamente aos pontos de vista de Cássio e, embora se ouvissem murmúrios dissonantes condenando o escárnio da justiça que não levava em conta nem o sexo nem a idade nem a inocência evidente, foi decidido que a lei deveria ser aplicada. Houve tumultos entre a população e uma ameaça

de resistência foi formulada. Aí, o descontentamento imperial foi proclamado por decreto, o caminho da prisão para o local de execução foi alinhado com soldados e os quatrocentos escravos, homens, mulheres e crianças, foram mortos.

O ano 62 iniciou-se sinistramente com o ressurgimento da lei *Majestas*, ou de traição, que se encontrava adormecida desde a morte de Cláudio. Em um banquete dado na casa de Ostório Escápula, o pretor Antistio, um dos convidados, recitou alguns versos escabrosos de sua própria composição contra o imperador. Cossutio Capito, que havia sido elevado à categoria de senador pela influência de seu sogro, Tigelino, acusou Antistio de traição perante o Senado. Ostório declarou que não tinha ouvido nenhum versículo recitado, mas o crédito foi dado às provas de outras testemunhas e Junio Marullo, cônsul designado, propôs que Antistio fosse destituído de sua pretoria e colocado à morte da maneira antiga. Mas Trásea Peto levantou-se para se opor a esta moção e, após muitos elogios a César e reprovações dirigidas a Antistio, declarou que punições selvagens como as exigidas pertenciam a outra época e que as leis permitiam a adoção de alternativas mais brandas. Por isso, ele propôs que Antistio deveria ser punido com o confisco de seus bens e o banimento para uma ilha. Esta moção foi levada adiante em uma divisão; mas, antes de se aventurarem a dar-lhe efeito, os cônsules acharam prudente pedir conselho ao imperador. Nero, ofendido e envergonhado, respondeu que havia sido atacado sem causa por Antistio, que certamente merecia ser punido. Quanto ao resto, se o Senado tivesse decidido a pena mais severa, ele deveria ter interferido para evitar sua aplicação, mas ele não poderia fazer objeção à moderação deles. De fato, eles poderiam absolver totalmente o prisioneiro, se assim o desejassem. Apesar do manifesto incômodo do imperador, o Senado não recuou em seu voto; alguns deles,

diz Tácito, para não expor o príncipe à impopularidade, outros percebendo a segurança em números, e Trásea por sua natural grandeza de alma. Esta foi talvez a última ocasião, durante o reinado de Nero, em que o Senado mostrou independência.

A morte de Burro, que logo se seguiu, desferiu um golpe devastador no poder e na influência de Sêneca para sempre. É mérito de ambos os homens que a amizade e união entre eles permaneceu intacta durante todo o tempo por qualquer sentimento de rivalidade ou ciúme; e, enquanto a força militar estava sob o comando de Burro, Nero não se aventurou a se livrar de Sêneca. Burro foi sucedido no comando dos pretorianos por Ofônio Tigelino, o mais extravagante e corrupto dos associados de Nero, com os quais, como concessão à opinião pública, se uniu com o colega Fenio Rufo – um homem honesto, apreciado pelos soldados e respeitado pelo povo por causa da integridade com que havia administrado a distribuição do milho. Mas Rufo não recebeu nenhum poder real, enquanto Tigelino, por outro lado, que havia cultivado um bom entendimento com Popeia, adquiriu uma influência predominante sobre o imperador, cujos piores impulsos ele encorajou.

Após a morte de Burro, os inimigos de Sêneca redobram seus ataques, os quais perceberam que o imperador começava a ouvir com uma satisfação pouco velada. Com o exagero habitual em todas as épocas em que as fortunas dos homens públicos estão em questão, eles se debruçaram sobre a extensão de suas receitas demasiadamente vastas para um indivíduo, o número de suas vilas e a beleza de seus jardins, quase ultrapassando em magnificência, assim eles disseram, as do próprio imperador. Eles o acusaram, provavelmente com mais justiça, de depreciar a habilidade de Nero como cocheiro e de zombar abertamente da voz celestial. Insinuaram que ele alegava o monopólio da eloquência, que tão logo Nero

começasse a escrever poesia sua própria atividade poética aumentaria, e que, de fato, ele não permitiria que nada de eloquência aparecesse na república que não procedesse de si mesmo. Nero, disseram eles, havia passado de sua infância; que ele se livrasse do jugo e mostrasse que não precisava de outra orientação a não ser aquela que lhe foi dada pelo exemplo de seus ancestrais.

A nomeação do Tigelino para o cargo de Burro convenceu Sêneca de que ele não poderia prestar mais serviços ao Estado e ele ficou ansioso para se aposentar da vida pública. Mas não seria fácil se retirar do serviço do desconfiado Nero. O próprio Sêneca, em uma de suas cartas, com a sabedoria mundana que ele comumente mistura com sua filosofia, observou que é perigoso parecer procurar um retiro seguro, já que um homem condena implicitamente aquilo que ele evita.¹³⁰

No entanto, ele obteve uma audiência e, sob a alegação de idade e enfermidades crescentes, implorou para ser autorizado a se aposentar da Corte e dedicar o pouco tempo restante de sua vida aos seus estudos. Ao mesmo tempo, ele pediu ao príncipe que viesse em seu auxílio, permitindo-lhe devolver a seu benfeitor imperial os grandes bens que ele devia à sua munificência. Mas Nero não aceitou sua renúncia nem o sacrifício oferecido por seus jardins e vilas. Ele professou o maior valor pelos serviços de seu ministro, carregou-o de afagos e o dispensou com ternas reprovações de que ele deveria contentar-se em ganhar crédito por desinteresse com o risco de expor seu amigo à suspeita de avarizia e que, este desejo por uma aposentadoria seria interpretado como medo da severidade de Nero. Sêneca agradeceu ao príncipe e se retirou; mas a partir daí mudou todo seu modo de vida; interrompeu suas recepções de clientes, passou pouco tempo no exterior e evitava toda a sociedade, dedicando-se em reclusão a seus estudos e escrevendo suas cartas imortais a Lucílio. A mudança na

direção dos eventos logo se fez sentir. Burro, Tigelino disse a Nero, tinha outros interesses, mas para ele, a segurança do imperador era o único objeto. Ele tentou alertar Nero com relatos de conspirações e mergulhá-lo no crime a fim de assegurar sua própria posição como guardião indispensável e cúmplice. Rubélio Plauto e Cornélio Sulla foram as primeiras vítimas deste sistema. Plauto era um dos descendentes de Augusto por intermédio de sua mãe. Ele havia adotado os princípios estoicos e, embora fosse um homem de vastos bens, a simplicidade e dignidade de sua vida doméstica lhe haviam conquistado o respeito universal. Dois anos antes, no ano 61, com o aparecimento de um cometa, uma leve doença do imperador e outros sinais que fizeram muita gente acreditar que uma mudança era iminente, ele havia sido mencionado como um candidato ao Império. Nero lhe havia enviado uma carta na qual sugeria que, a fim de silenciar estes relatos injustos pelos quais ele não o considerava responsável, seria bom que ele se aposentasse por um tempo para suas propriedades na província da Ásia e lá vivesse sua juventude livre de perigos ou intrigas. Plauto cumpriu e ainda vivia na província quando a morte de Burro e a aposentadoria parcial de Sêneca levaram Tigelino ao poder. Cornélio Sula, um homem maçante, cuja única importância derivava de sua descendência do ditador, vivia e livros em Marselha desde o ano 58, para onde havia sido enviado sob uma acusação falsa de conspiração contra o imperador, da qual ninguém que conhecia sua disposição indolente acreditava que ele fosse capaz. Tigelino, estudando de perto o humor de seu mestre, descobriu que estes dois homens eram os medos vivos no coração de Nero e logo depois exortou a sua destruição. Nero concordou imediatamente e, no sexto dia depois que os emissários enviados para esse fim deixaram Roma, Sula foi assassinado enquanto jantava em Marselha e sua cabeça levada de volta ao imperador, que riu da brancura prematura dos cabelos que havia nela. A execução

de Plauto foi um processo mais trabalhoso. Ao contrário de Sula, ele tinha muitos amigos e grandes posses. Ele foi avisado de seu perigo por um despacho de seu sogro, Antístio, que o incitou a resistir. Mas Plauto era um filósofo estoico e um fatalista e ele pensava que a chance incerta de uma vida mais longa não valia a pena, enquanto esperava que sua submissão pudesse inclinar o imperador a um melhor tratamento de sua esposa e filhos. O assassino de Nero o encontrou ao meio-dia despido para os exercícios em seu ginásio. Lá ele foi assassinado e sua cabeça, como a de Sula, trazida de volta ao exultante tirano. Uma mensagem imperial ao Senado não fez nenhuma menção direta às mortes de Plauto e Sula, mas falou vagamente de sua postura conflituosa e da constante vigilância do imperador sobre a segurança pública. Eles foram expulsos do Senado e as súplicas habituais foram decretadas.

Estes crimes foram seguidos pelo assassinato da inocente e infeliz Otávia. Esta princesa, cuja breve vida havia sido apenas uma série de calamidades não atenuadas por um único brilho de felicidade, era adorada pelo povo, que se solidarizava com seus infortúnios e detestava sua rival Popeia. Nero começou por se divorciar dela em razão da esterilidade e a levou primeiro para uma casa outrora habitada por Burro e depois para a Campânia, onde foi colocada sob uma guarda militar. Em seguida foi acusada de adultério com um escravo egípcio mas a constância heroica de suas servas, que ainda sob tortura continuavam a declarar sua inocência, fez com que fosse necessário abandonar esta acusação e o imperador, intimidado pelo clamor popular, decidiu chamá-la de volta. Seguiram-se grandes regozijos, as estátuas de Popeia foram derrubadas e as de Otávia adornadas de flores. A multidão avançou em direção ao palácio para expressar sua gratidão ao imperador, mas foi recebida por uma tropa de soldados e dispersa com derramamento de sangue. Popeia, auxiliada

por Tigelino, usou todas as suas artimanhas para restaurar a resolução de Nero e para refazer a ruína de Otávia. Os serviços de Aniceto, o assassino de Agripina, foram novamente chamados à ordem. Este homem havia se tornado odioso para Nero e estava pronto para qualquer novo crime para recuperar seu favor. Ele concordou em acusar-se de ser amante de Otávia e excedeu suas instruções na falta de vergonha de suas falsas revelações. Após sua declaração feita ao conselho de Nero, ele foi enviado para a Sardenha, onde pôde passar os anos restantes de sua vida miserável em conforto físico. Otávia, ainda no seu vigésimo ano, tendo testemunhado os assassinatos de seu pai e irmão por um marido que a odiava e a tratava cruelmente desde o primeiro dia de sua união fingida, estava agora confinada em grilhões na ilha de Pandataria e depois de alguns dias foi condenada à morte. Sua cabeça foi levada ao sua rival cruel, Popeia, cujo casamento com Nero havia seguido imediatamente o divórcio.

No ano seguinte (63), Popeia deu à luz uma filha e Nero estava ao seu lado com alegria. O Senado entrou em seu favor e votou templos, graças aos deuses e honras à criança e à mãe, com sua habitual subserviência. A criança nasceu no próprio local de nascimento de Nero - e ali os senadores foram dar seus parabéns, todos exceto Trásea, cuja ausência atraiu um comentário amargo do imperador. Em seguida, Nero se gabou a Sêneca de ter se reconciliado com Trásea. Um bajulador teria respondido com o protesto antecipado contra tal excesso de magnanimidade, mas Sêneca simplesmente se expressou encantado com a notícia e ofereceu suas felicitações - uma resposta, comentou Tácito, muito à sua honra e à de Trásea, mas carregada de perigos para estes dois excelentes homens. A própria criança morreu em quatro meses e Nero, excessivo em todas as coisas, abandonou-se às mais selvagens

manifestações de pesar, cuja honra divina votou a fundo perdido por um simpático Senado, impotente.

Capítulo X - Sêneca em Retiro - Seus Amigos e Ocupações

Durante os últimos três anos de sua vida, Sêneca ocupou-se o menos possível dos assuntos públicos. O imperador não consentia com seu retiro formal e ainda o consultava ocasionalmente, mas Sêneca vivia em Roma o mínimo possível, fazendo de sua saúde uma desculpa para passar a maior parte de seu tempo em uma ou outra de suas vilas. Em sua aposentadoria, que ele compartilhou com sua jovem esposa Paulina, a quem estava ternamente ligado, Sêneca ocupou-se com a leitura, escrita, autoanálise, meditação sobre a natureza das coisas e pesquisas sobre a história natural. Seu livro *Naturales Quaestiones*, escrito no último ano de sua vida, foi o resultado dessas pesquisas nas quais, diz Quintiliano, às vezes ele era induzido a erro por aqueles que ele empregava para fazer pesquisas. Este livro, embora sem grande valor científico, assume a existência de causas naturais para todos os fenômenos, por mais inusitados que sejam e rejeita a noção de que eles eram indicativos especiais do propósito divino ou tinham qualquer relação, exceto accidental, com o destino humano.

Sêneca também era vinicultor experiente e seu vinhedo em Nomentum¹³¹ era a admiração dos agricultores italianos.¹³² O território de Nomentum, uma pequena e antiga cidade nos arredores de Roma, era celebrado pelos seus vinhedos. Um novo sistema de cultivo tinha sido ali introduzido com muito sucesso por um liberto chamado

Acilio Estênelo. Os métodos de Estênelo foram imitados pelo conhecido gramático Palaemon, um homem de moral infame e vaidade desmedida, mas cuja energia e habilidade o tinham elevado da condição de escravo à riqueza e alta distinção na sua profissão.¹³³ Palaemon comprou a um preço baixo algumas terras negligenciadas em Nomentum e começou a trabalhar para cultivar videiras de acordo com o sistema de Estênelo. Ele teve tanto sucesso que em oito anos seus vinhedos se tornaram um objeto de interesse para todos os homens envolvidos na viticultura, e a proximidade de Nomentum com Roma lhe trouxe um fluxo de visitantes pelo qual sua vaidade – o motivo principal, segundo Plínio, de todas as suas atividades – deve ter sido abundantemente gratificada. Entre os quais veio Sêneca, que ficou tão encantado com o que viu que comprou a propriedade a um preço quatro vezes maior do que o que Palaemon pagara por ela menos de dez anos antes. A fazenda não sofreu com a mudança de propriedade. Columela, um contemporâneo, escreve que em seu tempo os vinhedos de Nomentum eram celebrados por sua excelência e que o melhor rendimento de todos era daquele pertencente à Sêneca.¹³⁴

O caráter prático da filosofia de Sêneca, seu amor por resultados tangíveis, seu constante desejo de penetrar através das aparências até as realidades, tornam compreensível seu gosto pela agricultura. Um vinicultor rival, mencionado por Plínio, foi Vetalino Egíalo, por origem um liberto, que viveu em uma propriedade no distrito de Liternum, em Campânia, anteriormente ocupada por Cipião Africano durante seu exílio de Roma. Sêneca o visitou lá e deixou em uma de suas cartas uma interessante descrição da casa e dos olivais, com um relato detalhado dos vários métodos de plantio e transplante de oliveiras e videiras:

1. Eu estou descansando na casa de campo que uma vez pertenceu ao próprio Cipião Africano, e escrevo-lhe

depois de reverenciar seu espírito e um altar que estou inclinado a pensar ser o túmulo daquele grande guerreiro. Que a sua alma realmente retornou aos céus, de onde veio, estou convencido, não porque ele comandou exércitos poderosos – porque Cambises também tinha poderosos exércitos e Cambises era um louco que fez uso bem-sucedido de sua loucura – mas porque ele mostrou moderação e um senso de dever de maravilhosa amplitude. Considero este traço nele como mais admirável após sua retirada de sua terra natal do que enquanto ele estava defendendo-a; pois havia a alternativa: Cipião deveria permanecer em Roma ou Roma deveria permanecer livre.

2. “É meu desejo”, disse ele, “não infringir o mínimo de nossas leis ou de nossos costumes; que todos os cidadãos romanos tenham direitos iguais. Oh meu país, goza o máximo do bem que eu fiz, mas sem mim, eu fui a causa de sua liberdade e eu serei também a sua prova, eu vou para o exílio, se é verdade que eu cresci além do que é a sua necessidade!”

3. O que posso fazer senão admirar essa magnanimidade que o levou a se retirar para o exílio voluntário e aliviar o Estado de sua carga? As coisas haviam ido tão longe que a liberdade prejudicaria Cipião ou Cipião a liberdade. Qualquer uma dessas coisas era errada frente aos céus. Então ele cedeu às leis e retirou-se para Literno, pensando em fazer o Estado um devedor por seu próprio exílio não menos do que pelo exílio de Aníbal.

4. Eu inspecionei a casa, que é construída de pedra cortada; o muro que encerra um bosque; as torres também, fortificadas em ambos os lados com a finalidade de defender a casa; o poço, escondido entre edifícios e arbustos, grande o suficiente para manter todo um exército fornecido; e o pequeno banho,

sepultado na escuridão de acordo com o estilo antigo, pois nossos antepassados não pensavam que poderiam ter um banho quente, exceto fora de vista. Foi, portanto, um grande prazer eu comparar os costumes de Cipião com os nossos.

5. Pense, neste pequeno retiro, o “terror de Cartago”, a quem Roma deveria agradecer por não ter sido capturada mais de uma vez, costumava banhar um corpo cansado de trabalho nas batalhas! Pois ele estava acostumado a manter-se ocupado e a cultivar o solo com as próprias mãos, como os bons e antigos romanos costumavam fazer. Debaixo deste teto esquelético, ele esteve em pé e este piso, medíocre como é, suportou seu peso.

6. Mas quem, nesses dias de hoje, poderia suportar banhar-se de tal maneira? Nós nos achamos pobres e mesquinhos se nossas paredes não são resplandecentes com espelhos grandes e dispendiosos; se os nossos mármore de Alexandria não são desencadeados por mosaicos de pedra numidiana, se suas molduras não são enfeitadas em todos os lados com padrões complexos, dispostos em muitas cores como pinturas; se os nossos tetos abobadados não estão cobertos por cristal; Se as nossas piscinas não estiverem revestidas com mármore de Tasos, antigamente uma ocorrência rara e maravilhosa em piscinas de templos, em que descemos nossos corpos depois de terem sido drenados por transpiração abundante; e, finalmente, se a água não verte por cumeeiras de prata.

7. Até agora tenho falado sobre os estabelecimentos de banhos comuns; o que devo dizer quando mencionar aqueles dos libertos? Que grande número de estátuas, de colunas que não suportam nada, mas são construídas para decoração, apenas para gastar

dinheiro! E que massas de água que caem de nível em nível! Nós nos tornamos tão luxuosos que não temos nada além de pedras preciosas para caminhar.

8. Neste banho de Cipião há pequenas fendas – você não pode chamá-las de janelas – cortadas do muro de pedra de modo a admitir a luz sem enfraquecer as fortificações; hoje em dia, no entanto, as pessoas consideram que os banhos servem apenas para as mariposas se não estiverem dispostos a receber o sol durante todo o dia através de largas janelas, se os homens não puderem tomar banho e se bronzear ao mesmo tempo e se não podem olhar para fora de suas banheiras sobre extensões de terra e mar. Assim vai; os estabelecimentos que haviam atraído multidões e ganharam admiração quando foram abertos pela primeira vez são evitados e colocados de volta na categoria de antiguidades veneráveis, assim que o luxo tenha criado algum dispositivo novo.

9. Nos dias de antigamente, no entanto, haviam poucos banhos, e eles não estavam equipados com qualquer ostentação. Por que os homens devem elaborar o que custa apenas um centavo, e foi inventado para uso, não apenas para o deleite? Os banhistas daqueles dias não tinham água jogada sobre eles, nem sempre corria pura como se de uma fonte termal; e eles não acreditavam que importava o quão perfeitamente pura era a água na qual eles deveriam deixar a sua sujeira.

10. Oh deuses, que prazer é entrar nesse banho escuro, coberto com um tipo comum de telhado, sabendo que ali o seu herói Catão como edil, ou Fabio Máximo, ou um dos Cornélios, aqueceu a água com suas próprias mãos! Pois isso também costumava ser o dever dos edis mais nobres – entrar nos lugares os quais a população utilizava e exigir que fossem limpos

e aquecidos a uma temperatura exigida por considerações de uso e saúde, e não a temperatura que os homens recentemente usam, tão intensa como uma conflagração – tanto assim, de fato, que um escravo condenado por alguma ofensa criminal agora deve ser banhado vivo! Parece-me que hoje em dia não há diferença entre “o banho está escaldante” e “o banho está quente”.

11. Como algumas pessoas hoje condenam Cipião como provinciano, porque ele não deixou a luz do dia em sua sala de banho através de janelas largas, ou porque ele não se tostou na luz do sol forte e vacilou até estar cozido na água quente! “Pobre tolo”, eles dizem, “ele não sabia como viver! Ele não se banhou em água filtrada, muitas vezes era turva e depois de fortes chuvas quase lamacentas!” Mas não importava muito a Cipião se tivesse que banhar-se dessa maneira; ele foi lá para lavar o suor e não para ser unguído.

12. E como você acha que algumas pessoas me responderão? Elas dirão: “Eu não invejo Cipião, tinha verdadeiramente uma vida de eLivros – suportar banhos como esses!” Amigo, se você fosse mais sábio, você saberia que Cipião não se banhava todos os dias. É afirmado por aqueles que nos relatam os costumes da Roma antiga que os romanos lavavam apenas os braços e as pernas diariamente – porque esses eram os membros que reuniam a sujeira em seu trabalho diário – e banhavam-se completamente uma vez por semana. Aqui alguém replicará: “Sim, eram indivíduos evidentemente muito sujos! Como eles deveriam ter cheirado!” Mas eles cheiravam à batalha, à fazenda e ao heroísmo. Agora que os estabelecimentos de banho reluzentes foram planejados, os homens são realmente mais nauseabundos do que anteriormente.

13. O que diz Horácio Flaco , quando desejou descrever um canalha, que era notório por seu luxo extremo? Ele diz. “Bucílio cheira a perfume” . Mostre-me um Bucílio nestes dias; seu cheiro seria o verdadeiro cheiro de cabra – ele tomaria o lugar do Gargônio com quem Horácio na mesma passagem o comparava. Hoje em dia não é suficiente usar perfume, a menos que você coloque um casaco novo duas ou três vezes por dia, para evitar que o cheiro da transpiração do corpo. Mas por que um homem deve se orgulhar desse perfume como se fosse dele próprio?

14. Se o que estou dizendo parecer a você muito pessimista, compare com a casa de campo de Cipião, onde aprendi uma lição de Egíalo, um chefe de família muito cuidadoso e agora dono dessa propriedade; ele me ensinou que uma árvore pode ser transplantada, não importa quão idosa. Nós, velhos, devemos aprender este preceito; pois não há nenhum de nós que não esteja plantando um jardim de oliveiras para o seu sucessor. Eu as vi ter frutos após três ou quatro anos de improdutividade.

15. E você também deve ser sombreado pela árvore que “cresce lentamente, mas dará sombra aos seus futuros netos” Como diz nosso poeta Virgílio. Virgílio procurou, no entanto, não o que estava mais próximo da verdade, mas o que era mais apropriado e direcionado, não a ensinar o fazendeiro, mas a agradar o leitor.

16. Por exemplo, ao omitir todos os outros erros dele, citarei a passagem em que incumbe hoje a mim detectar uma falha: “ Na primavera semeia feijão, então, também, trevo, Vocês são bem-vindos pelos sulcos em ruínas; e O milhete pede cuidados anuais”. Você pode julgar pelo seguinte incidente se essas plantas devem ser plantadas ao mesmo tempo ou se

ambas devem ser semeadas na primavera. É junho no presente escrito, e estamos quase em julho; e eu vi neste momento os agricultores colhendo feijão e semeando milhete .

17. Mas para retornar ao nosso jardim de oliveiras novamente. Eu as vi sendo plantadas de duas maneiras. Se as árvores forem grandes, Egíalo pega seus troncos e corta os ramos até o comprimento de um pé cada; ele então transplanta junto com a base, depois de cortar as raízes, deixando apenas o bolbo, a parte grossa da qual as raízes se penduram. Ele mistura isso com esterco e insere no buraco, não só cobrindo de terra, mas compactando e pressionando-a.

18. Não há nada, diz ele, mais eficaz do que este processo de embalagem; em outras palavras, afasta o frio e o vento. Além disso, o tronco não é muito abalado e, por esse motivo, a embalagem faz com que as raízes jovens cresçam e se firmem no solo. Essas são necessariamente ainda frágeis; elas provêm apenas uma leve fixação e um pouco de agitação as arranca do lugar. Esta base, além disso, Egíalo desbasta antes de cobri-la. Pois ele afirma que novas raízes brotam de todas as partes que foram podadas. Além disso, o tronco em si não deve ficar a mais de três ou quatro pés do chão. Pois assim haverá, ao mesmo tempo, um crescimento espesso do fundo e evitará um grande tronco, todo seco e murchado, como é o caso dos velhos olivais.

19. A segunda maneira de transplanta-las era a seguinte: ele colhe ramos de tipo semelhante que são fortes e de casca macia, como costumam ser as de jovens mudas. Estes crescem um pouco mais devagar mas, como eles brotam do que é praticamente um corte, não há rugosidade ou feiura neles.

20. Isso também já vi recentemente - uma videira

envelhecida transplantada de sua própria plantação. Neste caso, as radículas também devem ser reunidas, se possível e então você deve encobrir a haste da videira de forma mais generosa, de modo que as raízes possam surgir mesmo do cepo. Eu vi tais plantações feitas não só em fevereiro, mas no final de março; as plantas tomam controle e abraçam os troncos dos ulmeiros.

*21. Mas todas as árvores, ele declara, que são, por assim dizer, “espessas”, devem ser auxiliadas com irrigação; se tivermos essa ajuda, somos nossos próprios criadores de chuva. Eu não pretendo contar mais nada desses preceitos, com medo de que, como Egíalo fez comigo, talvez eu esteja lhe treinando para ser meu concorrente.*¹³⁵

Em outra carta ele descreve como, quando atacado pela febre, escapou de Roma para Nomentum, desconsiderando as ansiosas manifestações de Paulina, sua segunda esposa, que o achava muito doente para se mudar e como rapidamente a visão de suas videiras e prados e o gozo do ar puro após a atmosfera fétida da cidade o restituíram à saúde. Nesta carta, também, ele se detém com gratidão no afeto devotado de Paulina e diz que foi isto que o reconciliou com a vida. Sua saúde havia se tornado um assunto de preocupação para si mesmo, porque era um assunto de preocupação para ela.

*Pois como sei que sou para ela o alento da vida, começo a ter cuidado comigo mesmo para poder ser cuidadoso com ela e desisto daquela indiferença pelo destino que é a principal bênção trazida pela velhice. Este velho, digo a mim mesmo, tem a juventude em sua guarda e deve, portanto, poupar-se a si mesmo. ... É maravilhoso, além do mais, ser tão querido por uma esposa a ponto de um homem se tornar mais querido para si mesmo.*¹³⁶

Outra vila pertencente a Sêneca nos arredores de Roma era no distrito de Albano, onde muitos romanos ricos possuíam casas e onde os próprios imperadores costumavam recorrer à sua magnífica vila ocupada pela primeira vez por Pompeu, cujos grandes restos ainda são visíveis hoje. Sêneca dá em uma de suas cartas um relato característico de uma visita surpresa que ele fez à sua vila albanesa por esta época. Ele relata como chegou tarde da noite após uma viagem problemática e não encontrou nada pronto para sua recepção, a não ser a alma contente que ele trouxe consigo. Isto ele devia, assim ele escreve, às reflexões de que nada externo realmente importa se for encarado com leveza; que tudo o que nos desagrada em nossa indignação surge do sentimento em si, não de seu sujeito; que o mal não reside nas coisas, mas na opinião que temos delas e que embora não houvesse pão em casa, a não ser as coisas grosseiras comidas por seu funcionário e operários, ele descobriria, se esperasse o suficiente para ter fome, que isto era melhor do que o pão ao qual ele estava acostumado. Divertindo-se com estas meditações filosóficas, ele foi para a cama sem jantar, determinado a não comer porcarias até que seu apetite clamasse pela comida caseira ao seu alcance e ele pudesse digeri-la com prazer. Um estômago bem disciplinado e treinado para suportar as indignidades, ele explicou na manhã seguinte para Lucílio, é de grande utilidade para alguém disposto a ser livre. Ele se alegra em descobrir com que perfeita despreocupação pode suportar inconveniências inesperadas; pois, como ele observa, um homem, se lhe for dado tempo, pode se preparar para prescindir de muitas coisas, com cuja perda repentina ele sofreria.

Entretanto, a viagem me mostrou isso: quanto do que nós possuímos é supérfluo; temos tantas coisas de que nem sentiríamos a falta se delas fossemos privados pela força das circunstâncias.

2. Meu amigo Máximo e eu passamos um período muito feliz de dois dias, levando conosco muito poucos escravos - apenas os que cabiam em uma carruagem - e nenhuma parafernália, exceto o que usamos em nossos corpos. O colchão jaz ao chão, e eu sobre o colchão. Há duas mantas - uma espalhada no solo e uma para nos cobrir.

3. Nada poderia ser subtraído do nosso almoço; não demorou mais de uma hora para preparar, e não estávamos destituídos de figos secos, nunca sem tabuleta de escrita. Se eu tenho pão, eu uso figos como um deleite; se não, considero os figos como um substituto do pão. Por isso, eles me trazem um banquete de Ano Novo todos os dias, e faço o Ano Novo feliz e próspero pelos bons pensamentos e grandeza da alma; pois a alma nunca é maior do que quando deixa de lado todas as coisas externas, e assegura a paz por si mesmo, sem temer nada, e é rica por não desejar riquezas.¹³⁷

Ele continua a advertir Lucílio para evitar a sociedade insidiosa daqueles que declaram virtude, justiça e filosofia como nomes vazios e que ter prazer enquanto se vive é o único caminho sensato para um ser efêmero como o homem. A morte, dizem estes, tomará tudo; por que então antecipar sua ação com a rendição do que ela tomará? Que loucura atuar como guardião de seu herdeiro e assim fazê-lo ansiar por sua partida, pois quanto mais você tiver, melhor será o prazer de vê-lo partir. A reputação é uma bolha, o prazer é a única realidade. Cantos de sereia como estes, diz Sêneca, devem ser evitados como a peste. Eles nos afastam de nosso país, de nossos pais, de nossos amigos, da virtude e nos despedaçam em uma rocha de decadência. Ninguém é bom por acidente; a virtude é uma ciência difícil e deve ser aprendida. O prazer, que temos em comum com os animais, que atrai as coisas mais mesquinhas já criadas,

deve ser uma coisa insignificante e desprezível. A pobreza é um mal somente para aquele que o afirma. A superstição é uma loucura; teme aqueles a quem deve amar; desonra aqueles a quem adora. Também se nega a existência de deuses, como se relata de forma tão vil seus temperamentos. Não há esperança para um homem doente, a quem seu médico exorta à intemperança.¹³⁸

Um fruto da aposentadoria, especialmente ao gosto de Sêneca, foi o aumento das oportunidades de ter contatos com seus amigos. Ao longo de sua vida ele cultivou a amizade com homens bem selecionados de todos os níveis e ele tinha uma nobre ideia de tudo o que estava implícito no termo.

*Pondere por muito tempo se você deve admitir uma pessoa ao seu círculo de amizade; mas quando você decide admiti-la, acolha-a com todo o seu coração e alma. Fale tão abertamente com ela quanto com você mesmo. Quanto a você mesmo, embora você deva viver de tal maneira que confie a si mesmo todos assuntos, uma vez que certas questões convencionalmente são mantidas secretas, você deve compartilhar com um amigo pelo menos todas suas preocupações e reflexões. Considere-o como leal, e você o fará leal. Alguns, por exemplo, temendo ser enganados, ensinaram os homens a enganar; por suas suspeitas deram a seu amigo o direito de suspeitar. Por que preciso reter alguma palavra na presença do meu amigo? Por que não me considerar sozinho quando em sua companhia?*¹³⁹

O homem sábio, eu digo, autossuficiente como é, no entanto, deseja amigos apenas para o propósito de praticar a amizade, a fim de que suas qualidades nobres não permaneçam dormentes. Não, todavia, para o propósito mencionado por Epicuro na carta citada acima: “Que haja alguém para sentar-se com ele

enquanto doente, para ajudá-lo quando ele está na prisão ou em necessidade”; mas sim para que ele possa ter alguém em cujo leito hospitalar ele próprio possa sentar, alguém prisioneiro em mãos hostis que ele mesmo possa libertar. Aquele que só pensa em si, e estabelece amizades por esta razão, avalia com erro. O fim será como o início: ele faz amizade com alguém que poderia libertá-lo da escravidão; ao primeiro barulho de corrente tal amigo o abandonará. ... Para que propósito, então, eu faço um homem meu amigo? A fim de ter alguém para quem eu possa dar minha vida, que eu possa seguir para o exílio, alguém cuja contra a morte eu possa apostar minha própria vida, e pagar a promessa depois. A amizade que você retrata é uma negociata e não uma amizade; ela considera apenas a conveniência, e olha para os resultados.... Você pode replicar: “Estamos agora discutindo a questão de saber se a amizade deve ser cultivada por sua própria causa”. Pelo contrário, nada mais urgente exige demonstração; pois se a amizade deve ser procurada por si mesma, pode buscá-la quem seja autossuficiente. “Como, então,” você pergunta, “ele a procura?” Precisamente como ele procura um objeto de grande beleza, não atraído a ele pelo desejo de lucro, nem mesmo assustado pela instabilidade da fortuna. Aquele que procura a amizade com objetivo interesseiro, despoja-a de toda a sua nobreza.¹⁴⁰

A amizade, ele escreve a Lucílio, torna todas as coisas comuns entre nós, nem a prosperidade nem a adversidade podem cair em nossa única quota-parte. Vivemos em comum. Ninguém pode viver feliz se considera somente a si mesmo, se transforma tudo em seu próprio lucro; você deve viver para outro se quiser viver para si mesmo - “alteri vivas oportet, si vis iibi vivere”. A associação que mistura todos com todos e

*afirma que há direitos comuns a toda a raça humana deve ser observada com cuidado e de forma sagrada. Para isso, o cultivo desse laço de amizade íntima de que falei é do maior serviço, pois aquele que compartilha todas as coisas com seu amigo compartilhará muito com a humanidade.*¹⁴¹

*A alma não conhece nenhum prazer comparável a uma doce e fiel amizade. Como é bom ter alguém a quem você pode confiar cada segredo, cujo seu conhecimento você teme menos que seu próprio, cuja conversa acalma seus medos, cujo julgamento resolve suas perplexidades, cuja alegria afasta a melancolia, cuja própria visão o encanta.*¹⁴²

Apesar, ou talvez, devido a esta noção elevada de amizade, Sêneca tinha uma boa lista de amigos. O mais próximo de seu coração era Aneu Sereno, capitão dos guarda-costas de Nero, cujo nome sugere que ele pode ter sido um parente. A ele foi dirigido o tratado *De Constantia Sapientis*¹⁴³ e o *De Tranquillitate Animi*¹⁴⁴ que tem a forma de um diálogo entre Sereno e ele mesmo. O homem mais jovem é levado a consultar Sêneca a respeito de certas dificuldades que ele encontrou em seu progresso filosófico. Sua razão o convenceu de que uma vida simples seria a melhor e suas reais inclinações concordam com sua razão. No entanto, ele acha seus olhos deslumbrados pelo esplendor que vêm ao seu redor e está consciente de um conflito ocasional entre sua natureza moral e física, perturbando-o tanto quanto a enjoo do mar pode incomodar um homem, embora o navio não esteja em perigo. Estas fraquezas o humilham e perturbam e ele pede ao Sêneca que prescreva alguns métodos pelos quais ele possa ganhar uma constante e invulnerável tranquilidade de alma. Sêneca em resposta trata, como ele diz, toda a questão para que, dos remédios disponíveis, Sereno possa extrair o que ele precisa para enfrentar seu próprio caso. Seu

remédio, em resumo, é a dedicação ao bem-estar dos outros, seja pelo serviço público do Estado, no qual um homem deve considerar as honras somente na medida em que elas o ajudem a ser útil a seus amigos, a seus concidadãos e ao mundo inteiro; ou seja, se as tentações incidentes a tal vida não puderem ser enfrentadas com segurança, pelo trabalho igualmente necessário de ensinar ao mundo o sentido da justiça, da piedade, da paciência, da fortaleza, do desprezo pela morte, da natureza dos deuses e, finalmente, o que todos podem ter se desejarem, de uma boa consciência. Não temos poder sobre a fortuna. A vida é em certo sentido uma servidão perpétua, qualquer que seja seu aspecto exterior; mas temos poder para agir corretamente, por mais que a fortuna nos trate e não há circunstâncias concebíveis em que não possamos obter tranquilidade servindo a nossos semelhantes na medida de nosso alcance. Uma escolha criteriosa de amigos, moderação em todas as coisas, tendo sempre em vista um fim racional em todas as nossas ações e desejos, a eliminação do supérfluo, o evitar tanto da ansiedade quanto da frivolidade, o rir em vez de chorar as loucuras e vícios da multidão, o lazer e o cultivo de alegrias – estes são os conselhos mais mundanos dirigidos pessoalmente a Sereno com os quais Sêneca encerra seu tratado. Foi escrito durante o Quinquênio, no auge de sua prosperidade e está livre do desânimo, da sensação de tragédia iminente, das exortações apaixonadas à constância, da tremenda seriedade que marca seus escritos posteriores, quando o reinado de terror havia começado.

Sereno morreu ainda jovem devido a um prato de cogumelos venenosos.¹⁴⁵ De seu pesar neste evento, Sêneca escreveu depois a Lucílio, a quem consolava pela perda de um amigo:

14. Quem lhe escreve estas palavras não é outro senão eu, que chorou tão excessivamente pelo meu querido

*amigo Aneu Sereno, apesar de meus anseios, devo ser incluído entre os exemplos de homens que foram dominados pelo sofrimento. Hoje, no entanto, condeno este ato meu e entendo que a razão pela qual chorei tanto foi principalmente por nunca ter imaginado que sua morte pudesse preceder a minha. O único pensamento que me ocorreu foi que ele era o mais novo, e muito mais novo - como se o destino seguisse a ordem de nossos tempos!*¹⁴⁶

Outro dos amigos de Sêneca de um tipo muito diferente foi Demétrio, o filósofo cínico. Demétrio era natural de Súnion e no início de sua longa vida tornou-se conhecido pela originalidade e independência de seu caráter. Ele ilustrou as doutrinas de sua escola não menos por sua vida do que por seus ensinamentos. Confinando suas vontades às necessidades mais elementares, vivendo com as mais rudes comidas, vestido com as roupas mais grosseiras, ele não precisava de nada que o homem pudesse lhe dar e, portanto, não tinha motivo para esconder suas opiniões sobre a vida ou sobre as ações da humanidade por qualquer consideração pessoal. Sêneca, no auge de sua fama, poder e riqueza, manteve a mais alta admiração e respeito por este seminu campeão da pobreza e do desprezo pelos bens materiais.

há pouco tempo, mencionei Demétrio, que parece ter sido colocado por natureza em nosso tempo para provar que não podíamos corrompê-lo nem ser por ele corrigidos; um homem de consumada sabedoria, embora ele mesmo a negasse, constante aos princípios que professou, de uma eloquência digna de lidar com os assuntos mais poderosos, desprezando meras predileções e maneirismos verbais, mas expressando com espírito ilimitado as ideias que o inspiraram. Não duvido que ele tenha sido dotado pela providência divina com uma vida tão pura e com tal poder de

*expressão a fim de que a nossa época não ficasse sem um modelo nem uma reprimenda. Se algum deus tivesse querido dar toda a nossa riqueza a Demétrio com a condição fixada de que não lhe fosse permitido distribuí-la, estou certo de que ele teria se recusado a aceitá-la.*¹⁴⁷

O ensino de Demétrio era o de sua escola, mas foi confirmado em seu caso por uma prática imutável.

*“...se desprezar todas aquelas coisas que tornam a vida miserável enquanto a enfeitam, a mente pode elevar-se a tal altura que fica claro que a morte não pode ser o início de qualquer problema embora seja o fim de muitos; se pode dedicar-se à justiça e pensar em qualquer caminho fácil que a ela leve; se, sendo uma criatura gregária e nascida para o bem comum, considera o mundo como o lar universal, se mantém a sua consciência clara para com Deus e vive sempre como se estivesse em público temendo-se mais do que os outros homens, então evita todas as tempestades, fica em terreno firme em plena luz do dia e traz à perfeição o seu conhecimento de tudo o que é útil e essencial”.*¹⁴⁸

*Entre muitos grandes ditados de nosso Demétrio está este que acabo de ouvir e que ainda toca e emociona em meus ouvidos: “Ninguém”, disse ele, “me parece mais infeliz do que o homem a quem nenhuma desgraça jamais aconteceu”. Nunca teve a oportunidade de testar a si mesmo; embora tudo lhe tenha acontecido conforme seu desejo, não, mesmo antes de ter formado um desejo, ainda assim os deuses o julgaram mal.*¹⁴⁹

Demétrio não escondeu nem seus pensamentos nem sua morada, mas conseguiu viver sem graves molestamentos sob tirano após tirano e morreu finalmente em extrema

velhice no principado de Domiciano. Calígula tentou propiciar-lhe um enorme presente de dinheiro, mas o filósofo o rejeitou com gargalhadas, observando depois que se o imperador quisesse corrompê-lo ele deveria ao menos ter-lhe oferecido todo o seu império. Mais tarde ele viveu por um tempo em Corinto, onde conheceu o taumaturgo¹⁵⁰ Apolônio de Tiana. Vindo para Roma, ele se tornou o honrado companheiro e conselheiro espiritual de Sêneca, Trásea e outros homens distintos. Ele estava presente com Helvídio na morte de Trásea e foi a ele que aquele senador de alta estima dirigiu suas últimas palavras.¹⁵¹ Quando o ginásio de Nero foi concluído, ele entrou no novo prédio e ali denunciou o costume do banho, declarando que os banhistas só se enfraqueciam e se poluíam, e que tais instituições eram uma despesa inútil. Ele só foi salvo da morte imediata, como pena de tal linguagem, pelo fato de que Nero estava com uma voz especialmente boa quando cantou naquele dia, o que ele fez na taverna adjacente ao ginásio, nu, exceto por uma cinta em volta da cintura”.¹⁵² No entanto, o filósofo foi acusado por Tigelino de ter estragado o banho e foi banido de Roma. Após a morte de Nero ele voltou à cidade, mas, esgotando a paciência de Vespasiano pela franqueza de suas críticas, ele foi novamente banido com outros filósofos por aquele imperador.

Um terceiro amigo de Sêneca foi Cesônio Máximo. Ele é mencionado apenas uma vez nas cartas de Sêneca, mas sabemos de Marcial quão íntima era a amizade entre os dois homens. “*Este poderoso amigo do eloquente Sêneca*”, escreveu o poeta, “*era quase tão querido para ele quanto o amado Sereno, talvez ainda mais querido*”.¹⁵³

Máximo era um romano da classe governante que passou pelo curso habitual de honras, terminando como cônsul *sufectus* e procônsul na Sicília sob Nero.¹⁵⁴ Após a morte de Sêneca, Máximo, com outros de seus amigos, foi expulso da

Itália sem julgamento. Um certo Quinto Ovídio, a quem Marcial dirigiu depois dois epigramas e que, segundo aquele poeta, era para Máximo tudo o que Máximo era para Sêneca, enfrentou o ressentimento do tirano acompanhando-o ao exílio e ganhou através desta galante ação uma imortalidade que os versos de Marcial puderam conferir. As cartas de Sêneca a Máximo foram publicadas e estavam em circulação no tempo de Marcial, mas foram perdidas.¹⁵⁵

Em uma carta a Lucílio, Sêneca descreve uma viagem de dois dias feita por Máximo e por ele mesmo. Seu propósito era experimentar quantas das coisas comumente consideradas indispensáveis por um romano rico em suas viagens seria possível dispensar sem verdadeiros inconvenientes.

2. Meu amigo Máximo e eu passamos um período muito feliz de dois dias, levando conosco muito poucos escravos – apenas os que cabiam em uma carruagem – e nenhuma parafernália, exceto o que usamos em nossos corpos. O colchão jaz ao chão e eu, sobre o colchão. Há duas mantas – uma espalhada no solo e uma para nos cobrir.

3. Nada poderia ser subtraído do nosso almoço; não demorou mais de uma hora para preparar e não estávamos destituídos de figos secos, nunca sem tabuleta de escrita. Se eu tenho pão, eu uso figos como um deleite; se não, considero os figos como um substituto do pão. Por isso, eles me trazem um banquete de Ano Novo todos os dias e faço o Ano Novo feliz e próspero pelos bons pensamentos e grandeza da alma; pois a alma nunca é maior do que quando deixa de lado todas as coisas externas e assegura a paz por si mesmo, sem temer nada e é rica por não desejar riquezas.

4. O veículo no qual tomei meu lugar é uma carroça de agricultor. Apenas caminhando as mulas mostram que estão vivas. O cocheiro está descalço, e não porque é verão. Não consigo me forçar a desejar que outros considerem que esta minha carroça seja minha. O meu constrangimento com a verdade ainda resiste, veja você, e sempre que nos encontramos com um grupo mais suntuoso, ruborizo-me involuntariamente – prova de que essa conduta que eu aprovo e aplaudo ainda não ganhou uma habitação firme e resoluta dentro de mim. Aquele que se ruboriza em andar em uma carricana¹⁵⁶ se vangloriará quando passear com estilo.

5. Então, meu progresso ainda é insuficiente¹⁵⁷. Ainda não tenho a coragem de reconhecer a minha frugalidade. Ainda estou incomodado com o que outros viajantes pensam de mim. Mas, em vez disso, eu realmente deveria ter pronunciado uma opinião contra aquilo em que a humanidade acredita, dizendo: “Você está louco, você está enganado, sua admiração se dedica a coisas supérfluas! Você não estima nenhum homem em seu valor real. Quando a propriedade é considerada, você avalia com o cálculo mais escrupuloso aqueles a quem você deve emprestar dinheiro ou benefícios, pois você incorpora benefícios também como pagamentos em seu livro caixa.”

6. Você diz: “Seu patrimônio é amplo, mas suas dívidas são grandes”. “Ele tem uma bela casa, mas ele construiu com capital emprestado”. “Nenhum homem exibirá um séquito mais brilhante de última hora, mas ele não pode quitar suas dívidas”. “Se pagar seus credores, ele não terá mais nada”. Então, você também deve se sentir obrigado a fazer o mesmo em todos os outros casos – descobrir por eliminação a quantidade de bens reais de cada homem.

7. Suponho que você chame um homem de rico apenas

porque leva consigo seu peitoral de ouro, mesmo em suas viagens, porque planta terras em todas as províncias, porque desenrola um grande livro-caixa, porque possui propriedades perto da cidade tão grande que os homens invejariam seus bens nas terras distantes da Apúlia.¹⁵⁸ Mas depois de ter mencionado todos esses fatos, ele é pobre. E por que? Ele está em dívida. “Até que ponto?” Você pergunta. Por tudo o que ele tem. Ou por acaso você pensa que importa se alguém emprestou de outro homem ou da Fortuna? ¹⁵⁹

Mas o mais interessante dos amigos de Sêneca foi o epicurista, Lucílio Junior, a quem foram dirigidas as famosas cartas, assim como as *Naturales Quaestiones* e o tratado *De Providentia*. Lucílio era um administrador, um filósofo e um poeta. Ele conheceu Sêneca quando ambos eram jovens em Pompéia, onde tinha uma casa e onde talvez tenha nascido.

1. Um homem é de fato preguiçoso e descuidado, meu caro Lucílio, se ele se lembrar de um amigo só por ver alguma paisagem que desperta a memória; e ainda há momentos em que os velhos assombramentos familiares despertam uma sensação de perda que foi guardada na alma, não trazendo de volta memórias mortas, mas despertando-as de seu estado adormecido, assim como a visão do escravo favorito de um amigo perdido, ou o seu manto, ou a sua casa, renova o sofrimento da pessoa em luto, mesmo que suavizado pelo tempo. Agora, eis que Campânia, e especialmente Nápoles e sua amada Pompéia¹⁶⁰, me atingiram quando as vi, com um maravilhoso e renovado sentimento de saudades de você. Você está em plena visão diante dos meus olhos. Estou a ponto de me separar de você. Eu vejo você sufocar suas lágrimas e resistir sem sucesso às emoções bem no exato momento que tenta as controlar. Parece que o perdi há apenas um momento. Pois o que não é

“apenas um momento” quando se começa a usar a memória?

2. Faz pouco tempo que eu me sentava, como um rapaz, na escola do filósofo Sótion; há um momento atrás eu comecei a atuar nos tribunais; há um momento atrás eu perdi o desejo de advogar; há um momento atrás que eu perdi a capacidade.

Infinitamente rápido é o voo do tempo, como se vê mais claramente quando se olha para trás. Pois quando estamos atentos ao presente, não o percebemos, tão suave é a passagem do tempo ao se avançar.

3. Você pergunta a razão para isso? Todo o tempo passado está no mesmo lugar; tudo isso apresenta o mesmo aspecto para nós, tudo se mescla. Tudo cai no mesmo abismo. Além disso, um evento que em sua totalidade é ríspido não pode conter longos intervalos. O tempo que passamos na vida não passa de um ponto, nem mesmo de um ponto. Mas este ponto do tempo, infinitesimal como é, a natureza tem zombado por fazê-lo parecer exteriormente de mais longa duração; ela tomou uma porção dele e fez a infância, outra a adolescência, outra a juventude, mais uma inclinação gradual, por assim dizer, da juventude à velhice, e a própria velhice ainda é outra. Quantas etapas para uma subida tão curta!

4. Foi apenas um momento atrás que eu vi você em sua jornada; e, no entanto, este “momento atrás” constitui uma boa parte de nossa existência, que é tão breve. Devemos refletir que ela logo chegará ao fim completamente. Em outros anos o tempo não me pareceu ir tão rapidamente; agora parece inacreditavelmente rápido, talvez porque eu sinta que a linha de chegada está se aproximando ou pode ser que eu tenha começado a tomar cuidado e contar minhas perdas.

5. Por esta razão, fico com mais raiva que alguns homens reivindicuem a maior parte deste tempo para coisas supérfluas, tempo que, por mais cuidadoso que sejamos, não é suficiente até mesmo para as coisas necessárias. Cícero declarou que se o número de seus dias fosse dobrado, não teria tempo para ler os poetas líricos. ¹⁶¹

E em uma carta posterior, ele relata como a visão de Pompéia lembrou novamente a ele Lucílio e sua própria juventude.

Lucílio se ergueu desde o início por sua própria indústria e por seus talentos. Durante os reinados de Calígula e Cláudio, diz-se que ele desempenhou um papel difícil com honra para si mesmo, que se recusou a lisonjear os favoritos reinantes e que arriscou sua vida pela fidelidade a seus amigos. Sob Nero ele se tornou Procurador da Sicília e foi daquela ilha que ele se correspondeu com Sêneca. Sêneca o adverte com tanta seriedade contra a ambição e o perigo de ouvir os bajuladores, que podemos conjecturar com justiça que este aviso indica a presença de fraquezas correlacionadas no homem a quem foi dirigido. Mas ele elogia sua temperança, modéstia e desinteresse.

Lucílio, desde sua juventude, deu grande parte de seu tempo aos estudos liberais e especialmente à poesia e filosofia. Enquanto esteve na Sicília escreveu, por sugestão de Sêneca, um poema sobre Etna, que ainda está em circulação.¹⁶² Neste poema Lucílio trata seu tema com espírito científico e filosófico, descartando, não em mutismo como Lucano, mas com desprezo aberto, todas as explicações sobrenaturais dos fenômenos. Os poetas, diz ele, imaginaram em vão o reino pálido de Plutão sob as cinzas, as águas de Estige com Cérbero, o gigante Tício espalhado por sete acres, Tântalo com sua sede eterna abalada pela água em retirada, Íxion e a roda, Minos e seus julgamentos. Não contentes com isso, eles se intrometem

nas maneiras dos deuses, e os imaginam carregados de paixões e luxúrias piores do que as humanas. Mas quanto a mim, ele continua, “a verdade é meu único cuidado”.¹⁶³ Sêneca diz a mesma coisa em prosa:

4. Reflita que os mortos não sofrem males, que todas aquelas histórias que nos fazem temer o mundo inferior são meras fábulas, que aquele que morre não precisa temer nenhuma escuridão, nenhuma prisão, nenhum rio de fogo ardente, nenhum rio de Lete,¹⁶⁴ nenhum tribunal diante do qual ele deve aparecer e que a morte é uma liberdade tão absoluta que ele não precisa temer mais os déspotas. Tudo isso é uma fantasia dos poetas, que nos aterrorizaram sem uma causa.

5. A morte é uma libertação e um fim de todas as dores. Além dela, nossos sofrimentos não podem se estender, ela nos restitui o descanso pacífico em que nos encontrávamos antes de nascermos. Se alguém tem pena dos mortos, deve também ter pena daqueles que não nasceram. A morte não é nem uma coisa boa nem uma coisa ruim, pois só aquilo que existe pode ser bom ou mau; mas aquilo que não é nada e reduz todas as coisas a nada, não nos entrega a nenhuma das duas fortunas, porque o bom e o mau requerem algum material para trabalhar.¹⁶⁵

E mais uma vez, no tratado *De Vita Beata* ele fala da loucura dos poetas que imputam cada vício a Júpiter fazendo dele um parricida, um usurpador e um sedutor. Seu motivo deve ser, diz ele, para aliviar os homens de qualquer sentimento de culpa em suas próprias ações.¹⁶⁶

Para Sêneca, a filosofia estava dividida em dois ramos, um relativo aos assuntos humanos e o outro aos assuntos divinos. O primeiro é o que devemos chamar agora de filosofia moral ou ética; o segundo é a ciência natural. Para

a parte puramente especulativa da filosofia, para tudo o que não tinha relação nem com a conduta da vida humana nem com a ordem da natureza, ele sentia não apenas indiferença, mas um desprezo impaciente. Lucílio, por outro lado, era muito mais atraído pela metafísica. Ele gostava dos enigmas lógicos, dos paradoxos e das distinções das escolas e se esforçava constantemente em suas cartas para induzir Sêneca a discussões abstratas. Mais uma vez, em questão de estilo, à qual Lucílio atribuía uma grande importância, Sêneca está constantemente insistindo com ele no perigo de prestar demasiada atenção às palavras. “*Ovatio vultus animi est*”, dizia ele. “*A fala é o semblante da alma*”; se ela é excessivamente polida e colorida e, por assim dizer, manipulada, infere que a alma também é frágil e débil. Constantemente ele volta a estes tópicos e se detém no desperdício de tempo envolvido em exercícios de inúteis engenhosidade.

...Refleta, como costume dizer, que não há nada em tais tópicos para nós exceto a ginástica mental. Pois eu volto repetidamente a questão: “Que bem isso faz a mim? Me deixa mais corajoso, mais justo, mais comedido! Ainda não tive a oportunidade de usar meu treinamento, pois ainda preciso do médico.

18. Por que você me pede um conhecimento inútil? Você prometeu coisas ótimas, teste-me, observe-me! Você me assegurou que eu deveria estar sem medo, embora espadas estivessem passando em volta de mim, embora a ponta da lâmina estivesse arranhando minha garganta. Você me assegurou que eu ficaria à vontade, embora incêndios estivessem ardendo em torno de mim, ou embora um turbilhão repentino devesse arrebatá-lo ao mar. Agora, faça um bom tratamento para mim, para que eu possa desprezar o prazer e a glória. Depois disso, você deve me ensinar a resolver problemas complicados, a

resolver pontos duvidosos, a ver o que não é claro, Ensina-me agora o que é necessário eu saber!”¹⁶⁷

Para compreender a insistência reiterada de Sêneca nestas cartas sobre a necessidade vital de uma disciplina mental que deve apoiar o espírito contra tudo o que possa acontecer e preparar um homem para enfrentar a morte a qualquer momento nas mãos de um tirano, devemos lembrar que elas foram escritas em um momento em que estas provas estavam se tornando cada vez mais possíveis para cada indivíduo de renome. A filosofia, ele está sempre dizendo, preocupa-se com a ação, não com as palavras e o teste de competência é a concordância da prática com a teoria. Ele nos ensina a distinguir as realidades das aparências. A morte, por exemplo, pode vir através de um tirano ou de uma febre, a dor através de uma doença ou de um carrasco; tais diferenças não podem mudar sua natureza, elas ainda são apenas morte e dor. No entanto, tememo-las muito mais num caso do que no outro, pois é a aparência e a circunstância das coisas e não as coisas em si que formam os objetos de nosso medo.¹⁶⁸ “Lembre-se”, diz ele, “que não há nada admirável no homem exceto sua alma, pois quando grande todas as outras coisas são pequenas”.¹⁶⁹ A sabedoria consiste na constância da vontade – uma constância inalterável por circunstâncias externas. É assim que o serviço da filosofia se torna a única verdadeira liberdade. Esta constância só pode ser adquirida por uma contínua atenção às realidades – o rodopio dos silogismos e o desatar dos nós acadêmicos nada têm a ver com o propósito. É o primeiro sinal de uma mente fraca e destreinada a temer o desconhecido. Banir este mal deve ser o fim principal de nossos esforços. Acharemos nosso remédio agradável ao paladar, pois é um remédio que agrada enquanto cura.

3. O que é a vida feliz? É paz de espírito e tranquilidade duradoura. Isto será seu se você possuir grandeza de

alma; será seu se você possuir a firmeza que se apega resolutamente a um bom julgamento recém atingido. Como um homem atinge essa condição? Ao obter uma visão completa da verdade, mantendo, em tudo o que faz, ordem, medida, aptidão e vontade que é inofensiva e gentil, que é atenta a razão e nunca se afasta dela, que conduz ao mesmo tempo ao amor e à admiração. Em suma, para lhe dar o princípio resumidamente, a alma do sábio deve ser tal como seria apropriada a um deus.

4. O que mais pode desejar alguém que possua todas as coisas honrosas? Pois, se coisas desonestas podem contribuir para um maior patrimônio, então haverá a possibilidade de uma vida feliz em condições que não incluam uma vida digna. E o que é mais vil ou tolo do que conectar o bem de uma alma racional com coisas irracionais?

5. Contudo, existem certos filósofos que afirmam que o Bem Supremo admite aumento, porque não está completo quando as dádivas da fortuna são adversas. Mesmo Antípatro, um dos grandes líderes da nossa escola, admite que atribui alguma influência aos extrínsecos, embora apenas uma influência muito pequena. Você vê, no entanto, que absurdo é em não se contentar com a luz do dia, a menos que seja aumentada por um pequeno fogo. Qual a importância de uma faísca no meio desta luz solar intensa?

6. Se você não está satisfeito com o que é honrado, terá forçosamente de lhe pôr ao lado ou o sossego como dizem os gregos(aokhlêsia), ou o prazer. Mas o primeiro pode ser alcançado em qualquer caso. Pois a mente está livre de distúrbios quando é totalmente livre para contemplar o universo, e nada a distrai da contemplação da natureza. O segundo, o prazer, é simplesmente o bem dos animais. Nós somos apenas o

adicionado do irracional ao racional, o desonroso ao honrado. Uma sensação física agradável afeta essa nossa vida;

7. Por que, portanto, você hesita em dizer que tudo está bem com um homem só porque tudo está bem com seu apetite? E você classifica, não vou dizer entre os heróis, mas entre os homens, a pessoa cujo Bem Supremo é uma questão de sabores, cores e sons? Não, deixe-o retirar-se destas fileiras, da classe mais nobre de seres vivos, segunda apenas aos deuses; deixe-o viver em rebanho com as bestas – um animal cujo prazer está na forragem!

8. A parte irracional da alma é dupla: uma parte é animada, ambiciosa, descontrolada; seu lugar está nas paixões; a outra é rasteira, indolente e dedicada ao prazer. Os filósofos epicuristas negligenciaram a primeira que, ainda que desenfreada, é melhor e certamente é mais corajosa e mais digna de um homem e consideraram a última, que é inútil e ignóbil, como indispensável para a vida feliz.¹⁷⁰

Embora o objetivo principal dos conselhos de Sêneca fosse preparar seu amigo para enfrentar com firmeza qualquer destino que lhe reservasse, ele não descuidava dos avisos mais simples de prudência. Ele o aconselha a viver uma vida o mais retirada possível, a evitar a distinção, a ocupar-se o menos possível da política, evitando ao mesmo tempo uma fuga ostensiva dessas coisas, pois isso também desperta suspeitas e a ser cauteloso com quem ele conversa.

Seu capitão mais cuidadoso, entretanto, questiona aqueles que conhecem a localidade quanto às marés e ao significado das nuvens. Ele mantém seu curso longe daquela região notória por suas águas turbilhonantes... Portanto, devemos olhar ao redor e verificar como

podemos nos proteger da multidão. E antes de tudo, não devemos ter ânsias como as dela; pois a rivalidade resulta em conflitos. Novamente, possuamos nada que possa ser arrebatado de nós para o grande lucro de um inimigo conspirador. Permita que haja o menor espólio possível na sua pessoa. Ninguém se propõe a derramar o sangue de seus semelhantes por causa do sangue em si, de qualquer maneira, apenas muito poucos. Mais assassinos especulam sobre seus lucros do que em dar vazão ao ódio. Se você está de mãos vazias, o salteador de estrada passa por você. Mesmo ao longo de uma estrada infestada, os pobres podem viajar em paz. Em seguida, devemos seguir o velho ditado e evitar três coisas com especial cuidado: ódio, ciúme e desdém.¹⁷¹

Ele continua a dar conselhos maravilhosos sobre como evitar excitar essas emoções na mente dos outros, mas termina dizendo que, afinal, a melhor segurança de cada homem é sua inocência e que os culpados, embora às vezes tenham a chance de escapar, nunca podem se sentir seguros de fazê-lo. O homem é punido quando espera um castigo e quem o merece, espera por ele. Assim, o imprudente sempre sofre a punição de suas loucuras e crimes. Mas se todas estas precauções forem tomadas, posso garantir sua segurança? Não posso prometer-lhe isso, responde Sêneca, não mais do que posso prometer saúde perpétua a um homem que cuida de si mesmo.¹⁷² Os senadores romanos durante a última metade do principado de Nero viveram sob uma espada de Dâmocles,¹⁷³ comparável àquela que ameaçava os aristocratas franceses durante o Reinado do Terror: “*Palpantibus praecordiis vivitur*”. A missão de Sêneca era dar coragem aos desesperados, ensiná-los a enfrentar a morte com fortaleza e convencê-los de que nenhum homem precisava ser escravo, já que a liberdade de morrer não podia ser tirada

dele. Assim, o grande refúgio da tirania era a própria destruição, o direito ao qual ele afirmava repetidas vezes com terrível seriedade. *“Há professores de sabedoria”,* escreve ele, *“a quem é anátema oferecer violência a nossas próprias pessoas ou interromper nossas próprias vidas. Devemos esperar até que a Natureza nos liberte. Aqueles que dizem isto não veem que estão obstruindo o caminho para a liberdade. A lei eterna não contém nada melhor do que isto, que nos deu apenas uma entrada na vida, mas muitas saídas. Ninguém se justifica em reclamar da vida, pois ninguém é obrigado a viver. Você está satisfeito? Então viva. Não contente? Você pode voltar de onde veio.”*¹⁷⁴ E mais tarde na mesma carta, *“O caminho para essa grande liberdade se abre com uma adaga: nossa segurança está contida em uma picada”*.¹⁷⁵ E novamente no *De Ira*: *“Onde quer que você lance seus olhos, você encontrará o fim de seus males. Você vê esse precipício? É a descida para a liberdade. Aquele mar, aquele rio, aquele poço... Debaixo de suas águas se esconde a liberdade. Você vê aquela pequena árvore deformada? Ali pende a liberdade”*.¹⁷⁶

Capítulo XI - A Riqueza de Sêneca e sua Apologia

Sêneca estava muito interessado em uma expedição pela Sicília feita por Lucílio e a carta na qual ele fala dela pode ser dada na íntegra, não apenas como uma ilustração de sua mente inquiridora e especulativa, mas porque nela ele faz a primeira sugestão do poema sobre o Etna:

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Tenho aguardado uma carta de você, em que me informasse da novidade revelada durante a sua viagem ao redor da Sicília e sobretudo para me dar mais informações sobre a própria Caríbdis.¹⁷⁷ Eu sei muito bem que Cila é uma rocha - e de fato uma rocha não temida pelos marinheiros; mas no que diz respeito a Caríbdis, gostaria de ter uma descrição completa, para ver se ela concorda com os relatos da mitologia; e se você tem por acaso investigado (pois é realmente digno de sua investigação), por favor me esclareça sobre o seguinte: ela é açoitada em um redemoinho constante causado por vento de uma única direção ou todas as tempestades servem para perturbar a sua profundidade? É verdade que os objetos arrastados para baixo pelo redemoinho nesse estreito são transportados por muitos quilômetros debaixo de água e então chegam à superfície na praia perto de Taormina?¹⁷⁸

2. Se você me escrever um relato completo desses assuntos, então terei a ousadia de pedir-lhe para

executar outra tarefa, – também para subir o Etna¹⁷⁹, a meu pedido especial. Certos naturalistas inferiram que a montanha está se esgotando e gradualmente diminuindo, porque os marinheiros costumavam vê-la a partir de uma maior distância. A razão para isto pode ser, não que a altura da montanha esteja diminuindo, mas porque as chamas se tornaram mais fracas e as erupções menos fortes e copiosas e porque, pela mesma razão, a fumaça também é menos ativa durante o dia. Entretanto, qualquer uma destas duas coisas é possível acreditar: que por um lado a montanha está decrescendo porque é consumida dia a dia e que, por outro lado, permanece do mesmo tamanho porque a montanha não está se devorando mas, em vez disso, a matéria que a faz ferver se reúne em algum vale subterrâneo e é alimentada por outro material, encontrando na montanha não o alimento que ela requer, mas simplesmente uma passagem.

3. Há um lugar bem conhecido na Lícia¹⁸⁰ – chamado pelos habitantes “Heféstion” – onde o chão está cheio de buracos em muitos lugares e é cercado por um fogo inofensivo, que não prejudica as plantas que crescem lá. Daí que o lugar seja fértil e exuberante em crescimento, porque as chamas não queimam, mas simplesmente brilham com uma força suave e fraca.

4. Mas adiemos esta discussão e examine o assunto quando você me der uma descrição de quão distante a neve está da cratera, – quero dizer, a neve que não derrete mesmo no verão, tão segura que está do fogo adjacente. Mas não há motivo para que você cobre este trabalho em minha conta; pois você está prestes a satisfazer sua própria mania de escrever bem, sem incumbência de ninguém.

5. Não, o que posso oferecer-lhe senão apenas descrever o Etna em seu poema e tocar ligeiramente

em um tópico que é uma questão de ritual para todos os poetas? Ovídio não pôde ser impedido de usar este tema simplesmente porque Virgílio já o havia coberto inteiramente; nem nenhum desses escritores assustou Cornélio Severo. Além disso, o tema tem servido a todos com resultados felizes e aqueles que foram antes me parecem não ter antecipado tudo o que poderia ser dito, mas apenas ter aberto o caminho.

*6. Faz muita diferença se você se aproxima de um assunto que foi esgotado ou um que foi simplesmente aludido; neste último caso, o tópico cresce dia a dia e o que já foi descoberto não impede novas descobertas. **Além disso, quem escreve o último tem o melhor do negócio; ele encontra já à mão as palavras que, quando empacotadas de uma maneira diferente, mostram um novo rosto. E não os está roubando, como se pertencessem a outra pessoa, quando os usa, porque são propriedades comum a todos.***

7. Agora, se o Etna não faz a sua boca salivar, eu estou equivocado com você. Há algum tempo que você deseja escrever algo no estilo grandioso e no nível da velha escola. Pois a sua modéstia não lhe permite elevar suas esperanças; essa sua qualidade é tão pronunciada que, para mim, é provável que reduza a força de sua capacidade natural, como se houvesse qualquer perigo em superar os outros. É assim que você reverencia os antigos mestres.

8. A sabedoria tem esta vantagem, entre outras, que nenhum homem pode ser superado por outro, exceto durante a escalada. Mas quando você chega ao topo, é um empate; não há espaço para mais subida, o jogo acabou. Pode o sol adicionar ao seu tamanho? A lua pode avançar além de sua plenitude habitual? Os mares não aumentam a granel. O universo mantém o

mesmo caráter, os mesmos limites.

9. As coisas que atingiram a sua plena estatura não podem crescer mais. Os homens que alcançaram a sabedoria serão, portanto, iguais e em pé de igualdade. Cada um deles possuirá seus próprios dons peculiares, um será mais afável, outro mais fácil, outro mais pronto de fala, um quarto mais eloquente; mas no que diz respeito à qualidade em discussão, o elemento que produz felicidade, todos eles serão iguais.

10. Não sei se este Etna seu pode desabar e cair em ruínas, se sua cúpula elevada, visível por muitos quilômetros do alto mar, é desgastada pelo poder incessante das chamas; mas sei que a virtude não será reduzida a um plano inferior por chamas ou por ruínas. Sua é a única grandeza que não conhece rebaixamento; não pode haver para ela mais crescimento ou redução. Sua estatura, como a das estrelas no céu, é fixa. Por isso, esforçamo-nos por elevar-nos a esta altitude.

11. Já grande parte da tarefa foi cumprida; ou melhor, se eu puder confessar a verdade, não muito. Pois o bem não significa meramente ser melhor do que o mais baixo. Quem que pudesse pegar senão um mero vislumbre da luz do dia teria orgulho de seus poderes de visão? Quem vê o sol brilhar através de uma névoa pode estar contente por ter escapado das trevas, mas ainda não desfruta a bênção da luz.

12. Nossas almas não terão razão para se regozijar de sua sorte, até que, libertadas desta escuridão em que elas tateiam, não tenham apenas vislumbrado o brilho com a visão fraca, mas tenham absorvido a plena luz do dia e tenham sido restauradas em seu lugar no céu, - até que, de fato, elas recuperem o lugar que ocuparam na atribuição de seu nascimento. A alma é convocada para cima pela sua própria origem. E

alcançará esse objetivo antes mesmo de ser libertada da prisão aqui embaixo, assim que tiver rejeitado o pecado e, com pureza e leveza, tiver saltado para os reinos celestiais do pensamento.

*13. Alegra-me, amado Lucílio, que este ideal nos ocupa, que o persigamos com todas as nossas forças, ainda que poucos, ou até ninguém, o saibam. **A fama é a sombra da virtude; ela atenderá à virtude mesmo contra sua vontade. Porém, como a sombra às vezes precede e às vezes segue ou até mesmo se atrasa, a fama algumas vezes nos precede e se mostra à vista e às vezes está na retaguarda** e é tanto maior quanto mais tarde chegar, uma vez que a inveja bater em um retiro.*

14. Por quanto tempo os homens acreditavam que Demócrito estava louco? A glória mal chegou a Sócrates. E quanto tempo permanecemos ignorando Catão! Eles o rejeitaram e não conheceram o seu valor até o perderem. Se Rutílio não se tivesse resignado a errar, sua inocência e virtude teriam escapado notícia; a hora de seu sofrimento foi a hora de seu triunfo. Ele não deu graças por sua fortuna e acolheu seu exílio com os braços abertos? Já mencionei até agora aqueles a quem a Fortuna trouxe renome no próprio momento da perseguição, mas quantos são aqueles cujo progresso em direção à virtude veio à luz somente após sua morte! E quantos foram arruinados, não resgatados, por sua reputação?

15. Há Epicuro, por exemplo. Como é admirado, não só pelos mais cultos, mas também por esta turba ignorante. Este homem, entretanto, era desconhecido por Atenas. E assim, quando já havia sobrevivido por muitos anos, seu amigo Metrodoro acrescentou em uma carta estas últimas palavras, proclamando com gratidão a amizade que havia existido entre eles: “Tão

grandiosamente abençoados fomos Metrodoro e eu que não houve nenhum prejuízo para nós sermos desconhecidos e quase não percebidos, nesta famosa terra da Grécia”.

16. Não é verdade, então, que os homens os descobriram depois de terem cessado de ser? Por acaso a sua fama não brilhou? Metrodoro também admite esse fato em uma de suas cartas: que Epicuro e ele não eram bem conhecidos do público; mas ele declara que, após a vida de Epicuro e de sua própria, qualquer homem que pudesse querer seguir seus passos ganharia grande e pronto renome.

*17. A virtude nunca passa despercebida mas, se passar, isso em nada a diminui. Chegará um dia em que será revelada, mesmo escondida ou reprimida pelo despeito de seus contemporâneos. Quem só pensa nas pessoas de sua própria geração, nasce apenas para alguns. **Muitos milhares de anos e milhares de povos virão após você: é a estes que você deve ter consideração.** A Maldade pode ter imposto silêncio sobre a boca de todos os que estavam vivos em sua época; mas haverá homens que o julgarão sem preconceitos e sem favores. Se há alguma recompensa que a virtude recebe das mãos da fama, nem mesmo isso pode expirar. Nós mesmos, de fato, não seremos afetados pela conversa da posteridade todavia, a posteridade nos acalentará e nos celebrará, embora não possamos mais ter consciência disso.*

18. A virtude nunca falhou em recompensar um homem, tanto durante a sua vida como depois da sua morte, desde que o homem a tenha seguido fielmente, desde que não se tenha enfeitado ou pintado a si próprio mas tenha sido sempre o mesmo, quer tenha aparecido perante os olhos dos homens depois de ser anunciada ou de repente e sem preparação. O

*fingimento não realiza nada. Poucos são enganados por uma máscara que é facilmente retirada do rosto. A verdade é a mesma em cada parte. As coisas que nos enganam não têm substância real. Mentiras são coisas franzinas; elas são transparentes se você as examinar com cuidado.*¹⁸¹

Sêneca era imensamente rico. Seus jardins (*'Senecae praedivitis hortos'*¹⁸²), suas vilas, seus móveis eram famosos e embora ele estivesse completamente livre das formas mais grosseiras de autoindulgência e fosse pessoalmente simples até o ponto de austeridade em seu modo de vida, essas riquezas e a elegância de seu ambiente o expunham a acusação de inconsistência entre sua teoria e sua prática que foi repetida por seus inimigos durante sua vida e nunca deixou de ser repetida por críticos posteriores. Mas supor que Sêneca pensava que a riqueza era um mal em si – como os primeiros cristãos acreditavam – que foram seus contemporâneos e cujos ensinamentos se assemelham aos seus em muitos outros pontos – é realmente entender mal toda a sua doutrina. As coisas em si mesmas, segundo os estoicos, não são nem boas nem más, bom ou mal é apenas o uso que fazemos delas e a maneira como as consideramos e tratamos. Elas são o material, não a substância, do bem e do mal. Um homem sábio pode possuir riquezas, desde que se considere meramente um fiduciário da Fortuna e esteja disposto a apresentá-las à sua demanda com tão pouco desgosto quanto um banqueiro paga os depósitos de seus clientes. O perigo é que o homem rico confunda sua camisa com sua pele e considere seus bens como parte de si mesmo. Se ele não fizer isso, ele pode, sem incoerência, preferir a riqueza à pobreza; assim como pode negar que o exílio é um mal e ainda assim, se estiver em seu poder passar sua vida em sua terra natal; ou como ele pode pensar que uma vida curta é tão desejável quanto uma longa e ainda assim pode

viver até uma tranquila velhice. A razão, de fato, para pensar com leveza em tais coisas não é que possamos nos desfazer delas, mas que possamos desfrutá-las sem ansiedade. “A diferença entre você e eu”, escreveu Sêneca aos seus críticos, “ é que minhas riquezas pertencem a mim, você pertence às suas riquezas”.¹⁸³

No tratado *De Vita Beata*, endereçado a seu irmão Gálio, Sêneca declarou com franqueza e força intransigente – o que se poderia pensar, de um homem dissimulado – as acusações feitas contra ele sobre esta matéria e deu sua resposta.

Os seguintes trechos permitirão ao leitor formar seu próprio julgamento sobre a acusação e a defesa. A genuína humildade do homem, de fato rara entre os romanos, sua visão objetiva e seu distanciamento intelectual não são mais notórios em nenhum outro lugar.

XVII

1. Se, portanto, qualquer um daqueles cães que ladram contra a filosofia fosse dizer, como costumam fazer, “Por que, então, você fala muito mais bravamente do que vive? Por que você controla suas palavras na presença de seus superiores e considera o dinheiro como um instrumento necessário? Por que você fica perturbado quando sofre perdas e chora ao ouvir a morte de sua esposa ou de seu amigo?

2. Por que você sopesa os boatos corriqueiros e se sente incomodado com fofocas caluniosas? Por que sua propriedade é mais elaboradamente mantida do que seu uso natural requer? Por que você não janta de acordo com suas próprias máximas? Por que sua mobília é mais sofisticada do que precisa? Por que você bebe vinho que é mais velho do que você? Por que você planta árvores que não produzem nada além de sombra? Por que sua esposa usa brincos do preço

da casa de um homem rico? Por que seus filhos na escola estão vestidos com roupas caras? Por que é uma ciência servi-lo à mesa? Por que seus talheres de prata não estão colocados de qualquer forma ou aleatoriamente, mas estão habilmente dispostos em ordem regular, com um chefe de cozinha para presidir o corte das carnes assadas?” Adicione a isso, se quiser, as perguntas: “Por que você possui propriedades no exterior? Por que você não conhece todos imóveis que possui? É uma vergonha para você não conhecer seus escravos individualmente; pois você deve ser muito negligente se você possui apenas alguns e não os conhece, ou muito extravagante se você tem muitos para a sua memória manter.”

3. Acrescentarei algumas reprovações depois e trarei mais acusações contra mim mesmo. Para o presente, darei a seguinte resposta. “Eu não sou um homem sábio e eu não serei um a fim de alimentar o seu despeito. Então não exija que eu esteja no mesmo nível do melhor dos homens, mas meramente que eu seja melhor do que o pior. Eu estou satisfeito, se todo dia eu tirar algo de meus vícios e corrigir meus defeitos. Não cheguei a perfeita perfeição mental, e de fato nunca chegarei a ela.

4. Preparei paliativos em vez de remédios para minha gota e estou satisfeito se os ataques vierem em um intervalo mais espaçado - e não me atingirem tão dolorosamente. Comparado com seus pés, que são mancos, eu sou um corredor.” Eu faço este discurso, não em meu próprio nome, pois estou imerso em vícios de todo tipo, mas em nome de alguém que fez algum progresso em virtude.

XVIII

1. “Você fala de um jeito,” opõe nosso adversário, “e vive outro”. Você, que é uma das mais rancorosas

criaturas, você que sempre mostra o mais amargo ódio ao melhor dos homens; esse opróbrio foi lançado a Platão, a Epicuro, a Zenão: pois todos eles declararam como se deveria viver e não como viveram.

2. Eu falo de virtude, não de mim mesmo e quando culpo vícios, culpo primeiro o meu. Quando tiver a capacidade, viverei como devo fazer: o despeito, por mais profundamente impregnado de veneno, não me manterá longe do que é melhor; aquele veneno com o qual vocês salpicam outros, com o qual você se engasga, não me impedirá de continuar a louvar aquela vida que eu de fato não conduzo, mas que eu sei que devo levar, de amor à virtude e de segui-la, embora muito atrás e com marcha hesitante.

3. Devo esperar que o mal falar respeitará qualquer coisa, visto que não respeita nem Rutílio nem Catão? Alguém se importará em ser considerado rico demais por homens para quem Diógenes, o cínico, não era pobre o suficiente? Aquele filósofo mais enérgico lutou contra todos os desejos do corpo e foi mais pobre até do que os outros cínicos, pois além de ter desistido de possuir qualquer coisa, ele também desistiu de pedir qualquer coisa. Ainda assim o repreendiam por não estar suficientemente necessitado; como se fosse a pobreza e não a virtude, da qual ele professava conhecimento.

XIX

1. Eles dizem que Diodorus, o filósofo epicurista, que nestes últimos dias pôs fim à sua vida com suas próprias mãos, não agiu de acordo com os preceitos de Epicuro, ao cortar sua garganta. Alguns preferem considerar esse ato como resultado de loucura, outros de imprudência. Ele, enquanto isso, feliz e cheio da consciência de sua própria bondade, deu testemunho de si mesmo por sua maneira de se afastar da vida,

elogiou o repouso de uma vida passada ancorado em um porto seguro, e disse o que você não gostaria de ouvir, porque você também deveria fazê-lo.

“Eu vivi e concluí o curso que a Fortuna me deu.”

2. Você discute sobre a vida e a morte de outra pessoa, e grita ao nome de homens que alguma qualidade peculiarmente nobre tornou grandes, da mesma forma que pequenos vira-latas na abordagem de estranhos. Pois é do seu interesse que ninguém pareça ser bom, como se a virtude em outro fosse uma reprovação a todos os seus crimes. Você com inveja compara as glórias dos outros com suas próprias ações sujas e não entende em quão grande desvantagem está ao se arriscar a fazê-lo: pois se os que seguem a virtude são gananciosos, lascivos e gostam de poder, o que você deve fazer? Quem odeia o próprio nome da virtude?

3. Você diz que ninguém age de acordo com suas declarações ou vive de acordo com o padrão que estabelece em seus discursos. Que maravilha, visto que as palavras que eles proferem são corajosas, gigantescas e capazes de suportar todas as tempestades que destroem a humanidade, enquanto eles mesmos estão lutando para se afastar das cruzes para as quais um de vocês está dirigindo seu próprio prego. No entanto, homens que são crucificados estão pendurados em um único poste, mas aqueles que se punem são divididos entre tantas cruzes quanto têm cobiça, mas mesmo assim são dados a falar mal e são tão magnânimos em apontar os vícios dos outros que eu deveria supor que não tivessem nenhum deles, não fosse que alguns criminosos, quando no cadafalso, cospem nos espectadores.

XX

1. “Os filósofos não levam a efeito tudo o que

ensinam". Não; mas são muito bem-sucedidos por seus ensinamentos, pelos pensamentos nobres que concebem em suas mentes. De fato, poderiam agir de acordo com suas palavras: o que poderia ser mais feliz? Mas, entretanto, você não tem o direito de desprezar boas palavras e corações cheios de bons pensamentos. Os homens merecem elogios por se envolverem em estudos lucrativos, mesmo que parem de produzir resultados.

2. Por que precisamos nos perguntar se aqueles que começam a escalar um caminho íngreme não conseguem subir muito alto? Contudo, se você for homem, olhe com respeito para aqueles que tentam grandes coisas, mesmo que caiam. É ato de um espírito generoso comparar seus esforços não a sua própria força mas à da natureza humana, ter objetivos elevados e conceber planos que são vastos demais para serem levados à execução mesmo por aqueles que são dotados de gigantescos intelectos, que dão para si as seguintes regras:

3. "Eu vou olhar para a morte ou para uma comédia com a mesma expressão de semblante. Vou me submeter a trabalhos, por maiores que sejam, apoiando a força do meu corpo pela da minha mente. Eu desprezarei as riquezas quando as tiver tanto quanto quando não as tiver, se estiverem em outro lugar, não serei mais sombrio, se elas brilharem ao meu redor, não serei mais alegre do que deveria ser. Vindo ou não a Fortuna, não tomarei conhecimento dela. Verei todas as terras como se pertencessem a mim e as minhas terras como se pertencessem a toda a humanidade: viveremos a ponto de lembrar que nasci para os outros e agradecerei à natureza por conta disso: de que forma ela poderia ter sido melhor para mim? Ela me deu para todos e todos para mim

sozinho.

4. Seja o que for que eu possua, eu não vou acumulá-lo avidamente nem o desperdiçar de forma imprudente. Eu pensarei que não tenho posses tão reais quanto aquelas que eu entreguei a pessoas merecedoras. Eu não considerarei benefícios por sua magnitude ou número ou por qualquer coisa, exceto o valor colocado neles pelo receptor: Eu nunca considerarei um presente como extravagantemente grande se for concedido a um receptor digno. Não farei nada por causa da opinião pública, mas tudo por causa da consciência, sempre que faço qualquer coisa sozinho, acredito que os olhos do povo romano estão sobre mim enquanto eu o faço.

5. Ao comer e beber, meu objetivo é extinguir os desejos da natureza, não encher e esvaziar minha barriga. Eu serei agradável com meus amigos, gentil e suave com meus inimigos: eu concederei o perdão antes de me pedirem e satisfarei os desejos dos homens honrados no meio do caminho. Eu terei em mente que o mundo é minha cidade natal, que seus governantes são os deuses e que eles estão acima e ao meu redor, criticando o que eu faço ou digo. Sempre que a Natureza exigir minha vida ou a razão me pedir que a rejeite, vou desistir desta vida, chamando a todos para testemunhar que amei uma boa consciência e boas atividades, que a liberdade de ninguém, a minha menos ainda, foi prejudicada através de mim.¹⁸⁴

Tal foi a apologia de Sêneca e não podemos duvidar que foi sincera. Seus hábitos pessoais eram simples à beira da austeridade; o vinho de primeira categoria que dava aos seus convidados não ele mesmo não o tocava; ele se distinguia como um amigo generoso à pobreza honesta, especialmente entre os homens de letras. Nada é registrado pelos historiadores de seus cinco anos de poder para nos

levar a questionar a verdade de sua afirmação de que, por seus meios, nenhum homem havia sido injustamente privado de liberdade.

Mas havia outra consideração relacionada à fonte de sua riqueza que ele não podia apresentar diretamente, mas que ele sugeriu em várias outras passagens de seus livros. Sem uma ofensa mortal ao imperador, ele não poderia ter recusado seus presentes. Em seu tratado “*Sobre os Benefícios*”, ele estabelece a regra de que não devemos receber favores, exceto aqueles a quem, se as circunstâncias fossem alteradas, nós os concederíamos. É um fardo incorrer em obrigações para aqueles a quem não podemos amar nem respeitar. Então, é levantada a questão de saber se quando um tirano brutal e passional, que se insultará por uma recusa, nos oferece um presente, somos obrigados a recusá-lo. O rei tem a alma, digamos, de um ladrão ou pirata e é indigno de que aceitemos sua oferenda originada em espólios. A resposta dada é que quando somos livres para escolher, não devemos aceitar nada dos indignos; mas que no caso suposto não estamos aceitando, mas obedecendo,¹⁸⁵ e novamente:

*Recusar um presente é incendiar contra nós mesmos um monarca insolente, que considera tudo o que vem de suas mãos valorizado a uma taxa altíssima. Não importa se você não está disposto a dar a um rei ou a receber dele, a ofensa é igual em ambos os casos, ou até mais grave neste último, pois para os orgulhosos é mais amargoso ser desdenhado do que não ser temido.*¹⁸⁶

Em outra passagem do mesmo texto ele discute se a gratidão é devida aos tiranos e se seus favores devem ser devolvidos e responde afirmativamente com respeito a todos os casos em que isso seja consistente com o bem público. Se, diz ele, tivesse tido o infortúnio de estar em obrigação com alguém que posteriormente se tornou o mais

infame dos tiranos, que encontrou prazer em derramar sangue humano e quebrar todos os direitos e leis da sociedade humana, então ele iria considerar todos os laços dissolvidos entre eles, porque o dever que ele tinha para com a humanidade deve sempre ter precedência sobre uma obrigação para com um único indivíduo.

Nada é mais miserável para um homem modesto e honrado do que sentir que é seu dever amar alguém que não lhe agrada amar. Devo constantemente lembrar-lhe que não falo de homens sábios, que sentem prazer em tudo o que é seu dever, que têm seus sentimentos sob o comando e são capazes de estabelecer qualquer lei que agrade a si mesmo e mantê-la, mas que eu falo de seres imperfeitos que lutam para seguir o caminho certo, que muitas vezes têm dificuldade em dobrar suas paixões à sua vontade. ***Portanto, devo escolher o homem de quem aceito um benefício. De fato, devo ser mais cuidadoso na escolha de meu credor por um benefício do que por dinheiro; pois tenho de pagar ao último, apenas tanto quanto recebi, quando pagar, estou livre de toda obrigação; mas para o outro eu devo pagar mais, e mesmo depois de ter pago sua gentileza, permanecemos conectados, pois quando paguei minha dívida, eu deveria renová-la, enquanto nossa amizade permanecer intacta.***

Assim, como não devo fazer de um homem indigno meu amigo, não devo admitir um homem indigno naquele laço santíssimo de gratidão pelos benefícios, do qual surge a amizade. Você responde: “Nem sempre posso dizer ‘Não’: às vezes preciso receber um benefício mesmo contra a minha vontade. Suponha que eu recebesse algo de um tirano cruel e facilmente ofendido, que consideraria uma afronta se sua

generosidade fosse desprezada? Eu não aceito isso? Suponha que foi oferecido por um pirata, ou um bandido, ou um rei do temperamento de um pirata ou bandido. O que devo fazer? Tal homem não é um objeto digno para eu dever um benefício.”

Quando digo que você deve escolher, eu digo salvo força maior, que destrói todo o poder de escolha. Se você é livre, se está com você decidir se quer ou não, então você vai usar sua própria mente e decidir se vai receber um presente de um homem ou não; mas se a sua posição impossibilitar a escolha, tenha certeza de que você não recebe um presente, você meramente obedece às ordens. Ninguém incorre em qualquer obrigação ao receber o que não estava em seu poder recusar; se você quiser saber se eu quero ou não, arranjo as coisas para que eu tenha o poder de dizer “não”.

“Mas suponha que ele tenha lhe dado sua vida.” Não importa qual seja o presente, a menos que seja dado e recebido com boa vontade: você não é meu preservador porque salvou minha vida. O veneno às vezes age como remédio, mas não é por isso considerado saudável. Algumas coisas nos beneficiam, mas não nos obrigam, por exemplo, um homem que pretendia matar um tirano, cortou com sua espada um tumor do qual padecia; ainda assim, o tirano não lhe mostra gratidão porque, ao feri-lo, curara uma doença na qual os cirurgiões temiam se intrometer.¹⁸⁷

Estas palavras foram escritas após a retirada de Sêneca e pouco antes do surgimento da conspiração de Pisão, com os objetivos da qual, quer ele soubesse ou não, ele certamente teria se solidarizado. Naquela época, Nero havia afundado em um abismo de infâmia do qual era evidente que só a morte poderia resgatá-lo.

Que Sêneca fez um bom e generoso uso de suas riquezas, temos não apenas seu próprio testemunho, mas o de Juvenal e Marcial. E primeiro quanto ao seu próprio. No *De Vita Beata*, depois de explicar que um filósofo pode legitimamente ser rico, desde que suas riquezas sejam honrosamente adquiridas, e não roubadas de nenhum homem, e não ganhas às custas de sofrimento humano, e não manchadas de sangue, e gastas tão honrosamente quanto foram ganhas, ele acrescenta “*que elas não devem ser rejeitadas, a menos que sejam consideradas pelo seu possuidor como inúteis ou a menos que ele confesse que não sabe como usá-las*”. Isto o leva a uma descrição de seu próprio emprego e ele procede assim:

1. Aquele que acredita ser fácil, está enganado: oferece grandes dificuldades, dar nossa recompensa racionalmente e não apenas distribui-la impulsivamente e ao acaso. Eu faço a este homem um serviço, eu recompenso um bom feito a mim por aquele, eu ajudo este outro, porque tenho pena dele, este homem, mais uma vez, eu ensino para não ser objeto da pobreza ou que se degrade. Eu não darei nada a alguns homens, embora eles estejam em falta porque, mesmo que eu lhes dê, eles ainda estarão em falta. Eu ofertarei minha recompensa para alguns e empurrarei à força sobre os outros. Eu não posso estar negligenciando meus próprios interesses enquanto estou fazendo isso, em nenhum momento eu faço mais pessoas em dívida do que quando estou dando coisas.

2. “O que?” você diz: “você dá para receber de volta?” De qualquer forma, eu não dou para que eu possa jogar fora minha recompensa: o que eu dou deve ser colocado de tal modo que, embora eu não possa pedir seu retorno, ainda assim pode ser devolvido a mim. Um benefício deve ser investido da mesma maneira que um tesouro enterrado, que você não cavaría a

menos que fosse realmente obrigado.

3. Por que, que oportunidades conferir benefícios a mera casa de um homem rico oferece? Pois, quem considera um comportamento generoso devido apenas àqueles que usam a toga? A natureza me pede que faça o bem à humanidade – que diferença faz se são escravos ou livres, nascidos livres ou emancipados, se sua liberdade é legalmente adquirida ou concedida por acordo entre amigos? Onde quer que haja um ser humano, há uma oportunidade para um benefício, conseqüentemente, o dinheiro pode ser distribuído até mesmo dentro da própria família e um campo pode ser encontrado lá para a prática da liberdade, que não é assim chamada porque é nosso dever aos homens livres, mas porque ela surge em uma mente livre. ¹⁸⁸

Tais eram os pontos de vista de Sêneca, com seu instinto de bom senso e moderação habitual, sobre o tema da caridade e da utilização do dinheiro. Eles tinham uma aliança moderna e o teriam qualificado mais tarde na ilha da Grã-Bretanha para um alto cargo na Sociedade de Organização de Caridade.¹⁸⁹ Temos algumas evidências de que, neste caso, pelo menos, sua prática estava em nível com seus preceitos.

Ninguém [escreveu Juvenal, uns vinte anos depois] espera agora receber o que Sêneca costumava enviar a amigos muito humildes ou o que o bom Pisão ou Gotta costumavam dar; pois naqueles dias pensava-se que uma disposição generosa acrescentava brilho às honras e títulos. ¹⁹⁰

E Marcial, cuja origem espanhola pode tê-lo aproximado a Sêneca, na mesma linha lamenta em dois de seus epigramas os dias generosos de Pisão, Sêneca e Mêmio, que ele prefere aos patronos mais generosos de seu tempo.¹⁹¹ Três outros epigramas de Marcial são dirigidos à viúva de

Lucano, Pola, de modo que ficou claro que sua amizade com a família de Sêneca não terminou com a morte do filósofo.¹⁹²

Capítulo XII - A Conspiração de Pisão e a Morte de Sêneca, 64-65 d.C.

O último cargo público ocupado por Sêneca foi o de *consul suffectus*, que ele compartilhou com Marco Trebílio Máximo. Durante seu consulado foi aprovado um *senatus consultum*¹⁹³ para proteger os executores ou fiduciários do passivo ligado a tais propriedades, que por uma ficção legal eram tecnicamente os únicos herdeiros das propriedades que administravam com base no princípio de que nenhum homem dever ser responsabilizado por um encargo que ele tenha fielmente cumprido. Trebílio foi depois governador da Grã-Bretanha, onde sua inação e falta de experiência militar o tornaram impopular junto ao exército. A data deste consulado é geralmente atribuída ao ano 62, pois Tácito faz menção a um decreto aprovado pelo Senado naquele ano para a contenção de adoções simuladas.¹⁹⁴

O ano 64, embora um ano de paz, foi um ano de calamidade para Roma. Desde a época em que Tigelino havia sucedido Sêneca e Burro ao poder e influência, o progresso de Nero no caminho da infâmia havia se tornado cada vez mais rápido. No início deste ano ele havia cantado no palco do teatro de Nápoles, escolhendo aquela cidade para sua primeira aparição pública porque sua população era grega. A partir daí ele planejou ir para a Grécia, a pátria das artes, e concorrer a prêmios nos festivais históricos;

mas abandonou esse projeto por hora. Ele então voltou a Roma e fez os preparativos para uma visita ao Egito mas, para grande alegria da população, que pensava que sua presença em Roma assegurava seu fornecimento de diversões e provisões, ele também mudou de ideia a respeito disso e permaneceu na cidade. Encantado com esta evidência da popularidade que sempre cobiçou, e inferindo que era mais facilmente e de forma mais agradável obtida pelos métodos de Tigelino do que por aqueles recomendados por Sêneca, ele mergulhou então nos mais selvagens excessos de luxo, extravagância e devassidão explícita. Ele entretinha os cidadãos em belos banquetes em locais públicos, parecia considerar, na frase de Tácito, toda a cidade como sua casa, e prostituía os mais nobres romanos aos prazeres da multidão.

Seguiu-se o grande incêndio, no decorrer do qual a maior parte de Roma foi queimada até o chão. Nero, que teria assistido as chamas da torre de Mecenas com deleite estético, enquanto cantava em traje um poema de sua própria composição sobre a destruição de Tróia, foi acusado de ter ele mesmo provocado o incêndio. Incendiários foram vistos na confusão que se precipitava com tochas em suas mãos, interrompendo tentativas de apagar o fogo e gritando que tinham autoridade para o que estavam fazendo. Provavelmente eram ladrões, mas amplamente se acreditava que eles eram emissários do imperador. Nero, alarmado com a perda de sua querida popularidade, foi despertado para os esforços não despendidos. Ele abriu seus jardins e o Campo de Marte para a multidão de desabrigados e construiu apressadamente abrigos para sua recepção. Ele importou gêneros necessários de Óstia e das cidades vizinhas, abasteceu o povo com alimentos aos mais baixos preços. Finalmente, ele procurou desviar a suspeita de si mesmo, acusando a nova e impopular seita de cristãos do crime e, depois de ter, por tortura, extraído confissões de

alguns deles, um grande número foi preso com base em suas informações e levado a mortes horríveis. Ele iluminava seus jardins à noite com os corpos queimados dessas vítimas e, nos jogos de circo, os jogava na arena revestidos com peles de animais selvagens para serem despedaçados por cães de caça.

Quer Nero estivesse ou não preocupado com a queima de Roma, a catástrofe lhe permitiu satisfazer sua paixão pelo grandioso na reconstrução da cidade e especialmente de seu próprio palácio, em uma escala magnífica. A cidade velha com suas casas altas e ruas estreitas e sinuosas se foi e amplas vias regulares com casas de altura moderada, construídas de pedra e frentes de colunatas, foram dispostas em seu lugar. Ao mesmo tempo, um corpo de bombeiros e melhor abastecimento de água foram organizados. Para a montagem de sua própria “Casa Dourada”, com seus jardins e lagos, seus bosques e singularidades, seus espaços abertos e perspectivas, uma grande área foi reservada, e até mesmo os romanos daquela época, acostumados como estavam a toda forma de exibição, ficaram maravilhados com sua soberba extravagância.

Esta prodigalidade temerária, que coincidiu com a grande destruição de riquezas devido ao incêndio, foi seguida das inevitáveis consequências. A tesouraria estava esgotada e só podia ser enchida de novo pela injustiça e pela opressão. A Itália, diz Tácito, foi devastada, as províncias arruinadas. Os próprios deuses não escaparam, pois os templos foram despojados de seus tesouros e de suas imagens e memoriais históricos antigos foram impiedosamente destruídos tanto na Itália como na Grécia. Sêneca, que, embora tivesse perdido toda a influência, nunca havia sido autorizado a romper totalmente sua conexão com o governo, protestou contra estes procedimentos e, quando seus protestos foram desconsiderados, fez um último

esforço para obter permissão para se retirar para algum refúgio distante. Quando isto foi recusado, ele fez de sua saúde um pretexto para não deixar seu quarto e diz-se que se precaveu contra as tentativas de Nero de envenená-lo, reduzindo sua dieta à água e à comida mais simples, cuja procedência ele podia controlar. Este é o último sinal que temos de sua intervenção em assuntos públicos.

O ano seguinte (65), o último da vida de Sêneca, foi marcado pela grande conspiração de Pisão e pela implacável proscricção de senadores e outros que se seguiram a sua descoberta. Pisão, o chefe da antiga e ilustre família Calpúrnica, tinha sido favorecido tanto pela natureza quanto pela sorte e era talvez o homem mais popular de Roma. Com um semblante bonito e uma figura graciosa, ele demonstrava cortesia para com todos e se entregava ao amor da magnificência que ele combinava com os gostos literários em uma profusão que conciliava os afetos e ganhava a admiração de uma era de prazer. Ele era um generoso patrono dos homens de letras e foi entremeadado com seu amigo Sêneca em arrependida reminiscência pelos poetas flavianos. Ele era, além disso, famoso por sua eloquência, que havia empregado para pleitear a causa dos cidadãos no Fórum. Com todas estas vantagens, Pisão era demasiado condescendente e indolente para tornar-se um bom chefe de uma iniciativa que necessitava de energia, ambição atuante e resolução para levá-la a uma situação de sucesso.

O objetivo da conspiração consistia na morte de Nero e na transferência do Império para Pisão. Os conspiradores eram muitos em número e, na maioria das vezes, de categoria senatorial ou equestre. Eles incluíam o cônsul designado Plúcio Laterano; Lucano, o poeta que, proibido por Nero de publicar ou recitar sua poesia, já se havia vingado em segredo pela invectiva contra a tirania dos Césares contida nos últimos livros da Farsália; Subrio Flavin,

um tribuno da guarda pretoriana; Senecio, que havia sido amigo íntimo de Nero e Fenio Rufo, o colega de Tigelino em seu comando pretoriano. Vários esquemas, motivados por seus respectivos temperamentos, foram sugeridos por um ou outro dos conspiradores. Alguns defenderam um ataque corajoso ao imperador enquanto ele cantava no palco público, confiando no sucesso da repugnância tão amplamente sentida por essas apresentações; mas o anseio pela impunidade, “sempre adverso a grandes empreendimentos”, levou outros a preferirem um plano para incendiar o palácio, quando Nero poderia ser morto no meio da confusão que isso causaria. Enquanto os conspiradores discutiam estas propostas e discutiam entre si, a indiscrição de uma mulher chamada Epícaris praticamente levou à descoberta da trama. Voluseio Próculo, que havia sido um dos empregados de Nero no assassinato de sua mãe, era um oficial naval da frota em Miseno, no alto comando. Insatisfeito com a forma como seus serviços haviam sido recompensados, ele reclamou das injustiças que sofrera para Epícaris e falou de vingança. Esta mulher, que estava no segredo da trama, foi induzida por essas palavras a ter esperança que pudesse obter para seus amigos este importante recruta, sem trair os nomes dos conspiradores, informou para Miseno o que estava em pé, sem dar dados suficientes para uma delação. Epícaris foi convocada a Roma e confrontada com o informante que, no entanto, achou impossível conciliar suas negações resolutas. As suspeitas de Nero haviam sido levantadas e Epícaris foi colocada em custódia.

Este alerta motivou os conspiradores a apressar sua tentativa. Nero estava prestes a ser hóspede de Pisão em sua vila em Baiae e a oportunidade pareceu a muitos deles uma excelente ocasião para realizar seus projetos. Mas Pisão recusou-se a violar, à maneira de Macbeth, as leis da hospitalidade. “Melhor”, disse ele, “que a ação seja

realizada na cidade, naquela casa detestada fundada sobre os despojos dos cidadãos. O que se fez para o bem da república deve ser feito abertamente”. Finalmente eles resolveram executar sua trama nos jogos do Circo, onde Nero era mais acessível do que em outros momentos. Laterano, sob o pretexto de uma súplica, deveria cair aos joelhos do imperador e, agarrando-os, derrubá-lo, quando os outros conspiradores o atacariam com seus punhais. Pisão, que esperaria os acontecimentos no Templo de Ceres, seria então convocado ao acampamento pelo prefeito Fenio e por outros, e proclamado imperador. O primeiro golpe seria dado por Flavins Scevino, um conspirador de patente senatorial, que havia consagrado para este fim uma adaga no Templo da Segurança e agora a tinha para seu trabalho.

Pela imprudência de Scevino, deve-se a descoberta da conspiração. No dia anterior ao fixado para a execução da trama, após uma longa conferência com seu companheiro conspirador Natalis, ele voltou para casa, assinou seu testamento e, reclamando da oxidação da adaga que ele havia retirado do templo, ordenou que seu liberto Milichus a afiasse. Depois de oferecer um jantar de esplendor não justificado e com numerosa frequência ficou evidente para todos que o anfitrião tinha algo em sua mente, e que a jovialidade que ele mostrava era forçada e antinatural. Em seguida, ele emancipou seus escravos favoritos e deu presentes de dinheiro a outros e, finalmente, mandou Milichus preparar curativos para feridas e tudo o que fosse necessário para estancar o fluxo de sangue. Todas estas circunstâncias despertaram as suspeitas de Milichus. A esperança de recompensa com o medo de que sua deslealdade fosse antecipada pelas deduções de algum outro observador da mesma cena, caso em que sua fidelidade não serviria para seu amo e seria perigosa para si mesmo, vencendo seu senso de obrigação para com o patrono a quem devia sua liberdade, motivou-o cedo na

manhã seguinte a relatar suas suspeitas ao imperador. Scevino foi preso e levado para o palácio. Lá ele respondeu às acusações com ousadia, negando alguns dos atos que lhe foram imputados e explicando outros com tanta plausibilidade que a acusação teria sido desfeita se Milichus não tivesse lembrado a conferência com Natalis e sugerido que este último deveria ser preso e examinado quanto ao tema. Isto foi feito e Natalis e Scevino, sendo examinados separadamente e dando relatos inconsistentes de sua conversa, foram atirados aos ferros e, sucumbindo à ameaça de tortura, fizeram ambos uma confissão completa, cada um sem dúvida sob a impressão de que o outro tinha confessado primeiro. Natalis foi o primeiro a nomear Pisão e depois, com a intenção de satisfazer Nero, relatou que havia visitado Sêneca em nome de Pisão para reclamar da cessação de suas conversas. Sêneca, disse ele, havia se desculpado com o argumento de que conversas e reuniões frequentes não conduziram aos interesses de nenhum dos dois, mas acrescentou que seu próprio bem-estar dependia da segurança de Pisão. Lucano e outros foram incriminados por Scevino. Lucano, após negar por muito tempo, foi levado a confessar por uma promessa de perdão, mas admiradores de sua poesia podem esperar que o relatado que, a fim de reconciliar a simpatia de um imperador matricida, teve a inominável baixeza de acusar sua mãe, Atilia, de cumplicidade, tenha sido uma invenção de seus inimigos.

Nero agora apostava em Epícaris, que tinha sido detida com base nas informações de Próculo. Tigelino fez com que esta mulher fosse interrogada sob tortura mas as invenções mais requintadas de sua crueldade exasperada não conseguiram arrancar-lhe um único nome e, embora no segundo dia, impossibilitada de andar e ainda aprisionada na câmara de tortura, ela conseguiu se enforcar para frustrar os esforços adicionais de seus carrascos. Sua

perseverança contrastou com a fraqueza de seus distintos confederados, cuja coragem havia sido quebrada unicamente pela visão de instrumentos de tortura.

Os amigos de Pisão o incitaram nesta junção a ir ao acampamento e apelar aos soldados e à população. Como as coisas estavam, disseram eles, nada pior poderia acontecer se falhasse do que se apenas se sujeitasse, por outro lado Nero, com seus seguidores degenerados, seria facilmente vencido. Mas o indolente e indiferente Pisão estava desprovido de imaginação, o que poderia ter levado tal tentativa a uma questão bem sucedida. Sem esperar o pelotão de soldados enviado pelo imperador para prendê-lo – um pelotão escolhido entre os mais recentes recrutas, já que a fidelidade dos veteranos em tal emprego seria considerada duvidosa – ele abriu suas veias e morreu, tendo primeiro redigido um testamento no qual, em termos de adulação total, fez um grande legado ao imperador, na esperança de assim assegurar uma sucessão pacífica para do resto de seus bens para a bela esposa que ele havia roubado de um amigo. Seguiu-se uma grande proscricção de conspiradores reais ou alegados, conduzida com grande crueldade por Tigelino, assistido ativamente por seu colega, Fenio Rufo, que perseguiu com zelo seus antigos cúmplices para se livrar de todas as suspeitas de participação.

Se ou até que ponto Sêneca estava ciente desta conspiração deverá permanecer incerto, nem o Tácito expressa uma opinião sobre o assunto. Que o amigo de Pisão, o tio de Lucano, teria se regozijado com seu sucesso, não podemos duvidar, assim como Cícero se regozijou com os Ides de março. Assim como Cícero, ele provavelmente não foi consultado antes e, mesmo que as provas tiradas por medo da tortura de Scevino fossem exatas, elas só serviram para mostrar que ele foi indiretamente sondado em nome de Pisão e respondeu de forma ambígua. De fato, o historiador não confiável Cássio Dião nos disse que

Sêneca estava profundamente interessado na conspiração e declarou que era necessário resgatar o Estado de Nero e Nero de si mesmo, mas isto parece ser apenas uma citação adaptada de uma máxima geral no tratado *De Vita Beata*. Por mais que seja verdade, a descoberta da trama provou a ruína de Sêneca, pois deu a Nero a tão cobiçada oportunidade de efetivar a eliminação de um mentor que ele odiava cada vez mais, quanto mais ele se afastava de seus preceitos e merecia uma desaprovação que não era ocultada.

O resto da história pode ser transcrita sem paráfrase de Tácito, já que, se excluirmos a breve e maldosa narrativa de Dião – um historiador que sempre dá provas de uma inveja de grandes homens e um desejo de depreciá-los – ele é a única autoridade existente para a última cena da vida de Sêneca.¹⁹⁵

Depois veio a morte de Aneu Sêneca, que deu grande alegria a Nero. Não que ele tivesse qualquer evidência clara de sua culpa, mas porque agora ele podia fazer pela espada o que não tinha feito por veneno. A única testemunha contra ele foi Natalis e suas provas só chegaram a isso, que ele havia sido enviado para ver Sêneca quando doente e para reclamar de sua recusa em ver Pisão: “Seria melhor,” ele havia dito, “que tais velhos amigos mantivessem seus hábitos de relacionamento”. A este Sêneca, teria respondido: “encontros e conversas frequentes não fariam nenhum bem a nenhum deles: mas seu próprio bem-estar dependia da segurança de Pisão”.

Gávio Silvano, tribuno da guarda pretoriana, foi ordenado a levar o relato deste incidente a Sêneca e a perguntar-lhe: “Se ele confessava a veracidade da pergunta de Natalis e de sua própria resposta a ela”. Por acaso ou de propósito, aconteceu que Sêneca estava retornando naquele dia de Campânia e tinha

parado em uma vila suburbana a quatro milhas de Roma. Ali, ao entardecer, o tribuno se dirigiu e tendo cercado a casa com soldados, entregou a mensagem do imperador a Sêneca quando ele estava à mesa com sua esposa Pompéia Paulina e dois amigos.

A resposta de Sêneca foi: “Natalis fora enviado para queixar-se, em nome de Pisão, de que não tinha permissão para visitá-lo e ele tinha oferecido desculpas pelo seu estado de saúde e seu amor ao sossego. Quanto à sua razão para considerar o bem-estar de um particular como sendo de maior valor do que sua própria segurança, ele não tinha nenhuma. Ele não era um homem inclinado à bajulação e ninguém sabia disso melhor do que o próprio Nero, que o considerava muito mais independente do que servil em suas afirmações”. Ao receber este relatório do tribuno em presença de Popeia e Tigelino, que formaram o conselho íntimo de crueldade do imperador, Nero perguntou: ‘Será que Sêneca estava se preparando para pôr um fim a si mesmo? O tribuno declarou que não havia observado nenhum sinal de alarme ou de desânimo no rosto ou na linguagem de Sêneca”. Foi-lhe ordenado, portanto, que voltasse e lhe dissesse que deveria morrer. Fábio Rústico afirma que o tribuno não voltou pelo mesmo caminho pelo qual ele havia vindo, mas que ele se desviou do seu caminho para ver Faiano, o prefeito; e tendo-lhe mostrado a ordem de César, perguntou-lhe: “ Se ele deveria obedecê-la” e que Faiano, com aquela debilidade fatal que havia tomado todos eles, disse-lhe que executasse suas ordens. O próprio Silvano era um dos conspiradores e agora acrescentava mais um crime aos que ele havia conspirado para vingar. Mas ele poupou seus próprios olhos e suas próprias palavras, enviando um dos centuriões para anunciar a Sêneca que sua última hora

estava chegando.

Sêneca, indiferente, pediu seu testamento; mas isto o centurião recusou. Então, voltando-se para seus amigos, ele os chamou para testemunhar que, estando proibido de lhes exigir seus serviços, ele estava deixando para eles a única, e ainda assim a mais nobre, posse que lhe restava – o exemplo de sua vida. Se eles tivessem isso em mente, eles ganhariam para si próprios consideração como virtuosos em recompensa de sua dedicada amizade”. Em um momento ele reprime as lágrimas deles com conversa; em outro, ele lhes prepara a coragem através de uma linguagem de reprimenda de alto nível, perguntando: “Onde estava agora a filosofia deles? Onde estava aquela atitude em relação ao futuro que eles tinham ensaiado durante tantos anos? Quem desconhecia a crueldade de Nero ? O que restava para quem tinha assassinado sua mãe e seu irmão, senão matar também seu tutor e seu professor?”

Tendo discursado assim como se fosse para toda a sociedade, ele abraçou sua esposa e, baixando um pouco de seu tom de alta coragem, implorou-lhe que moderasse seu luto e não se apegasse a ele para sempre: “Que a contemplação da virtude de seu marido lhe proporcione seu nobre consolo em seu luto”.

Ela, entretanto, anunciou sua determinação a morrer junto com ele e pediu ao médico que fizesse sua parte. Sêneca não frustraria sua nobre ambição e ele a amava demais para expô-la a insultos depois que ele se fosse. “Eu tenho mostrado”, disse ele, “como você pode tranquilizar sua vida; mas se você preferir uma morte nobre, eu não hesitarei em lhe dar o exemplo. Partilhemos ambos a fortaleza de assim morrer nobremente, mas o seu fim será o mais nobre”.

Uma única incisão com a faca abriu o braço de cada um, mas como o corpo envelhecido de Sêneca, enfraquecido pela vida em retiro, dificilmente permitia a fuga do sangue, ele também abriu as veias dos joelhos e tornozelos. Desgastado finalmente pela dor e temendo quebrar a coragem de sua esposa por seu sofrimento ou perder seu próprio comando à vista do dela, ele implorou que ela se movesse para outra sala. Mas mesmo em seus últimos momentos sua eloquência não falhou; ele chamou seus secretários ao seu lado e lhes ditou muitas coisas que, estando publicadas em suas próprias palavras, considero desnecessária a reprodução.

Nero, no entanto, não tinha nenhuma aversão pessoal por Paulina e, não querendo acrescentar a sua fama de cruel, ordenou que sua morte fosse impedida. Assim, por ordem dos soldados, os escravos e libertos ataram-lhe os braços e interromperam o fluxo de sangue; talvez ela estivesse inconsciente. Mas com aquela celeridade de aceitar a pior versão de uma coisa que marca o ordinário, alguns acreditavam que, como ela achava que Nero seria implacável, ela se agarrava à glória de compartilhar a morte de seu marido; mas que quando a esperança de um indulto se manifestou, as atrações da vida se mostraram fortes demais para ela. Ela viveu por mais alguns anos, valorizando a memória de seu marido; mas a palidez de seu rosto e de seus membros mostrou o quanto a vitalidade tinha saído dela.

Enquanto isso, Sêneca, na agonia de uma morte lenta e prolongada, implorou a Estátio Aneu, seu amigo e médico de confiança, que procurasse produzir um veneno com o qual havia se abastecido há muito tempo, sendo o mesmo usado para as execuções públicas em Atenas. A poção foi trazida e administrada,

mas sem nenhum resultado; seus membros estavam muito frios, o corpo muito dormente, para deixar o veneno agir. Por fim, ele foi colocado em um banho quente; e ao aspergir os escravos à sua volta, acrescentou: “Esta libação¹⁹⁶ é para Júpiter, o Libertador”! Ele foi então levado para o banho de vapor quente e pereceu por asfixia. Seu corpo foi queimado sem nenhuma cerimônia fúnebre, de acordo com as instruções sobre seu destino que ele havia inserido em seu testamento no apogeu de sua riqueza e poder.

Capítulo XIII - A Filosofia de Sêneca

O caráter prático e não-sistemático da filosofia de Sêneca torna menos fácil a descrição do que a compreensão. Seu principal objetivo era a formação do caráter e seus alunos eram ensinados a manter suas almas em paz pela aceitação, na medida em que fossem aplicáveis à vida real, dos princípios estoicos. A filosofia, diz ele, não é uma profissão popular concebida para a ostentação ou a demonstração de astúcia; ela não está em palavras, mas em realizações. Nem a perseguimos para passar nossos dias de forma agradável ou para banir o tédio das horas de lazer; ela cultiva e forma a alma, organiza a vida, orienta nossas ações mostrando-nos o que fazer e o que não fazer, coloca-se no leme e orienta nosso rumo através das transformações e oportunidades do mundo. Qual é a única verdadeira propriedade do homem? Ele mesmo, responde Sêneca. O que é a Liberdade? É não ser escravo de nenhuma vontade nem de nenhum acaso; é enfrentar a Fortuna em condições de igualdade; mas se um homem deseja ou teme coisas externas, é então escravo daquele que as tem para dar ou reter.

Entre as coisas externas a serem consideradas objetivamente como nem boas nem más em si mesmas, a não ser pela opinião que formamos sobre elas, deve ser considerado, na filosofia de Sêneca, nosso próprio corpo, no qual, como nos barcos, viajamos tão extravagantemente de porto em porto. Nesses corpos é semeada a semente divina que se desenvolve ou se decompõe, de acordo com o solo

em que é plantada e o cultivo que recebe. Se a semente prospera e uma alma razoável é engendrada, este é o verdadeiro espírito humano ainda se desdobrando como um raio de sol até sua origem divina e seu corpo é apenas o invólucro em que se encontra a joia, indispensável certamente à sua presença no mundo físico. Pois o instrumento é indispensável à melodia ouvida, mas não mais a fonte da qual ele brota do que o violino em que é tocada uma sonata de Beethoven ou o solo em que brilham os raios do sol é a da luz.¹⁹⁷ Esta separação completa em pensamento de nosso eu espiritual dos poucos quilos de matéria em que estamos vestidos e através da qual agimos e sofremos, está na raiz da concepção estoica de felicidade e sabedoria, que de fato, na opinião deles, são a mesma coisa. Somos apenas tão miseráveis quanto nos julgamos. Somos livres, porque todas as nossas ações estão em nosso próprio poder e se estamos prontos a sacrificar nossos bens externos, incluindo entre eles nossos corpos, em vez de perder essa liberdade, ela não pode ser tirada de nós. Outros homens podem ter poder sobre nossos corpos – de fato, qualquer homem tem se ele optar por exercê-lo sem levar em conta as consequências – mas não podem ter nenhum sobre nós mesmos. *“Vindica te tibi” – “proclame-se senhor de si mesmo, faça valer sua pretensão de ser livre para seu próprio bem, sujeito aos nossos desejos”*, escreveu Sêneca na primeira de suas cartas a Lucílio.

A filosofia, como Sêneca a descrevia, é o estudo das obras de Deus e da natureza do homem; da ciência natural e da lei moral. Ele teria compreendido e concordado com o ditado do sábio moderno que declarou que os dois grandes objetos de sua admiração e reverência eram o céu estrelado exterior a ele e a lei moral interior. A natureza do homem ele considerava ser dupla, uma natureza instintiva ou física, que é partilha com os animais e uma natureza racional, que é divina. A última é o caráter próprio ou distintivo do

homem e somente na medida em que ele conquista a sua maestria pode realmente ser considerado como homem. O propósito da filosofia é assegurar esta predominância e, na medida em que ela consegue fazê-lo, o homem é colocado além do poder da Fortuna e sua felicidade é assegurada. Seu bem e seu mal residem na escolha que está sempre em seu poder fazer. As coisas externas – inclusive seu próprio corpo – não são em si mesmas nem boas nem más, mas são o material a partir do qual o homem faz uma ou outra. *“Eles não chegam à alma”*, como disse Marco Aurélio, *“mas ficam parados e quietos e é somente da opinião que reside todo o alvoroço e problemas que se seguem”*. É excelente, escreveu Sêneca, combinar a ausência das preocupações, como um Deus, com a fragilidade física do homem.¹⁹⁸ Toda a natureza é uma só. Somos todos membros de um único grande corpo.¹⁹⁹ No mundo físico isto é evidente, pois o material que o compõe é utilizado sucessivamente para todas as coisas – para minerais, para plantas e para animais. Mas também é verdade para o mundo espiritual, ao qual só o homem, entre os seres vivos, foi admitido. Daí que somos chamados por nossa natureza espiritual a reconhecer nosso parentesco universal e a amar uns aos outros, daí vêm nossas noções de equidade e justiça e uma crença que consciente ou inconscientemente devemos sustentar, que é melhor para o homem ser injustiçado do que ser injusto.

Assim, Sêneca era um dualista. Para ele, como já foi dito, existe o mundo da matéria, do qual nossos corpos fazem parte, e existe o mundo do espírito, que é divino. Os corpos são os instrumentos de nossa livre ação quando nos possuímos, mas quando obedecemos às suas ordens, perdemos nossa liberdade e nos tornamos escravos daqueles que podem nos ameaçar ou nos salvar dos perigos aos quais o corpo está exposto – pobreza, doença ou violência externa. Destes, nós mais tememos por causa de

seu início agitado, enquanto que os outros se arrastam silenciosamente sobre nós acompanhados de nada de formidável aos nossos olhos ou ouvidos. No entanto, não há diferença em relação à única realidade física – a dor e a morte. É uma máxima estoica que o bem do homem reside em uma certa disciplina de sua escolha com relação às aparências das coisas e é somente no mundo espiritual que se pode dizer que essa faculdade de escolha existe. Na medida em que o corpo controla a vontade humana em seus próprios interesses – respondendo com reações correspondentes ao golpe de suas percepções e sensações – essa vontade é determinada e se torna a serva do que deveria comandar. Obedecer às ordens do corpo é servir à vontade alheia e entregar aquela verdadeira liberdade que, para os estoicos, era a própria vida. Sêneca recorre repetidas vezes a esta tese:

*Acima de tudo, meu caro Lucílio, faça deste seu negócio: aprenda a sentir alegria. Você acha que agora estou roubando-lhe muitos prazeres quando eu tento acabar com os presentes da fortuna, quando eu aconselho a evitar a esperança, a coisa mais doce que alegra nossos corações? Pelo contrário; eu não desejo nunca que você seja privado de alegria. Eu a teria inata em sua casa; e ela nascerá lá, apenas se estiver dentro de você. Outros objetos de conforto não enchem o peito de um homem; eles apenas suavizam a testa e são inconstantes, a menos que você acredite que aquele que ri tem alegria.*²⁰⁰

...eu nasci para um destino maior do que para ser um mero objeto do meu corpo e eu considero este corpo como nada, mas uma corrente que restringe minha liberdade. Portanto, eu o ofereço como uma espécie de para-choques à fortuna e não permitirei que nenhum ferimento penetre minha alma. Pois meu corpo é a única parte de mim que pode sofrer lesões. Nesta

*morada, que está exposta ao risco, minha alma vive livre.*²⁰¹

Na opinião de Sêneca, não se pode dizer que um indivíduo vive a vida de um homem quando não serve a sua própria vontade. Ele se transforma em um autômato, acionado pelo mundo material exterior, ao qual ele próprio, por sua vez, reage. É verdade que ele não pode viver para si mesmo, a menos que viva para os outros,²⁰² pois somos todos filhos do mesmo Pai, todos membros de um grande corpo; mas é de nossa livre vontade que devemos viver para os outros e não através da submissão de nossa vontade às deles. Toda ação é realmente voluntária. Nenhum homem precisa ser um escravo que esteja disposto a assumir as consequências do seu corpo – dor ou morte, no máximo – de uma recusa em servir. A doutrina da imanência divina foi defendida por Sêneca com a maior firmeza possível para um entendimento tão cético e uma imaginação tão flexível e está na raiz de sua teoria de vida.

*Não precisamos elevar nossas mãos para o céu, nem implorar ao defensor de um templo que nos deixe chegar à orelha de seu ídolo, como se desse modo nossas orações fossem mais prováveis de serem ouvidas. Deus está perto de você, ele está com você, ele está dentro de você.*²⁰³ *É isso que quero dizer, Lucílio: um espírito santo mora dentro de nós, aquele que anota nossas boas e más ações e é nosso guardião. À medida que tratamos esse espírito, também somos tratados por ele. De fato, nenhum homem pode ser bom sem a ajuda de Deus. Pode alguém elevar-se acima da fortuna, a menos que Deus o ajude a se levantar? Ele é Aquele que dá conselhos nobres e retos. Em cada homem bom um deus habita, mas o que deus sabe nós não sabemos... Se você vê um homem que está sem medo no meio de perigos, intocado por desejos, feliz na adversidade, pacífico em*

meio à tempestade, que olha para os homens de um plano superior e vê os deuses em pé de igualdade, não irá um sentimento de reverência por ele abater sobre você? Você não vai dizer: “Esta qualidade é muito grande e muito sublime para ser considerada como semelhante a este pequeno corpo em que habita? Um poder divino desceu sobre esse homem”. ... Assim como os raios do sol realmente tocam a terra, mas ainda permanecem na fonte de onde são enviados; assim também a alma grande e santificada, que desceu para que possamos ter um conhecimento mais próximo da divindade, de fato se associe a nós, mas ainda se apegue à sua origem; nessa fonte ela depende, para onde vira seu olhar e se esforça a ir, e se preocupa com nossas ações apenas como um ser superior a nós mesmos. ²⁰⁴

Ao mesmo tempo, Sêneca não acreditava em asceticismo extremo - uma prática que ele considerava como uma confusão de meios com fins. O corpo não é para ser saciado, para que não fique fora de controle como um cavalo exageradamente alimentado; mas como é nosso instrumento de ação, nosso único meio de comunicação com o mundo exterior, pois através dele entramos em relações com as coisas externas que formam os materiais sobre os quais nossa escolha pode ser exercida, devemos considerá-lo como um servo útil e vesti-lo, limpá-lo, protegê-lo e mantê-lo de uma maneira adequada à sua natureza e com vistas à sua maior eficiência. É uma ferramenta que devemos manter em boas condições, uma casa a ser conservada em bom estado; mas devemos sempre ter cuidado para não confundir a ferramenta com o artesão, a casa com seu habitante.

Sêneca considerava, como vimos, que a excelência característica, o atributo peculiar do homem, é sua razão, que nada mais é do que uma parte da natureza divina

imersa em um corpo humano.²⁰⁵ Portanto, seguir a razão é agir de acordo com sua natureza; assim como para outros animais, seguir o exemplo de seus corpos é agir conforme sua espécie. É oposto a seu eu físico, herdado ou irracional, em relação ao qual ele pertence ao mundo da matéria. Embora esta última parte dele tenha o maior poder dinâmico e tenha sido sempre a fonte do maior número de ações humanas, ainda assim na medida em que o corpo e os atos indispensáveis que derivam de carências ou emoções corporais – seja fome, medo ou luxúria – não são peculiares aos seres humanos, mas são comuns a todos os outros animais, não falamos deles como naturais ao homem. Palavras como “humanidade” e “benevolência”, recorrentes em muitas línguas, apontam para esta distinção. Esta distinção sempre esteve na mente dos estoicos romanos e é a base sobre a qual se baseiam muitos de seus aparentes paradoxos. Em uma das poucas alusões a Sêneca que se encontram nos escritos de seus contemporâneos, o ancião Plínio nos diz que nenhum homem se deixou seduzir menos pelas aparências das coisas – *“minime mirator inanium”* – e isto é exatamente o que podemos inferir de suas obras. Apesar da retórica pela qual são adornadas e às vezes desfiguradas, ouvimos e reconhecemos uma voz humana familiar na leitura de suas cartas. O sentimento de distanciamento que sentimos em relação aos escritores das gerações passadas é proporcional ao maior ou menor grau em que sua natureza foi subjugada aos humores transitórios da época em que trabalharam. Shakespeare podia perceber e descrever esses humores – as cordas pelas quais os bonecos humanos são movidos – tão claramente como Ben Jonson²⁰⁶, mas porque ele também podia perceber e descrever a humanidade universal que está nas profundezas deles, porque ele reconhece o algo em cada homem que ou controla ou limita ou cede a eles, seu caráter nos parece moderno e natural, e

o de Jonson, porque ele não tinha condições de fazer isso, mecânico e obsoleto. Sêneca, com seu constante desejo de ver com seus próprios olhos as coisas como elas são e não como têm fama de ser – remover a máscara das coisas assim como das pessoas – tem o mesmo poder.²⁰⁷ Nunca temos que defender as opiniões de seu tempo como um pedido de desculpas por qualquer opinião que ele tenha. Podemos concordar com ele ou discordar, mas é uma voz viva que ouvimos – nunca um mero eco. Por ser a Razão universal e absoluta, independente do tempo e do lugar e dos humores da humanidade, a voz da Razão, não importa de que distância do espaço ou do tempo, chega até nós como uma voz viva. Sentimos a nossa semelhança com o orador por maior que seja o intervalo de tempo que nos separe de sua presença física. Reconhecemos e acolhemos nele nossa natureza comum, pois esta é a verdadeira natureza do homem, o λόγος – o “espírito” do Novo Testamento em oposição à “carne”, a semente, o novo nascimento, a centelha divina, a verdadeira humanidade.

Sêneca define a sabedoria como constância da vontade – *‘semper idem velle atque idem nolle’*. Não há perigo, acrescenta ele, a não ser que esta constância tenha um objeto errado, já que é impossível que algo além do que é certo nos agrade a todos os momentos. Deve haver apenas um mesmo motivo eficiente para todas as nossas ações e jamais nos arrependemos de seus resultados. As ações, como as coisas, não são em si boas nem más – é a maneira e as circunstâncias que as qualificam. A mesma ação é vil ou honrada de acordo com a disposição mental do ator. Um homem atende assiduamente ao leito de seu amigo doente e nós aprovamos. Mas se ele faz isso com vistas a uma herança, nós o consideramos um abutre à espera de sua presa. A ação é a mesma em ambos os casos, mas no primeiro reconhecemos o que chamamos significativamente de humanidade do homem, isto é, bondade, verdade e

beleza, aqueles frutos do espírito humano universal, dos quais o homem não poderia ter formado a ideia se não fossem o próprio material de sua alma sensata; e nossa consciência da fonte de auto reconhecimento da mesma ação no outro caso nos enche de um desgosto certo. Assim também devemos avaliar as ações, devemos pesá-las sem levar em conta sua notoriedade e considerar não o que elas são designadas, mas o que elas são.

Apesar de sua retórica e de suas antíteses, é esta recordação da realidade que é a marca dominante nos escritos de Sêneca. Um excelente crítico, que não era de forma alguma um admirador incondicional de seu conteúdo, escreveu: *“Quanto menos um homem se importa com o prático, o real, menos valorizará Sêneca. Quanto mais um homem se envolve em palavras e ideias sem significado exato, menos compreenderá um escritor que não lida apenas com palavras, mas que tem ideias com algo que lhes corresponda”*.²⁰⁸ Sêneca tinha o desprezo de um homem cosmopolita pelo pedantismo, embora a impaciência com a pura especulação que ele sentia enquanto instrutor ético fosse temperada em algum grau por sua própria curiosidade insaciável. *“As vezes descobrimos”*, escreveu ele em uma de suas cartas, *“que a busca das artes liberais torna os homens enfadonhos, minuciosos, irracionais, auto satisfeitos e ignorantes do que deveriam saber, só porque aprenderam o que é desnecessário”*.²⁰⁹ A filosofia, em sua opinião, *“é uma benção que os deuses nos deram, cujo conhecimento não foi dado a ninguém, mas a faculdade de adquiri-lo foi dada a todos. Pois, se tivessem feito da filosofia também um bem geral e se nós tivéssemos o conhecimento desde nosso nascimento, a sabedoria perderia seu melhor atributo: não ser um dos presentes da Fortuna. Pois, a característica preciosa e nobre da sabedoria é que ela não tenta nos encontrar, que cada um precisa se endividar por ela e que*

não a buscamos nas mãos dos outros".²¹⁰ Esta conquista de "autocontrole de acordo com princípios fixos que são auto prescritos" forma o que é chamado de caráter, o que, como Kant observa, implica um sujeito consciente de algo que ele próprio adquiriu. O homem que o possui é livre, pois é escravo de nada, de nenhuma necessidade, de nenhuma chance; ele encontra a Fortuna em termos iguais e pode fazer o que lhe agrada, pois nada que ele não deva fazer lhe agrada. O filósofo vê as coisas como elas lhe são apresentadas pela natureza, não como elas lhe são representadas por sua imaginação manipulada pela sugestão de outros. "Acima de tudo, lembre-se", escreve Sêneca, "de despojar as coisas de seu glamour e contemplar cada uma como ela é em si mesma: você descobrirá que elas não contêm nada de formidável, a não ser seu próprio medo".²¹¹ 'Non effedus sedentia timor spectat', diz ele em outro texto. É a pompa e a circunstância da dor e da morte (os únicos males físicos positivos) e não a dor e a morte em si, que tememos, ou seja, pela qual sofremos em antecipação. Pensamos que a morte é o maior dos males, quando o único mal ligado a ela é aquele que desaparece em sua aparência, ou seja, o terror que ela inspira. Estamos indignados e reclamamos e não percebemos que a única realidade do mal se encontra em nossa indignação e reclamação.

Para ter um julgamento correto em todas as coisas é suficiente ter nosso próprio julgamento (ou percepção das diferenças entre as coisas) sem preconceitos alheios; então adquirimos a bênção inestimável de nos tornarmos senhores de nós mesmos. Quando um homem serve sua própria vontade e não outras pessoas ou coisas, ele fará o que é certo, porque então ele age sobre princípios gerais e os pensamentos gerais são justos. Nenhum homem é um vilão pelo prazer de ser um vilão, mas para ganhar algum fim que lhe parece um bem, mas que para o filósofo não

mereceria uma luta se pudesse ser alcançado inofensivamente. O escravo de suas paixões pode imaginar que ao servi-las está servindo sua própria vontade; mas não é assim, pois ele perdeu seu autocontrole e deve obedecer àqueles que são capazes de satisfazer ou não essas paixões. Ele é, como diz Hamlet, *“um cachimbo para o dedo da Fortuna fazer soar o que ela quiser”*. Uma dádiva, diz Sêneca, temos da Natureza, e ela, é que a luz da virtude é visível a todos. Mesmo aqueles que não a seguem, a percebem. Se, porém, não nos distraímos com as falsas opiniões das coisas que nos são sugeridas de fora ou por nosso próprio corpo, perceber e seguir a luz será sempre uno.²¹²

O estoicismo nos séculos antes de Cristo era como um motor que entrava em funcionamento, mas desengatado. Há uma grande quantidade de energia potencial, mas sendo meramente potencial, não resulta em nada além de barulho. Sêneca forneceu a embreagem ao estoicismo aplicando-a na conduta prática da vida e foi seguido neste trabalho por Epicteto e Marco Aurélio. Assim, um estadista, um escravo e um imperador, com temperamento tão diverso quanto posição, chegaram, no entanto, às mesmas conclusões quanto à natureza do homem e ao segredo de sua felicidade. O que os gregos ensinavam, os romanos praticavam, diz Quintiliano – um caso superior.²¹³ Como era natural para quem tinha vivido no centro das atividades e visto muito dos homens e dos acontecimentos, Sêneca pouco sentiu senão desprezo pelos enigmas lógicos e metafísicos que ocupavam grande parte do tempo e do pensamento dos primeiros filósofos e estudantes gregos e que parecem ter tido uma grande atração por seu amigo epicurista, Lucílio. Ele reprovava os filósofos com o ensino de como discutir e não de como viver, e também seus alunos que participam em palestras, a fim de aguçar o raciocínio em vez de melhorar seu caráter. O mais malicioso dos

mortais ele declara ser aquele que traz sua filosofia ao mercado e, ao não praticar o que ensina, é uma prova viva da futilidade de suas doutrinas. Ele argumenta com força contra aqueles que mantiveram a suficiência dos princípios gerais e a ausência de preceitos para sua aplicação à conduta da vida. A virtude, diz ele, consiste em parte de teoria e em parte de prática; você deve tanto aprender quanto aproveitar o que aprendeu com suas ações. Se assim for, os preceitos de sabedoria são de serviço, assim como seus princípios; eles emitem, por assim dizer, editais pelos quais nossos afetos são vinculados e constrangidos. Os primeiros filósofos estavam tão ocupados com a forma do entendimento humano que negligenciaram seu conteúdo material. A força motriz era fornecida mas continuava desvinculada do dispositivo a ser acionado. Sêneca considerava o mundo exterior o material dos sábios – como a bola, não valorizada por si mesma, na qual o jogador deve exercer sua habilidade.

*Não era só de marfim que Fídias sabia fazer estátuas, ele também fez estátuas de bronze. Se você tivesse lhe dado mármore ou um material ainda pior, ele teria feito dele a melhor estátua que o material permitiria. Assim, o sábio desenvolverá a virtude, se puder, no meio da riqueza ou se não, no meio da pobreza; se possível, no seu próprio país, se não, no exílio; Se possível, como comandante, se não, como um soldado comum, se possível, em boa saúde, se não, enfraquecido. Qualquer que seja a fortuna que se encontre, conseguirá algo digno de nota.*²¹⁴

A vida da maioria dos homens é passada numa luta perpétua para melhorar as circunstâncias externas de suas vidas, ou suas reputações, isto é, as opiniões que outras pessoas têm sobre eles, ou suas fortunas, isto é, seu poder de dirigir o trabalho de outras pessoas para a satisfação de seus próprios desejos e caprichos. Assim, em nome de uma

vida imaginária, eles perdem sua vida real. Poderíamos reconhecer que o alcance desses objetos não está em nosso próprio poder e que mesmo que pela ajuda da Fortuna, eles sejam atingidos, não trazem consigo nenhuma felicidade real, mas apenas através de sua desilusão transitória. Deveríamos aceitar as chances e circunstâncias de nossas vidas sem perturbação ou preocupação, usá-las como nos convém, usá-las com a mesma tendência, sejam elas quais forem, e estar em paz.

Sêneca era um homem de rápidas simpatias, causador de impressões, espirituoso e amável, humano, exigente e cheio de bom senso, talvez interessado no indivíduo e não em homens, mas dedicado a seus amigos e que combinava o desejo de agradar e ter sucesso em agradar, com o amor à natureza e a meditação solitária. Ele era um cidadão do mundo,²¹⁵ que podia ter uma visão distanciada dos homens e das coisas, e sua generosa convicção de que as distinções de grau e status tinham sua origem na opinião, ela própria filha da fortuna, e nos títulos em que essa opinião estava registrada e não em qualquer superioridade ou inferioridade real, levando-o com frequência a antecipar ideias de um futuro muito distante. Quintiliano o descreve não como um grande filósofo (*"in philosophia parum diligens"*), mas o elogia como um instrutor moral de distinção, cujas obras devem ser estudadas por aqueles capazes de separar o bom do mau, por causa das impressionantes reflexões presentes nelas. Ele consente-lhe uma inteligência pronta, que flui com demasiada facilidade de uma fonte perene, da indústria e de um amplo conhecimento da história natural, embora observe que às vezes era enganado por aqueles a quem havia encomendado investigações mas com tudo isso o acusa de absoluta falta de discernimento e de ser o maior corruptor de eloquência e introdutor de novos métodos de composição que são totalmente inadequados para guiar o gosto da juventude de sua geração, em cujas mãos por um

tempo só seus livros eram encontrados. Ele o denuncia, de fato, como uma espécie de anarquista literário, cuja influência na maneira de sua época foi desastrosa e, tendo mais uma vez admitido que havia muito em suas obras para aprovar, muito mesmo para admirar, por aqueles maduros para distinguir (e para aqueles cujo gosto estava suficientemente formado, diz ele, seria uma boa prática). Ele resume sua crítica com a observação de que foi uma pena que alguém capaz de fazer o que lhe agradava não tivesse ficado mais vezes satisfeito com coisas melhores.²¹⁶ Quintiliano, na linha convencional, é um dos melhores críticos que já julgaram as obras de outros – Sainte-Beuve²¹⁷ de sua idade. Mas Sêneca era, na literatura, um revolucionário com aversão às convenções, pouco respeito à tradição e impaciência com a autoridade;²¹⁸ e Quintiliano, o classicista, era de opinião que ele devia sua popularidade não às suas boas qualidades – “*multae et magnae virtutes*” que ele reconhecia de livre vontade – mas às suas falhas perigosamente atraentes – sua retórica e suas sentenças desprendidas, boas, más e indiferentes, não tecidas de acordo com as regras da arte na estrutura de uma obra completa, mas dispersas em profusão descuidada à medida que lhe ocorriam e deitadas onde caíam. Para conservadores romanos como Quintiliano, a cidadania romana era uma consideração primordial, e para um cidadão romano as obrigações morais estavam em grande medida confinadas às suas relações com seus concidadãos. Para Sêneca, por outro lado, e para sua escola, o homem era sagrado por ser humano²¹⁹ — a ideia de cidadania com seus direitos e deveres foi absorvida e perdida na da humanidade, todos os homens seriam irmãos oriundos da mesma origem.²²⁰ A vida mais útil que um homem poderia levar era a de ajudar, ensinar e consolar seus semelhantes – sejam eles romanos ou bárbaros, livres ou escravos. As máximas nas quais Sêneca consagrou estas noções

pareciam à retórica quintiliana banais, calculadas para agradar as crianças e de uma tendência subversiva. Tais ideias, ele pode ter pensado, poderiam ser adequadas às escolas de declamação; mas introduzidas em tratados sérios e encontradas em conjunto com muito que era realmente justo e sábio, elas certamente deveriam ser condenadas com muita veemência.

Será que Sêneca foi o autor das tragédias que levam seu nome? Que foram escritas por ele ou por alguém de sua família, sabemos pela citação feita por Quintiliano de uma linha existente da Medeia,²²¹ enquanto outras menções são feitas às tragédias de Sêneca pelos gramáticos do segundo século – Terenciano Mauro²²² e Valerio Probo.²²³ É evidente, porém, que uma das peças, a Otávia, não pode ter sido escrita por Lúcio Sêneca, que aparece nela como personagem principal, pois contém, sob a capa de uma profecia, uma descrição bastante precisa da morte de Nero.²²⁴

Concedendo isto, a maioria dos escritores modernos atribuem as oito tragédias restantes ao filósofo. No entanto, além do fato de não parecer haver razão suficiente para separar a Otávia do resto da coleção, o caso contra sua autoria me parece tão forte a ponto de ser quase conclusivo. Quintiliano, em seu relato dos escritores romanos da tragédia desde Ácio²²⁵ e Pacúvio²²⁶ até Pompônio Segundo,²²⁷ que ele conheceu pessoalmente, não faz nenhuma menção a Sêneca. Isto seria compreensível, se na época em que ele estava escrevendo Sêneca o dramaturgo estivesse realmente vivo, pois Quintiliano evitava qualquer crítica a seus contemporâneos vivos. Mas se Lúcio Sêneca fosse o autor das peças, como poderia ele tê-lo passado em silêncio? Além disso, ele nos diz que Lúcio Sêneca praticou quase todas as formas de literatura, deixando um legado de discursos, poemas, epístolas e diálogos. Por que não mencionar as tragédias?

Mas a razão externa mais forte para não acreditar na identificação de Sêneca o dramaturgo com Sêneca o filósofo está no poema de Sidônio Apolinário,²²⁸ escrito no século V, no qual ele distingue os dois.²²⁹ É difícil acreditar que Sidônio, a quem as cartas eram o principal interesse na vida e que vivera em uma época anterior à ruptura final do Império, poderia ter se enganado em tal ponto. Ele também escreve, como naturalmente escreveria se nenhuma dúvida sobre o assunto tivesse sido levantada, como se o assunto fosse de conhecimento comum.

Quanto às provas internas, os defeitos de Sêneca são visíveis nas peças, temperados por poucas de suas melhores qualidades. Quintiliano diz dos últimos escritores daquela escola, que tudo o que eles puderam fazer foi imitar e exagerar as falhas e maneirismos de seu mestre, já que sua real excelência está além de sua capacidade. Ao se assemelharem a ele, por assim dizer, o insultam.²³⁰ Não me detenho na ausência de alusão às tragédias em suas cartas, embora ele cite Eurípedes e Públio, pois Sêneca estava completamente livre daquela vaidade literária que era tão evidente em Cícero e em nenhuma de suas cartas ele menciona qualquer outra de suas obras. De fato, com exceção de uma única passagem em sua vigésima primeira carta²³¹ – na qual com certa solenidade ele promete a Lucílio que como Idomeneu estaria eternamente vivo nas cartas de Epicuro, Ático nas de Cícero, assim também estava em seu poder conferir imortalidade a seu próprio correspondente – nada ouvimos de si mesmo sobre sua grande posição e reputação.

As denúncias de tiranos e tiranias abundantes nas peças e as referências diretas, como parecem ser, às próprias relações de Sêneca com Nero, apareceram a M. Boissier como provas conclusivas de sua autoria. Mas elas também tornam em alto grau improvável que as peças tenham sido publicadas durante a vida de Nero e indicam sua publicação

sob Vespasiano, por outro membro da família de Sêneca. *“Aquele que distribui coroas à sua vontade”*, lemos no Tiestes, *“diante de quem nações trêmulas dobram o joelho, que por um sinal de sua mão desarma medos, indianos e tribos temidas pelos partas, está ele mesmo inquieto em seu trono; ele estremece ao pensar nos caprichos da fortuna e nos imprevistos golpes pelos quais os impérios são derrubados”*.²³² Mais uma vez, na mesma peça, *“Acredite, somos enganados pela superfície sombria da prosperidade, e estamos errados ao lamentar sua perda. Enquanto eu era poderoso, nunca deixei de tremer; mas agora não posso causar medo ou ciúmes a ninguém, estou feliz. O crime não busca o pobre homem em sua cabana. Ele janta em uma mesa modesta, ao passo que nós corremos o risco de ser envenenados quando bebemos de taças de ouro. Eu falo por experiência própria”*.²³³ É evidente que o autor destas passagens tinha Nero e Sêneca em mente; Sêneca havia de fato experimentado o perigo que ele descreve,²³⁴ mas que ele teria publicado ou mesmo se comprometido a escrever tais sentimentos durante a vida do tirano, é difícil de acreditar. Quem, então, pode ser o autor das peças? Os irmãos de Sêneca não o sobreviveram por muito tempo. Seu sobrinho Lucano foi condenado e enquanto o sangue jorrava de suas veias abertas, com sua voz moribunda, ele declamou uma passagem da Farsália descritiva de sua situação. Seu pai, Mela, reivindicou seus bens; mas a reivindicação foi contestada pelo amigo próximo de Lucano, Fábio Romano, que professou ter encontrado entre os documentos deixados a ele cartas envolvendo Mela na conspiração. Isto foi suficiente para Nero, que cobiçava a grande riqueza de Mela e uma mensagem foi enviada a ele, com o resultado habitual. Ele imediatamente se antecipou a uma condenação abrindo suas veias, deixando atrás de si um testamento no qual legou uma grande soma de dinheiro a Tigelino, na

esperança de que por interesse do prefeito, a validação do documento pudesse assegurar seu legado remanescente à sua família. Que ele tenha tido sucesso nisso é provável, porque uma geração mais tarde encontramos a viúva de Lucano, Polia, vivendo rica e honrada sob Domiciano e recebendo as atenções raramente desinteressadas dos poetas flavianos. Gálio, após a morte de Sêneca, foi violentamente atacado no Senado mas salvo no momento por amigos, que censuraram seu antagonista ao aproveitar-se das desgraças públicas para a gratificação do ódio privado e opondo-se aos impulsos humanos de seu príncipe misericordioso. Não ouvimos mais falar dele através de Tácito, mas Dião relata que ele morreria pouco tempo depois por suas próprias mãos. O único outro Sêneca de quem qualquer menção sobreviveu é Marco, o filho do filósofo, de quem ele escreveu tão afetuosamente de seu exílio na Córsega. Poderia ele ter sido o dramaturgo? Nada nos obriga a acreditar nisso; mas é possível e essa hipótese tem sido considerada.

A reputação de Sêneca passou por muitas vicissitudes. Ele tem sido há muito negligenciado e seu caráter, quando discutido, tem sido fortemente apreciado. No entanto, o bom vinho não pode vir de um vaso contaminado e se julgarmos sua obra pelo uso que dela tem sido feito por poetas e moralistas famosos, devemos chamá-la de uma herança nobre. Shakespeare e Milton transmutaram muitos de seus pensamentos em poesia gloriosa – Shakespeare, provavelmente por meio da tradução de Montaigne por John Florio. Desde o início, ele tem excitado a admiração e a hostilidade em medida quase igual. Ele é talvez o único pagão que os primeiros escritores cristãos – Tertuliano, Agostinho, Lactânio e Jerônimo – consideraram com toda a aprovação. Por outro lado, os pedantes arcaístas romanos do período Antonino – Aulo Gélio e Fronto – o detestavam como o corruptor do gosto e um perigoso inovador. Deve-se

sempre lembrar que sua filosofia não era abstrata de estudo. Era dirigida por um antigo homem de ação aos homens que viviam sob um reino de terror, cujas vidas corriam perigo diariamente e seu objetivo era libertá-los da ansiedade e prepará-los para enfrentar seu destino com indiferença e dignidade. Consequentemente, é em tempos conturbados que ele tem encontrado o maior favor.



NOTAS

¹ Ver J. Wight Duff, [The Classical Review / Volume 34](#) / edição 7-8

² ***o altitudo!***

Ó profundez! São Paulo refere-se na Epístola aos Romanos(XI,33) à sabedoria e ciência divinas. Aplicam-se estas palavras, quando se trata de um mistério insondável.

³ **Michel de Montaigne** (1533 - 1592) foi um jurista, político, filósofo, escritor, cético e humanista francês, considerado como o inventor do ensaio pessoal. Teria sido grande estudioso da obra de Sêneca.

⁴ O próximo passo para um jovem ambicioso era o impeachment de algum grande ofensor do Estado. Assim, Júlio César, em seu vigésimo primeiro ano, destituiu Cornélio Dolabela e Asínio Polião, mais ou menos na mesma época, tornou-se famoso por sua acusação contra Catão.

⁵ Tendo o Estado se tornado, por assim dizer, uma personificação no imperador, a acusação das vítimas da tirania imperial parecia aos procuradores ser da mesma natureza dos famosos impeachments dos tempos republicanos e um orador como Memmius Regulus, enquanto servia como instrumento da crueldade de um Domiciano, se consideraria um Cícero acusando Verres.

⁶ Cícero, depois que as vitórias finais de Júlio César haviam silenciado sua voz no fórum, entreteve-se dando lições de declamação a Hirtius e Dolabela - dois dos mais distintos oficiais de César - em seu regresso da guerra. Estes grandes alunos de seus "grandes praetextos" que ele lhes chama, estavam na época se recompondo do cansaço de suas campanhas por uma vida de prazer em Roma. "Eles eram meus mestres na arte de jantar", disse Cícero, "como eu era o deles na arte de falar" (Cícero, Ep. ix. 16 ; Suetônio). Isto foi no ano 46 a.C. Se Marco Sêneca tivesse quinze ou dezesseis anos de idade na época, ele teria nascido

por volta do ano 61 a.C. (Sen. Controv. i. Pref.).

⁷ Ver Sêneca, [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#), XVII, “Bene in antiqua et severa institutam domo”)

⁸ Ver Sêneca, [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#), XVI, “Nimis majorum consuetudini deditus”

⁹ **consul suffectus**: Se um cônsul morresse durante seu mandato (o que não era incomum quando os cônsules estavam na frente de batalha) ou eram removidos de seu cargo, outro deveria ser eleito pela Assembleia das centúrias para servir pelo resto do mandato como cônsul suffecto. Um cônsul eleito para iniciar o ano - chamado de cônsul ordinário (**consul ordinarius**) - tinha prestígio maior que o cônsul suffecto, parcialmente porque o ano seria chamado para sempre pelo nome dos cônsules ordinários.

¹⁰ **Acaia** (em grego: Αχαΐα;). Está situada na costa norte do Peloponeso. Sua capital é a cidade de Patras. Acaia foi também a denominação de uma antiga província romana.

¹¹ **Paulo de Tarso**, também chamado de Apóstolo Paulo, Saulo de Tarso, São Paulo Apóstolo, Apóstolo dos gentios e São Paulo

¹² A identificação de Gálio dos Atos com Gálio, irmão de Sêneca, é assegurada praticamente por uma referência incidental a seu irmão em Achaia em uma das cartas do filósofo a Lucílio: “Illud mihi in ore erat domini met Gallionis, qui cum in Achaia febrem habere caepisset, protinus navem adscendit, clamitans non corporis esse, sed loci morbum” ([Cartas de um Estoico, Volume III](#) - Carta CIV). Achaia, que compreendia todo o Peloponeso e a maior parte das Ilhas Hellas propriamente ditas, tinha sido uma província imperial sob Tibério e Calígula, mas foi transferida para o Senado por Cláudio em 44 d.C. (Ver [Tácito, Anais](#), i. 76). A data do proconsulado de Gálio (52) foi determinada pela descoberta de uma inscrição em Delfos contendo quatro fragmentos de uma carta de Cláudio para a cidade. Plínio alude a uma viagem feita por Gálio em nome de sua saúde, que pode ser a mesma de que fala Sêneca: ‘Praeterea est alius usus multiplex, principalis vera navigandi phthisi aectis, ut diximus, aut sanguinem egerentibus : sicut proxime Anneum Gallionem fecisse post Consulatum meminimus’ (Plínio. N.H.xxxi. 6). Sêneca tinha sido chamado do exílio em 49, e seu irmão Gálio deve ter sido cônsul suffectus em 50 ou 51. Era costume dos imperadores daquela época nomear cônsules por curtos períodos, embora o ano fosse nomeado somente após os primeiros nomeados.” ([Cartas de um Estoico, Volume III](#) - Carta CIV)

¹³ Ver Sêneca, [Quaestiones Naturales](#), IV, Prefácio.

¹⁴ **Públio Cornélio Tácito** ou Caio Cornélio Tácito foi um senador e historiador romano nomeado cônsul. As porções sobreviventes de suas duas maiores obras - “Anais” e “Histórias” - tratam dos reinados dos imperadores Tibério, Cláudio,

Nero e os imperadores do ano dos quatro imperadores (69), um período de tempo que se estende da morte de Augusto, em 14, até a Primeira guerra romano-judaica em 70.

15 Curiatius Maternus aparece nos Diálogos de Tácito. Ele foi um autor de tragédias em latim.

16 Cneu Domício Afer foi um orador e advogado romano da gente Domícia nomeado cônsul sufecto em 39.

17 Nicolas Boileau-Despréaux (Paris, 1 de novembro de 1636 - Paris, 13 de março de 1711) foi um crítico e poeta francês.

18 'Voulant se redresser soi-meme on s'estropie, Et d'un original devient une copie.'

19 Tito Lívio (em latim: Titus Livius; c. 59 a.C. - 17 d.C.), conhecido simplesmente como Lívio, é o autor da obra histórica intitulada *Ab urbe condita* ("Desde a fundação da cidade"), onde tenta relatar a história de Roma desde o momento tradicional da sua fundação 753 a.C. até ao início do século I da Era Cristã.

20 Marco Aneu Lucano (em latim: Marcus Annaeus Lucanus; Corduba, Hispânia, 3 de novembro de 39 d.C. - Roma, 30 de abril de 65 d.C.), foi um famoso poeta romano. Sobrinho de Sêneca, filho de Mela. Mais sobre ele no decorrer do livro..

21 Décimo Júnio Juvenal (em latim Decimus Iunius Iuvenalis; 55d.C - +127 d.C), foi um poeta e retórico romano, autor das Sátiras.

22 Marco Fábio Quintiliano (em latim: Marcus Fabius Quintilianus; 35d.C - 95 d.C.) foi um orador e professor de retórica romano. Nascido em Calagurris (Calahorra, atual Espanha), em 35, Quintiliano estudou em Roma, onde primeiro exerceu a atividade de advogado. Tornou-se conhecido por ter sido professor de retórica e teve como alunos várias personalidades romanas, dentre as quais o orador romano Plínio, o Jovem. Além de dedicar-se às atividades de advogado e professor, Quintiliano registrou suas ideias sobre retórica e oratória em alguns escritos, dos quais o mais famoso é a *Institutos de Oratória* (Institutio Oratoria).

23 Aulo Gélio (em latim: Aulus Gellius; 123 d.C. - 165 d.C.) foi um jurista, escritor e gramático latino, provavelmente nascido em Roma, cuja única obra conhecida é *Noctes Atticae* ("Noites Áticas"). Foi aluno de Marco Cornélio Frontão, expoente do arcaísmo latino, que se preocupava sobretudo com a pureza da forma e da elocução.

24 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume III](#) - Carta CVIII - Sobre as abordagens da filosofia.

25 Ver Sêneca o velho, *Suasorie*, ii. (exercícios de oratória)

26 **Lúcio Élio Sejano** (Lucius Aelius Seianus) foi prefeito da guarda pretoriana e em dada altura o homem mais influente na Roma Antiga, durante o reinado do imperador Tibério. De origem humilde, Sejano subiu na hierarquia militar até se tornar líder dos pretorianos, a guarda de elite do imperador, conhecida como a Guarda Pretoriana, da qual foi Prefeito de 14 até a sua morte em 31. Rapidamente se tornou o braço armado das políticas de repressão impostas por Tibério, após seu auto-exílio em Capri. Sejano tentou entrar para a família imperial ao casar com a viúva do filho do imperador, mas foi impedido. Passou então a alimentar rancor para com Tibério. Em 31, Sejano foi nomeado cônsul e organizou uma conspiração contra o próprio imperador para tomar o seu lugar; Tibério, no entanto, descobriu o plano por intermédio de Antônia, a Jovem, e mandou executá-lo.

27 Ver [Cartas de um Estoico, Volume III](#) - Carta CVII, §15 e 16 e [Consolação a Márcia](#).

28 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume III](#) - Carta CVIII - Sobre as abordagens da filosofia, §15 e 16.

29 Ver [Cartas de um Estoico, Volume II](#) - Carta LXXXIII, §5.

30 Até aquele momento, o ensino da retórica estava confinado aos libertos. O ancião Sêneca, ao afirmar isto, expressa sua maravilha de que anteriormente fora considerado desonroso ensinar o que, por admissão universal, era honroso aprender.

31 Mesmo depois de ter abandonado formalmente a retórica pela filosofia, ele continuou a estudar a retórica como um meio, embora não mais como um fim - seu exemplo a este respeito foi defendido por Marco Sêneca como exemplo para seu filho Mela, a quem ele se esforçou para convencer da importância da retórica como um meio de comunicação, qualquer que fosse a forma de vida que ele achasse conveniente adotar.

32 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume III](#) - Carta C.

33 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta LIV, §1 e 2. “sou depositário, por assim dizer, de uma doença especial. Eu não sei porque eu deveria chamá-la pelo seu nome grego; pois é bem descrita como ‘susprium’. Seu ataque é de duração muito breve, como o de uma tempestade no mar; geralmente termina dentro de uma hora. Quem realmente poderia segura sua respiração por tanto tempo?”

34 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume II](#) - Carta LXXVIII, §2-5.

35 Era costume de Tibério manter funcionários e delegações civis e militares por longos períodos de anos e, às vezes por toda a vida, os quais ele considerava dignos de sua confiança.

36 Questor (quaestor, procurador) era o primeiro passo na hierarquia política da Roma Antiga. O cargo, que implicava funções administrativas, era geralmente ocupado por membros da classe senatorial com menos de 32 anos. O mandato como questor dava acesso direto ao colégio do senado romano.

37 Ver Sêneca, [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#)

38 Ver Sêneca o velho, Controvérsias, II. Prefácio.

39 Ver Sêneca, [Sobre os Benefícios](#), III, xxvi

40 A Lei de traição, ou lex majestas, refere-se a qualquer uma das várias leis romanas antigas (leges maiestatis) em todos os períodos republicanos e imperiais que tratam de crimes contra o povo romano, o Estado ou o Imperador.

41 Tibério Cácio Ascônio Sílio Itálico (em latim: Tiberius Catius Asconius Silius Italicus; c. 28-103), conhecido apenas como **Sílio Itálico**, foi um senador, orador e poeta romano eleito cônsul em 68. Acredita-se que ele tenha se tornado um delator voluntária e entusiasticamente na época de Nero, processando nos tribunais pessoas que o imperador desejava condenar.

42 Lúcio Sêneca escreveu uma biografia de seu pai com o título De Vita Patris. Dela, resta apenas o fragmento de uma frase.

43 Ver Seu filho Lucano nasceu no ano 39 em Córdoba e foi trazido para Roma em 40 quando tinha sete meses de idade. O autor da antiga vida de Lucano que nos diz isto, diz também que Mela era conhecido em Roma por meio de seu irmão Sêneca, “um homem famoso por cada virtude”, e por seu amor a uma vida sossegada (‘ propter studium vitae quietioris’).

44 Ver Sêneca, [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#), XVIII, §4-6

45 Ver Quintiliano [Institutos de Oratória](#). x. i.

46 “Arenam sine calce”.

47 Ver Suetônio, De Claris Rhetoribus. 53.

48 Ver Dião Cássio, [História de Roma](#), LIX. 19.

49 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume II](#) – Carta LXXVIII, §6: ‘ Multorum mortem distulit morbus ; et saluti illis fuit videri perire.’ “Muitas vezes a doença adia a morte, e a visão da morte tem sido a salvação de muitos homens.”

50 Ver Sêneca, [Sobre a Constância do Sábio](#), XVIII e Suetônio, [A vida dos Césares](#).

51 Júlio Cano, personagem conhecido apenas por essa menção de Sêneca e por um fragmento de Plutarco (frg. 211).

- 52 Ver Sêneca, [Sobre a Tranquilidade da Alma](#) XIV, §4-8.
- 53 Ver Sêneca, [Sobre a Ira](#), II, 33.
- 54 Ver Flávio Josefo, [Antiguidades Judaicas](#), xix. 4.
- 55 Ver Dião Cássio, [História de Roma](#), Ix. 8.
- 56 Ver Sêneca, [Consolação a Políbio](#), XVII: ‘ Deprecatus est pro me senatum, et vitam mihi non tantum dedit, sed etiam petiit.’
- 57 Ver Sêneca, [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#)
- 58 **Henry St John**, 1º Visconde Bolingbroke (16 de setembro de 1678 – 12 de dezembro de 1751) foi um político, funcionário do governo e filósofo político inglês. Ver [The Philosophical Works of Henry St-John, Lord Viscount Bolingbroke](#).
- 59 Ver Sêneca, [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#), V, §4-5.
- 60 Ver Sêneca, [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#), VI, §1-2.
- 61 Esta era a filha de Gálio, então conhecido como Novatus. A ele Sêneca dedicou seu tratado De Ira ([Sobre a Ira](#)) publicado em 41, no intervalo entre a morte de Calígula e seu banimento da Córsega.
- 62 Ver Sêneca, [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#), XX, §1-2.
- 63 Ver [Tácito, Anais XV](#), 61. Nee sibi promptum in adulationes ingenium. Idque nulli magis gnarum, quam Neroni, qui saepius libertatem Sênecae, quam servitium expertus esset.’
- 64 Ver [Tácito, Anais XV](#), 59.
- 65 Ver Dião Cássio, [História de Roma](#), Ixi. 10.
- 66 **Sursum corda**, locução latina que significa “corações ao alto”. Palavras que o padre pronuncia na missa, no rito latino, no princípio do prefácio; empregam-se para reanimar os espíritos, para levantar os ânimos, em qualquer circunstância grave.
- 67 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume III](#) – Carta XC.
- 68 Occisi jugulum quisquis scrutaris amici,
Tu miserum necdum me satis esse putas ?
Desere confossum. Victori vulnus iniquo
Mortiferum impressit mortua saepe manus.
- 69 Ver Sêneca, [Consolação a Políbio](#), XVII.

70 Gaius Silius (c. 13 - 48 d.C.) foi um senador romano nomeado como cônsul para 49 d.C., mas acabou sendo executado pelo imperador Cláudio por seu envolvimento com a imperatriz Valeria Messalina.

71 Bacanal (do latim Bacchanalia) eram, na Roma Antiga os rituais religiosos em homenagem a Baco (ou Dioniso), deus do vinho, por ocasião das vindimas, em que havia um cerimonial sério e contrito de início, seguido por uma comemoração pública e festiva.

72 Bacantes, também conhecidas como Ménades, eram ninfas seguidoras e adoradoras do culto de Dioniso (ou Baco, na mitologia romana). Eram conhecidas como selvagens e endoidecidas, de quem não se conseguia um raciocínio claro. Durante o culto, dançavam de uma maneira muito livre e lasciva, em total concordância com as forças mais primitivas da natureza. Os mistérios que envolviam o deus, provocavam nelas um estado de êxtase absoluto, entregando-se a desmedida violência, derramamento de sangue, sexo, embriaguez e autoflagelação.

73 Tirso era um bastão envolvido em hera e ramos de videira e encimado por uma pinha. Nas mitologia grega e romana era usado pelo deus Dioniso (ou Baco) e pelas seguidoras do deus, as bacantes. A hera e a videira eram as plantas emblemáticas deste deus. Tem sido sugerido que o tirso teria um caráter fálico, sendo a pinha um símbolo para o sêmen.

74 Ver [Tácito, Anais XI](#), 38.

75 Élia Pecina (em latim: Aelia Paetina) foi a segunda esposa de Cláudio, casada com ele antes dele se tornar imperador romano.

76 'Ex levibus offensis' Ver [Suetônio, Cláudio](#), 26.

77 Ver [Tácito, Anais](#), XII, 8.

78 Ver [Tácito, Anais](#), XII, 60. Ver também [Suetônio, Cláudio](#), 28.

79 Ver [Suetônio, Cláudio](#), 15.

80 Ver Sêneca, [A Apocoloquintose do divino Cláudio](#)

81 Os genealogistas contemporâneos observaram que a adoção de Nero foi a primeira instância de uma adoção nos gens Claudianos, embora a família patrícia dos Claudii fosse uma das mais antigas de Roma.

82 Sexto Afrânio Burro (Sextus Afranius Burrus, c. 5-62 d.C.), foi um militar romano, de origem gaulesa, escolhido juntamente com o filósofo Sêneca como preceptor do jovem Nero. Comandante da guarda pretoriana, teve papel decisivo na aclamação de Nero como imperador pelos soldados. Nomeado conselheiro, foi considerado boa influência nos primeiros anos do reinado de Nero.

- 83 Escólio nas [Sátiras de Juvenal](#). 5, 109.
- 84 Nome latino para Tróia.
- 85 Ver [Tácito, Anais](#), XII, 64 : ‘Fatale sibi, ut conjugum flagitia ferret, dein puniret.’
- 86 Para a quase totalidade dos autores que tratam do principado de Nero, o **quinquennium Neronis** corresponderia aos anos iniciais de seu governo. Basicamente o argumento se repete: entre 54 e 59 Nero teria feito um bom governo, sendo controlado por Sêneca e Burro. Após o assassinato de Agripina, teria fim esse período positivo. Para outros, o período de bom governo se alongaria até 62, quando Burro morre e Sêneca se afasta. Correntemente, o termo é usado assim para explicar que Nero fez um bom início de governo quando bem aconselhado e, depois, agindo por conta própria ou movido por maus conselheiros, buscou implantar uma tirania. (definição de [Fábio Faversoni](#))
- 87 A **apoteose** consiste em elevar alguém ao estatuto de divindade, ou seja, endear ou deificar uma pessoa devido a alguma circunstância excepcional. No mundo antigo esta circunstância era geralmente considerada para os heróis.
- 88 Foi observado que ele foi o primeiro dos imperadores cujos discursos foram escritos por outros.
- 89 Ver Dião Cássio, [História de Roma](#), lx. 35.
- 90 Ver Sêneca, [A Apocoloquintose do divino Cláudio](#)
- 91 Ver [Tácito, Anais](#), XIII, 4 : “ Peractis tristitiae imitamentis”
- 92 Isto se refere à divisão das províncias em províncias imperiais e senatoriais feita por Augusto – sendo esta última administrada pelo Senado, a primeira diretamente por ele mesmo através de procuradores. Sob Cláudio a distinção havia sido praticamente abolida, e todo o Império, com algumas exceções, como Achaia, era governado pelos procuradores do imperador que, como Felix na Judéia, eram frequentemente libertos.
- 93 Ver Dião Cássio, [História de Roma](#), lxi. 3.
- 94 Ver [Suetônio, Nero](#), x.
- 95 **Marco Júnio Silano** (em latim: Marcus Junius Silanus; 14-54) foi um senador romano da gente Júnia eleito cônsul em 46 com Décimo Valério Asiático. Era o filho mais velho de Marco Júnio Silano Torquato, cônsul em 19, e Emília Lépidia, uma bisneta de Augusto. Como membro da família imperial, Silano podia ser considerado um possível herdeiro do trono.
- 96 o pretor **Lúcio Júnio Silano Torquato**, forçado ao suicídio depois que um rumor espalhado por Agripina o implicou no crime de incesto com sua irmã

⁹⁷ Ver Sêneca, [Sobre os Benefícios](#), VII, §20.

⁹⁸ Ver [Aurelius Victor: De Caesaribus](#), C., 5: ‘ Merito Trajanus saepius testatur procul differre cunctos principes Neronis quinquennio ‘

⁹⁹ Ver Dião Cássio, [História de Roma](#), Ixi. 4.

¹⁰⁰ **Cneu Domício Córbulu** ou Corbulão (em latim: Gnaeus Domitius Córbulu; c. 7 - 67) foi um general romano da gente Domícia nomeado cônsul sufecto em 39. Nasceu na Itália numa família de dignidade senatorial.

¹⁰¹ Ver Sêneca, [Da Clemência](#), I, §1-6.

¹⁰² **Cláudia Acte** foi uma escrava liberta amante do imperador Nero. Originária da Ásia Menor pode ter sido escrava do Imperador Cláudio ou comprada por sua filha Otávia, que se casou com Nero em 53 d.C., depois que este se converteu em aliado de Cláudio. Conforme o costume da época, Acte adotou o nome da gens do senhor, a Gens Cláudia, tornando-se Cláudia Acte. Dela não se conhecem a data de nascimento e morte mas, entre 55 e 68, d.C., sua vida esteve ligada à de Nero. O historiador Dião Cássio faz uma breve apresentação dela na sua História romana. Cláudia Acte foi uma grande paixão de Nero, que desejou se casar com ela, apesar da imensa barreira social entre ambos e da oposição da mãe de Nero, Agripina.

¹⁰³ **Marco Sálvio Otão** (em latim Marcus Salvius Otho; Ferentino, 28 de abril de 32 d.C. - Bedríaco, 16 de abril de 69), foi imperador romano por cerca de três meses, de 15 de janeiro até o seu suicídio. Foi o segundo do ano dos quatro imperadores. Fora nomeado por Nero governador da Lusitânia em 58, permanecendo no cargo durante dez anos. Apoiou a ascensão de Galba ao trono, mas veio a promover o golpe de Estado que culminou no assassinio do idoso imperador. Teve de enfrentar a rebelião do exército de Vitélio, que derrotou as suas tropas na Primeira Batalha de Bedríaco. Perante a derrota, Otão cometeu suicídio.

¹⁰⁴ Ver Sêneca dedicou ao amigo Aneu Sereno três ensaios: “[Constância do Sábio](#)”, “[Sobre a tranquilidade da alma](#)” e “[Sobre o ócio](#)”.

¹⁰⁵ Ver [Tácito, Anais](#), xiii. 14.

¹⁰⁶ Ver [Tácito, Anais](#), xiii. i8: ‘Nee defuere, qui arguerent viros gravitatem asseverantes, quod domos, villas, id temporis, quasi praedam divisissent.’

¹⁰⁷ Ver [Tácito, Anais](#), xiii. 31 : ‘Quia, cum venditor pendere juberetur, in partem pretii emptoribus accrescebat’

¹⁰⁸ Na Roma Antiga, **duúnviro** (em latim: duumvir, “um dos dois homens”) eram magistrados que exerciam a sua função em conjunto com outro. Tais pares de magistrados foram apontados em vários períodos da história romana tanto

na capital como nas colônias e municípios.

109 O sufrágio era universal e as eleições por cédula.

110 Ver [Quintiliano](#), X. I : ‘ Turn autem solus hie fere in manibus adolescentium fuit.’

111 Ver Lucano, [Farsália](#), iv. 654-5.

112 Ver [Quintiliano](#), Inst. Orat. X. i. 90; ‘ Lucanus ardens et concitatus et sententiis clarissimus et, ut dicam quod sentio, magis oratoribus quam poetis imitandus’

113 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) – Carta XXIV, §18.

114 Ver Lucano, [Farsália](#), i. 128 : ‘ Victrix causa deis placuit, sed victa Catoni.’

115 A presença em tais ocasiões era uma obrigação social indispensável, o que se tornou para muitos um incômodo quase intolerável.

116 Ver Petrônio, [Satiricon](#), 118.

117 Ver [Quintiliano](#), x. i.

118 A **Lex Cincia** (Lei do tribuno Marcus Cincius Alimentus) foi um plebiscito (lei aprovada pelo Conselho Plebeu) aprovado em 204 a.C. e tinha como objetivo reformar o sistema jurídico da República Romana. Uma disposição desta lei proibia que os advogados fossem remunerados após o pleito. Na época do primeiro imperador romano, Augusto, esta lei foi confirmada por um decreto do Senado Romano (senatus consultum) e uma penalidade de quatro vezes a soma recebida foi imposta ao advogado.

119 Ele permaneceu por dez anos governador da Lusitânia, retornando em 68 para o tempestuoso reinado de três meses que terminou com sua derrota e morte. Ver [Tácito, Anais](#), xiii. 45 e ; Ver [Suetônio, Otão](#), 3.

120 Esta carta contém a engenhosa frase citada posteriormente por Quintiliano como um exemplo de sententia: ‘ Facit quasdam sententias sola geminatio : qualis est Sênecae in eo scripto quod Nero ad Senatum misit occisa matre, cum se periclitatum videri vellet: “ Salvum me esse adhuc nee credo nee gaudeo “ ‘ (Ver [Quintiliano](#), viii. 5)

121 Ver [Cartas de um Estoico, Volume II](#) – Carta LXXXI.

122 **Públio Clódio Trásea Peto** (em latim: Publius Clodius Thrasea Paetus; m. 66) foi um senador romano nomeado cônsul sufecto para o nundínio de novembro a dezembro de 56. Famoso por sua oposição ao imperador Nero e por seu interesse no estoicismo, Peto era casado com Ária, a Jovem, filha de Aulo Peto e Ária. Além disto, ele era sogro de Helvídio Prisco e amigo do poeta

Pérsio.

123 Ao fazer esta observação, o historiador pode ter tido em mente sua própria conduta sob a tirania de Domiciano, durante a qual continuou a comparecer ao Senado e, com amargura no coração, compartilhou de toda a sua degradação.

124 Ver [Suetônio](#), Nero, 20: ' Jactans occultae musicae nullum esse respectum.'

125 Tem sido considerado notável e uma prova de sua dureza de coração, que os romanos tenham ficado mais escandalizados com as apresentações em palco de Nero do que com suas crueldades ou depravações. Mas se considerarmos qual teria sido o efeito nos tempos modernos na mente dos seus súditos a apresentação de um imperador alemão ou russo no palco público da ópera em traje feminino, sentiremos menos surpresa.

126 Ver [Tácito, Anais](#), xiv. 15 : ' Centuriones tribunique et maerens Burro et laudans.'

127 Ver Lucano, [Farsália](#), vii. 270: ' Graiis delecta juvenus Gymnasiis aderit, studioque ignava palaestrae.' Ver [Tácito, Anais](#), xiv. 20: ' Degeneretque studiis externis juvenus, gymnasia et otia et turpes am ores exercendo, Principe et Senatu auctoribus.'

128 **Boadiceia** era casada com Prasutagos, o rei dos icenos, que havia feito um trato com os romanos tornando-se aliado do Império Romano. Com a sua morte, Boadiceia assumiu a liderança de seu povo. Contudo, os romanos ignoraram o testamento e o procurador Cato Deciano apropriou-se de toda a herança do rei falecido. Quando os icenos protestaram contra tal abuso, na pessoa da sua rainha viúva Boadiceia, Cato Deciano ordenou às suas tropas sufocar o protesto e estas excederam-se no emprego da força, açoitando a rainha e estuprando suas filhas. Ela ficou indignada com o tratamento dado pelos romanos e começou uma revolta, unindo os povos próximos da sua cidade para lutar pela libertação do jugo romano. Eles chegaram a tomar e massacrar algumas cidades que estavam sob controle do Império Romano.

129 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta XLVII : "Ele é um escravo." Sua alma, no entanto, pode ser a de um homem livre. - Ele é um escravo. Mas isso vai ficar no seu caminho? Mostre-me um homem que não é um escravo; um é escravo da luxúria, outro da ganância, outro da ambição e todos os homens são escravos do medo. Vou citar um antigo cônsul que agora é escravo de uma velha bruxa, um milionário que é escravo de uma serva; vou mostrar-lhe jovens de nascimento mais nobre em servidão a artistas de pantomima! Nenhuma servidão é mais vergonhosa do que aquela que é auto imposta.

130 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta XIV. : 'Nosso sábio faz o mesmo, foge de um homem forte que pode ser nocivo a ele, fazendo questão de não parecer evitá-lo, porque uma parte importante de sua segurança reside em

não buscar segurança abertamente; porque aquilo que se evita, se condena.’

131 Atual cidade de Mentana, cituada aproximadamente 25Km ao norte de Roma.

132 Ver Columela, [Os trabalhos do campo](#) (De re rustica), III, 3: ‘ Annaeo Sêneca . . . tanto praedii ejus amore capto, ut non puderet invisio alias et ostentaturo tradere palmam eam, emptis quadruplicato vineis illis intra decennium fere curae annum.’

133 No entanto, na opinião expressa pelos imperadores Tibério e Cláudio, seu caráter moral o incapacitava para ser encarregado da juventude.

134 Ver Columela, [Os trabalhos do campo](#) (De re rustica), III, 3: ‘ Nomentana regio celeberrima fama est illustris, et praecipue quam possidet Sêneca, vir excellentis ingenii atque doctrinae, cujus in praediis vinearum jugera singula cuUeos octonos reddidisse plerumque compertum est.’

135 Ver Sêneca [Cartas de um Estoico, Volume II](#) - Carta LXXXVI.

136 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume III](#) - Carta CIV.

137 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume II](#) - Carta LXXXVII.

138 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume III](#) - Carta CXXIII.

139 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta III.

140 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta IX.

141 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta XLVIII.

142 Ver Sêneca, [Sobre a Tranquilidade da Alma](#), I, 7.

143 Ver Sêneca, [Constância do Sábio](#)

144 Ver Sêneca, [Sobre a tranquilidade da alma](#)

145 Ver Plínio, o jovem, [Cartas](#), xxii

146 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta LXIII.

147 Ver Sêneca, [Sobre os Benefícios](#), vii. 8.

148 Ver Sêneca, [Sobre os Benefícios](#), vii. i.

149 Ver Sêneca, [Sobre a providência divina](#), 3.

150 **Taumaturgia** (do grego θαύμα, thaûma, “milagre” ou “maravilha” e έργον, érgon, “trabalho”) é a capacidade de um santo ou paranormal de realizar

milagres. Os seus praticantes são denominados **taumaturgos**. Entre os mais famosos taumaturgos cristãos estão São Gregório Taumaturgo, Santo Antônio de Lisboa, São Nicolau de Mira e São Cosme e São Damião.

151 Ver [Tácito, Anais](#). xvi. 35.

152 Filóstrato, [Vida de Apolonio de Tiana](#), iv. 42.

153 Ver Marcial, [Epigramas](#), vii. 45: ‘Facundi Senecae potens amicus, Caro proximus, aut prior, Sereno.’

154 Os cônsules que davam seu nome ao ano eram os indicados no dia primeiro de janeiro. Estes eram os cônsules ordinarii, mas sob o Império eles estavam acostumados a renunciar a seus cargos após alguns meses ou mesmo semanas e os cônsules suffecti eram nomeados para preencher seus postos.

155 Ver [Tácito, Anais](#), XV, 7; e também Marcial, [Epigramas](#), VII, 44, 45.

156 Veículo velho ou de má qualidade

157 Ver Sêneca, está longe de se considerar a si mesmo um sábio (sapiens); com modéstia ele se considera um homem que sabe qual a meta ideal a atingir, e para caminha neste rumo com empenho, sabendo que ainda falta muito a percorrer. Ele tem-se por proficiens.

158 É a região mais oriental de Itália. A sua parte mais a sul, a península de Salento, constitui o chamado “salto da bota italiana”.

159 Ver Sêneca [Cartas de um Estoico, Volume II](#) – Carta LXXXVII.

160 Provavelmente o local de nascimento de Lucílio.

161 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) – Carta XLIX.

162 A autoria foi contestada especialmente por Lipsius; mas a identificação parece quase estabelecida. É provável que Cornelius Severus, um poeta da era de Augusto, que Sêneca menciona junto com Virgílio e Ovídio como tendo tratado o assunto, e a quem o poema foi em consequência atribuído, pois Virgílio e Ovídio apenas introduziram uma descrição de Etna em um de seus poemas. Por outro lado, as coincidências com Sêneca são tão marcantes que aqueles que sustentam que o poema foi escrito por Severus foram levados à hipótese de que Sêneca emprestou dele algumas de suas ideias nas Naturales Quaestiones. Aqui temos, por um lado, um poema escrito sobre o tema do Etna por um filósofo da escola epicurista e do estilo e linguagem com as marcas da época de Nero e da escola de Sêneca; e por outro, um Lucílio Junior que não é apenas procurador da Sicília, um poeta e um filósofo epicurista da época de Nero, mas um a quem Sêneca sugere que escreva um poema sobre este mesmo tema. Este é um resumo de parte das evidências.

163 Ver Lucílio, [Etna](#), 72-89

164 Na mitologia grega, Lete é um dos rios do Hades. Aqueles que bebessem de sua água ou, até mesmo, tocassem na sua água experimentariam o completo esquecimento.

165 Ver Sêneca, [Consolação a Márcia](#), 19.

166 Ver Sêneca, [A Vida Feliz](#), 26.

167 Ver Sêneca [Cartas de um Estoico, Volume III](#) - Carta CIX. Nesta longa controvérsia entre retóricos e filósofos, entre “os artistas da forma pura do discurso e os pesquisadores da natureza íntima das coisas”, Sêneca, em oposição direta ao ponto de vista de seu pai, foi o protagonista dos filósofos. Ver [Ludwig Friedlander](#), iii. 3.

168 ‘Efficientia non effectum spectat timor.’

169 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta VIII: “Cogita in te, praeter animum, nihil esse mirabile : cui magno nihil magnum est”.

170 Ver Sêneca [Cartas de um Estoico, Volume II](#) - Carta XCII.

171 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#), Carta XIV: Sobre as razões para se retirar do mundo

172 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#), Carta XIV: Sobre as razões para se retirar do mundo

173 **Dâmocles** é protagonista de uma anedota moral que figurou originalmente na história da Sicília por Timeu de Tauromênio (c. 356 - 260 a.C.). Cícero fez uso dela em suas Tusculan Disputationes V.61 - 62. Dâmocles era um cortesão bastante bajulador na corte do tirano Dionísio, de Siracusa. Dionísio ofereceu-se para trocar de lugar com ele por um dia, para que ele também pudesse sentir o gosto de toda esta sorte, sendo servido em ouro e prata, atendido por garotas de extraordinária beleza e servido com as melhores comidas. No meio de todo o luxo, Dionísio ordenou que uma espada fosse pendurada sobre o pescoço de Dâmocles, presa apenas por um fio de rabo de cavalo. Ao ver a espada afiada suspensa diretamente sobre sua cabeça, Dâmocles perdeu o interesse pela excelente comida e pelas belas garotas e abdicou de seu posto, dizendo que não queria mais ser tão afortunado.

174 Ver Sêneca [Cartas de um Estoico, Volume II](#), Carta LXVIII: ‘ Hoc est unum, cur de vita non possumus queri; neminem tenet. . . . Placet ? vive. Non placet ? licet eo reverti unde venisti.’

175 ‘ Scalpello aperitur ad illam magnam libertatem via: et puncto securitas constat.’ Cp. Hamlet, ‘When he himself may his quietus make with a bare bodkin.’ “Quando ele mesmo pode fazer sua tranquilidade com uma adaga”

176 Ver Sêneca, [Sobre a Ira](#), II. 15.

177 Caríbdis, era uma criatura marinha protetora de limites territoriais no mar. Em outra tradição, seria um turbilhão criado por Poseidon. Homero posicionou-a como entidade mitológica. Na tradição mitológica grega, Caríbdis era habitualmente relacionada a Cila, outro monstro marinho. Os dois moravam nos lados opostos do estreito de Messina, que separa a península Itálica da Sicília, e personificavam os perigos da navegação perto de rochas e redemoinhos. Três vezes por dia, sorvia as águas do mar e três vezes por dia tornava a cuspi-las.

178 Taormina é uma cidade no topo da colina na costa leste da Sicília. Fica perto do Monte Etna, um vulcão ativo com trilhos até ao cume. A cidade é conhecida pelo Teatro Antico di Taormina, um antigo teatro greco-romano que ainda está em funcionamento. Perto do teatro, os penhascos debruçam-se sobre o mar e formam grutas com praias arenosas.

179 O Etna é um vulcão ativo situado na parte oriental da Sicília, entre as províncias de Messina e Catânia. É o mais alto vulcão da Europa e um dos mais altos do mundo, atingindo aproximadamente 3350 metros de altitude, variando devido às frequentes erupções.

180 Lícia era o nome de uma região da antiga Ásia Menor (Anatólia) onde hoje estão localizadas as províncias de Antália e Muğla, na costa sul da moderna Turquia,

181 Ver Sêneca [Cartas de um Estoico, Volume II](#) - Carta LXXIX - Sobre as Recompensas da Pesquisa Científica

182 Ver Juvenal [Sátiras](#), ix.

183 Ver Sêneca, [A Vida Feliz](#), XXII, 5.

184 Ver Sêneca, [A Vida Feliz](#), XVII a XX.

185 Ver Sêneca, [Sobre os Benefícios](#), II. 18.

186 Ver Sêneca, [Sobre os Benefícios](#), V. 6.

187 Ver Sêneca, [Sobre os Benefícios](#), VII, 20.

188 Ver Sêneca, [A Vida Feliz](#), XXIV.

189 **Charity Organisation Society**, Sociedade de Organização de Caridade, foi fundada em 1869. Seu objetivo original era combinar os esforços de várias instituições de caridade sobrepostas em Londres, o que foi considerado como levando à discriminação, à pobreza e ao desperdício. A sociedade tinha como objetivo investigar adequadamente as circunstâncias por trás de quaisquer requerentes de caridade e assegurar que o alívio fosse suficiente para mantê-los acima da linha de pobreza. Tornou-se Family Action (Ação Familiar) em 2008.

190 Ver Juvenal [Sátiras](#), V, 108.

191 Ver Marcial, [Epigramas](#), IV, 40 e XII, 36.

192 Ver Marcial, [Epigramas](#), VII, 21, 22 e 23.

193 O **senatus consultum** (latim para “decreto do senado”) era o texto produzido pelo senado romano, que evoluiu de um parecer coletivo do senado sobre a aplicação das leis durante a república a decretos legais propriamente ditos durante o império.

194 Parece improvável que Sêneca tenha sido nomeado cônsul pelo imperador no ano da morte de Burro e de sua própria desgraça parcial. Por outro lado, sabemos que Nero se recusou a aceitar sua demissão, e pode, na ocasião, tê-lo designado cônsul como uma sinal de confiança ininterrupta. Além disso Trebélío, que era governador da Grã-Bretanha na época da morte de Nero, provavelmente teria recebido este cargo pouco tempo após a nomeação como cônsul.

195 Ver [Tácito, Anais](#).

196 **Libação** é o ato de derramar água, vinho, sangue ou outros líquidos com finalidade religiosa ou ritual, em honra a um deus ou divindade. Podemos observar essa prática da libação na antiga Roma ou na antiga Grécia, quando os descendentes ofereciam aos seus deuses, que eram os familiares mortos, a libação do vinho, do leite e do mel para que estes pudessem sorver o alimento de que precisavam, ainda que debaixo da terra. É uma prática comum em muitas religiões da antiguidade, incluindo o judaísmo e continua sendo praticada em várias culturas atuais. No Brasil existe o costume de derramar o primeiro gole de bebida para uma entidade, o famoso “gole do santo”.

197 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta XXXI: ‘ Animus : sed hie rectus, bonus, magnus. Quid aliud voces hunc, quam Deum in humano corpora hospitantem ? Hie animus tarn in equitem Romanum, quam in libertinum, quam in servum potest cadere. Quid est eques Romanus, aut libertinus, aut servus ? Nomina ex ambitione, aut ex injuria nata’.

198 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta LIII: ‘Ecce res magna, habere imbecillitatem hominis, securitatem Dei.’

199 Ver Sêneca [Cartas de um Estoico, Volume II](#) - Carta XCV: ‘ Omne hoc quod vides, quo divina et humana conclusa sunt, unum est: membra sumus corporis magni.’

200 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta XXIII.

201 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta LXV: ‘ Nunquam me caro ista compellet ad metum ; nunquam ad indignam bono sinaulationem ;

nunquam in honorem hujus corpusculi mentiar.’

202 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta VI, ‘ Qui sibi amicus est, scito hunc amicum omnibus esse “. Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta XLVIII’ Alteri vivas oportet, si tibi vis vivere ‘

203 ‘Sacer intra nos spiritus sedet, malorum bonorumque nostrorum observator et custos.’

204 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta XLI.

205 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta LXIV.

206 **Benjamin Jonson**, conhecido como **Ben Jonson** (Westminster, 11 de junho de 1572 - Londres, 6 de agosto de 1637), foi um dramaturgo, poeta e ator inglês da Renascença, contemporâneo de Shakespeare. É relativamente bem conhecido entre os falantes nativos da língua inglesa.

207 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta XXIV: ‘ Illud ante omnia memento, demere rebus tumultum, ac videre quid in quaque re sit : scies nihil esse in istis terribile nisi ipsum timorem.—Non hominibus tantum, sed et rebus persona demenda est, et reddenda fades sua.’

208 **George Long** (4 de novembro de 1800 - 10 de agosto de 1879) foi um erudito clássico inglês tradutor de uma versão de sucesso das Meditações de Marco Aurélio e das Diatribes de Epicteto. Escreveu também sobre o Declínio da República Romana.

209 Ver Sêneca [Cartas de um Estoico, Volume II](#) - Carta LXXXVIII.

210 Ver Sêneca [Cartas de um Estoico, Volume II](#) - Carta XC.

211 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta XXIV.

212 Ver Sêneca, [Sobre os Benefícios](#), VII 17

213 Ver [Quintiliano](#), XII, 2 - “Quantum enim Graeci praeceptis valent, tantum Romani (quod est majus) exemplis”

214 Ver Sêneca [Cartas de um Estoico, Volume II](#) - Carta LXXXV - Sobre Silogismos Vazios

215 ‘ Non sum uni angulo natus; patria mea totus hie est mundus.’

216 ‘ Digna enim fuit illa natura, quae meliora vellet, quae quod voluit effecit.’ Isso recorda a resposta de Jonson aos colegas de Shakespeare, que se gabavam de que ele nunca havia apagado uma linha: “Gostaria que ele tivesse apagado mil”.

217 Charles Augustin Sainte-Beuve (falecido em 1869) foi um crítico literário e uma das grandes figuras da história da literatura francesa. A metodologia crítica de Saint-Beuve fundamentava-se sobre o fato de que a obra de um escritor seria primeiramente todo um reflexo de sua vida e se poderia explicar por ela; este método se estabelece sobre a busca do intento poético do autor (intencionalismo) e sobre suas qualidades pessoais (biografismo).

218 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) – Carta XXXIII: ‘Non sumus sub rege, sibi quisque se vindicet.’

219 Ver Sêneca [Cartas de um Estoico, Volume II](#) – Carta XCV : ‘Homo res sacra ho mini.’

220 Ver [Plínio, o jovem](#) , II, 7: ‘ Deus est mortali juvare mortalem ‘

221 Ver [Quintiliano](#), IX, 2.8 – ‘Interrogamus, aut invidiae gratia : ut Medea apud Sênecam —”quas peti terras jubes?”’

222 Terenciano Mauro (em latim, Terentianus Maurus) foi um poeta e gramático latino dos séculos II e III d.

223 Marco Valerio Probo era um gramático e crítico romano, originalmente de Berito (atual Beirute), que viveu na época do Imperador Nero.

224 Ver Sêneca, [Otávia](#): ‘ Veniet dies tempusque, quo reddat suis Animam nocentem sceleribus, jugulum hostibus, Desertus, et destructus, et cunctis egens.’

225 Lúcio Ácio (Lucius Accius, 170 a.C. – – 86 a.C.) foi um antigo poeta romano. Foi autor dramático latino, de que se conservam, com alguns fragmentos, 45 títulos.

226 Marco Pacúvio (Marcus Pacuuius; 220 a.C. —130 a.C.) foi um autor trágico romano, considerado o maior da república. Era sobrinho e pupilo de Quinto Ênio, com o qual a tragédia romana atingira uma posição digna e influente. Entre a morte de Ênio e o advento de Lúcio Ácio, foi o único poeta que manteve a continuidade do drama em Roma.

227 Públio Pompônio Segundo (Publius Pomponius Secundus) foi um proeminente senador e poeta romano nomeado cônsul suffecto logo no início de 44.

228 Caio Sólilo Sidônio Apolinário (Gaius Sollius Sidonius Apollinaris c. 430 – c. 486), poeta, alto funcionário do Império Romano, bispo e santo da Igreja Católica, considerado o autor individual sobrevivente mais importante da Gália do quinto século. A amplitude de seus conhecimentos o tornaram centro da vida pública de sua época.

229 Ver [Sidônio Apolinário, Carmen](#) IX ‘ Non quod Corduba praepotens alumnis

Facundum ciet, hie putes legendum : Quorum unus colit hispidum Platona, Incassumque suum monet Neronem : Orchestrā quatit alter Euripidis, Pietum faeeibus AeSvhylum secutus Aut plaustris solitum sonare Thespin : Qui post pulpita trita sub cothurno Ducebant olidae matrem capellae.' e também Carmen, xxiii,: ' Quid celsos Seneas loquar.'

230 Perguntamo-nos se ele não terá tido Sêneca, o dramaturgo, entre outros, em sua mente quando assim escreve.

231 Ver Sêneca, [Cartas de um Estoico, Volume I](#) - Carta XXI

232 Ver Sêneca, [Thyestes](#), 600.

233 Ver Sêneca, [Thyestes](#), 446.

234 Ver [Tácito, Anais](#), xv. 45.

Bônus

Espero que tenha gostado deste livro. Conheça também as cartas de Sêneca a Lucílio.

Nas páginas seguinte estão as primeira carta do Volume I e Volume II, aproveite.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

OBRAS FILOSÓFICAS DE SÊNECA:

- [Cartas de um Estoico, Vol I](#) (*Epistulae morales ad Lucilium*)
- [Cartas de um Estoico, Vol II](#)
- [Cartas de um Estoico, Vol III](#)
- [Sobre a Ira](#) (*De Ira*)
- [Consolação a Márcia](#) (*Ad Marciam, De consolatione*)
- [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#) (*Ad Helviam matrem, De consolatione*)
- [Consolação a Políbio](#) (*De Consolatione ad Polybium*)
- [Sobre a Brevidade da vida](#) (*De Brevitate Vitae*)
- [Da Clemência](#) (*De Clementia*)
- [Sobre Constância do sábio](#) (*De Constantia Sapientis*)
- [A Vida Feliz](#) (*De Vita Beata*)
- [Sobre os Benefícios](#) (*De Beneficiis*)
- [Sobre a Providencia da alma](#) (*De Tranquillitate Animi*)
- [Sobre o Ócio](#) (*De Otio*)
- [Sobre a Providência Divina](#) (*De Providentia*)

OBRAS FILOSÓFICAS

- [Meditações de Marco Aurélio](#)
- [A Arte de ter Razão](#) por *Arthur Schopenhauer*
- [Estoicismo, Guia Definitivo](#) por *St. George Stock*
- [Ciropeédia](#) por *Xenofonte*
- [Utopia](#) por *Thomas More*
- [Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres](#) por *Diógenes*

Laércio

- [Andar a Pé](#) por *Henry David Thoreau*
- [Carta a Meneceu sobre a felicidade](#) por *Epicuro*
- [Epicuro, Cartas e Princípios](#) por *Epicuro*
- [O Dever do Advogado](#) por *Ruy Barbosa*
- [Os Sermões](#) por *Padre António Vieira*



Montecristo
Editora

I. Sobre aproveitar o tempo

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Continue a agir assim, meu querido Lucílio – liberte-se por conta própria; poupe e salve o seu tempo, que até recentemente tem sido retirado a força de você, ou furtado, ou simplesmente escapado de suas mãos. Faça-se acreditar na verdade de minhas palavras, – que certos momentos são arrancados de nós, que alguns são removidos suavemente, e que outros fogem além de nosso alcance. O tipo mais desgraçado de perda, no entanto, é aquela, devida ao descuido. Ademais, se você prestar atenção ao problema, você verá que a maior parte de nossa vida passa enquanto estamos fazendo coisas desagradáveis, uma boa parte enquanto não estamos fazendo nada, e tudo isso enquanto estamos fazendo o que não se deveria fazer.

2. Qual homem você pode me mostrar que coloque algum valor em seu tempo, que dá o devido valor a cada dia, que entende que está morrendo diariamente? Pois estamos equivocados quando pensamos que a morte é coisa do futuro; a maior parte da morte já passou. Quaisquer anos atrás de nós já estão nas mãos da morte. Portanto, Lucílio, faça como você me escreve que você está fazendo: mantenha cada hora ao seu alcance. Agarre a tarefa de hoje, e você não precisará depender tanto do amanhã. Enquanto estamos postergando, a vida corre.

3. Nada, Lucílio, é nosso, exceto o tempo. A natureza nos deu o privilégio desta única coisa, tão fugaz e escorregadia que qualquer um pode esbulhar tal posse. Que tolos esses mortais são! Eles permitem que

as coisas mais baratas e inúteis, que podem ser facilmente substituídas, sejam contabilizadas depois de terem sido adquiridas; mas nunca se consideram em dívida quando recebem parte dessa preciosa mercadoria, o tempo! E, no entanto, o tempo é o único empréstimo que nem o mais agradecido destinatário pode pagar.

4. Você pode desejar saber como eu, que prego a você, estou praticando. Confesso francamente: meu saldo em conta corrente é como o esperado de alguém generoso mas cuidadoso. Não posso vangloriar-me de não desperdiçar nada, mas pelo menos posso lhe dizer o que estou desperdiçando, a causa e a maneira de desperdício; posso lhe dar as razões pelas quais sou um homem pobre. Minha situação, no entanto, é a mesma de muitos que são reduzidos à miséria sem culpa própria: todos os perdoam, mas ninguém vem em seu socorro.

5. Qual é o estado das coisas, então? É isto: eu não considero um homem como pobre, se o pouco que lhe resta o é suficiente. Contudo, aconselho-o a preservar o que é realmente seu; e nunca é cedo demais para começar. Pois, como acreditavam os nossos antepassados, é demasiado tarde para gastarmos quando chegarmos à raspa do tacho. Daquilo que permanece no fundo, a quantidade é pouca, e a qualidade é vil.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Acabei de ver meu ex-colega de escola, Clarano, pela primeira vez em muitos anos. Você não precisa esperar que acrescente que ele é um homem velho; Mas asseguro-lhe que o encontrei são em espírito e robusto, embora ele esteja lutando com um corpo frágil e fraco. Pois a Natureza agiu de forma injusta quando lhe deu um pobre domicílio para uma alma tão rara; ou talvez fosse porque ela queria nos provar que uma mente absolutamente forte e feliz pode estar escondida sob qualquer exterior. Seja como for, Clarano supera todos esses obstáculos, e por desprezar seu próprio corpo chegou a um estágio onde ele pode desprezar outras coisas também.

2. O poeta que cantou:

*Valor mostra mais agradável em uma forma que é justa
gratior et pulchro veniens e corpore virtus.* ¹

Está, na minha opinião, enganado. Pois a virtude não precisa de nada para compensá-la; é sua própria glória, e santifica o corpo em que habita. De qualquer modo, comecei a considerar Clarano sob uma luz diferente; ele parece-me simpático, e bem construído tanto em corpo como na mente.

3. Um grande homem pode nascer em um casebre; assim pode uma linda e grande alma em um corpo feio e insignificante. Por esta razão a natureza parece criar alguns homens deste selo com a ideia de provar que a virtude

nasce em qualquer lugar. Se tivesse sido possível produzir almas sozinhas e nuas, ela o teria feito; como é fato, a natureza faz uma coisa ainda maior, pois ela produz certos homens que, embora impedidos em seus corpos, ainda assim rompem a obstrução.

4. Creio que Clarano foi produzido como um padrão, para que possamos entender que a alma não é desfigurada pela feiura do corpo, mas pelo contrário, que o corpo é embelezado pela beleza da alma. Agora, apesar de Clarano e eu termos passados muitos poucos dias juntos, temos, no entanto, muitas conversas, que vou em seguida verter e transmitir para você.

5. O primeiro dia em que investigamos esse problema: como os bens podem ser iguais se forem de três tipos²? Pois alguns deles, de acordo com os nossos princípios filosóficos, são primários, como a alegria, a paz e o bem-estar de um país. Outros são de segunda ordem, moldados de um material infeliz, como a resistência ao sofrimento e o autocontrole durante uma doença grave. Rezaremos abertamente pelos bens da primeira classe; para a segunda classe, oraremos somente se a necessidade surgir. Há ainda uma terceira variedade, como, por exemplo, um andar modesto, um semblante calmo e honesto, e um comportamento que se adapte ao homem de sabedoria.

6. Agora, como podem estas coisas ser iguais quando as comparamos, se você conceder que devemos orar por um e evitar o outro? Se fizermos distinções entre eles, devemos retornar ao Primeiro Bem, e considerar qual é a sua natureza: a alma que olha para a verdade, que é hábil no que deve ser buscado e no que deve ser evitado, estabelecendo padrões de valor não de acordo com a opinião, mas de acordo com a natureza, - a alma que penetra o mundo inteiro e dirige seu olhar contemplativo sobre todos os seus fenômenos, prestando atenção estrita aos pensamentos e ações, igualmente grande e vigorosa,

superior às dificuldades e as lisonjas, cedendo a nem dos extremos da fortuna, acima de todas as bênçãos e aflições, absolutamente linda, perfeitamente equipada com graça, bem como com força, saudável e vigorosa, imperturbável, nunca consternada, que nenhuma violência possa destruir, uma que os acaso não podem exaltar nem deprimir - uma alma como esta é a própria virtude.

7. Lá você tem a sua aparência externa, se nunca deve vir sob um único aspecto e mostrar-se uma vez em toda a sua integridade. Mas há muitos aspectos disso. Desdobram-se de acordo com a vida e ações; mas a própria virtude não se torna menor ou maior. Pois o Bem Supremo não pode diminuir, nem a virtude retroceder; em vez disso, é transformada, agora em uma qualidade e agora em outra, moldando-se de acordo com a função que está a desempenhar.

8. Tudo o que toca leva à semelhança consigo mesmo, e tinge com sua própria cor. Adorna nossas ações, nossas amizades e, às vezes, casas inteiras que entrou e pôs em ordem. O que seja o que for que tenha tocado imediatamente torna-o amável, notável, admirável. Portanto, o poder e a grandeza da virtude não podem elevar-se a alturas maiores, porque o incremento é negado àquilo que é superlativamente grande. Você não encontrará nada mais reto do que o reto, nada mais verdadeiro do que a verdade, e nada mais temperado do que o que é temperado.

9. Toda virtude é ilimitada; pois limites dependem de medições definidas. A constância não pode avançar mais do que a fidelidade, a veracidade ou a lealdade. O que pode ser acrescentado ao que é perfeito? Nem se pode acrescentar nada à virtude, pois, se alguma coisa puder ser acrescentada a ela, seria necessária alguma imperfeição. Honra, também, não permite adição; pois é honrado por causa das mesmas qualidades que mencionei. E então?

Você acha que a correção, a justiça, a legalidade, também não pertencem ao mesmo tipo, e que elas são mantidas dentro de limites fixos? A capacidade de melhorar é a prova de que uma coisa ainda é imperfeita.

10. O bem, em todos os casos, está sujeito a essas mesmas leis. A vantagem da situação e do indivíduo estão juntas; na verdade, é tão impossível separá-los quanto separar o louvável do desejável. Portanto, as virtudes são mutuamente iguais; e assim são as obras da virtude, e todos os homens que são tão afortunados de possuir essas virtudes.

11. Mas, como as virtudes das plantas e dos animais são perecíveis, são também frágeis, passageiras e incertas. Elas brotam, e elas afundam novamente, e por isso não são avaliadas ao mesmo valor; mas às virtudes humanas apenas uma regra se aplica. Pois a razão correta é única e de um só tipo. Nada é mais divino do que o divino, ou mais celestial do que o celestial.

12. As coisas mortais decaem, caem, são desgastadas, crescem, são esgotadas, e reabastecidas. Assim, no caso delas, em vista da incerteza de sua fortuna, há desigualdade; mas das coisas divinas a natureza é única. A razão, entretanto, não é nada mais do que uma porção do espírito divino colocado em um corpo humano. Se a razão é divina, e o bem nunca carece de razão, então o bem é sempre divino. E além disso, não há distinção entre as coisas divinas; conseqüentemente também não existe nenhum entre bens. Daí resulta que a alegria e uma corajosa e obstinada resistência à tortura são bens equivalentes; pois em ambos há a mesma grandeza de alma descontraída e alegre em um caso, no outro um combativo e pronto para a ação.

13. O quê? Você não acha que a virtude daquele que bravamente ataca a fortaleza do inimigo é igual à daquele que sofre um cerco com a maior paciência? Grande é Cipião

quando ele cerca Numância, e constrange e compele as mãos de um inimigo, que ele não poderia conquistar, para lançar mão à sua própria destruição³. Grande também são as almas dos defensores – homens que sabem que, enquanto o caminho para a morte está aberto, o cerco não é completo, os homens que respiram até o fim nos braços da liberdade. Do mesmo modo, as outras virtudes também são iguais entre si: tranquilidade, simplicidade, generosidade, constância, equanimidade, resistência. Porque subjacente a todas elas há uma única virtude – o que torna a alma reta e inabalável.

14. "O que então", você diz; "Não há diferença entre a alegria e a obstinada resistência à dor?" De forma alguma, não em relação às próprias virtudes; muito grande, no entanto, nas circunstâncias em que uma dessas duas virtudes é exibida. Em um caso, há um relaxamento natural e afrouxamento da alma; no outro há uma dor não natural. Daí que estas circunstâncias, entre as quais uma grande distinção pode ser estabelecida, pertencem à categoria de coisas indiferentes, mas a virtude mostrada em cada caso é igual.

15. A virtude não é alterada pela questão com a qual trata; se a matéria é dura e teimosa, não piora a virtude; se agradável e alegre, não a torna melhor. Portanto, a virtude permanece necessariamente igual. Pois, em cada caso, o que se faz é feito com igual retidão, com igual sabedoria e com igual honra. Assim, os estados de bondade envolvidos são iguais, e é impossível para um homem ultrapassar esses estados de bondade, por conduzir-se melhor, seja o um homem em sua alegria, ou o outro em meio a seu sofrimento. E dois bens, que nenhum dos quais possa ser melhor que o outro, são iguais.

16. Pois se as coisas que são extrínsecas à virtude podem diminuir ou aumentar a virtude, então o que é honroso deixa de ser o único bem. Se você aceitar isso, a honra

perece completamente. E porque? Deixe-me dizer-lhe: é porque nenhum ato é honrado quando é feito por um agente involuntário, quando é obrigatório. Cada ato honorável é voluntário. Misture-o com relutância, queixas, covardia ou medo, e perde sua melhor característica – auto aprovação. O que não é livre não pode ser honrado; pois medo significa escravidão.

17. O honorável está totalmente livre da ansiedade e é calmo; se alguma vez objeta, lamenta ou considera qualquer coisa como um mal, torna-se sujeito a perturbação e começa a chafurdar em meio a grande confusão. Pois, de um lado, a aparência de correção o atrai, por outro, a suspeita do mal o arrasta para trás, portanto, quando um homem está prestes a fazer algo honorável, ele não deve considerar quaisquer obstáculos como infortúnios, embora os considere como inconvenientes, mas ele deve querer fazer a ação, e fazê-la de boa vontade. Pois todo ato honorável é feito sem ordens ou coação; é puro e não contém mistura de mal.

18. Eu sei o que você pode me responder neste momento: "Você está tentando fazer-me acreditar que não importa se um homem sente a alegria, ou se encontra-se sob tortura e esgota seu torturador?" Poderia dizer em resposta: "Epicuro também sustenta que o sábio, embora esteja sendo queimado no touro de Fálaris⁴, clamará:" É agradável, e não me preocupa em absoluto. "Por que você precisa se admirar, se eu afirmo que aquele que repousa num banquete e a vítima que resiste firmemente à tortura possuem bens iguais, quando Epicuro mantém uma coisa que é mais difícil de acreditar, ou seja, que é agradável ser assado desta maneira?"

19. Mas a resposta que eu dou, é que há grande diferença entre alegria e dor; se me pedem para escolher, vou procurar a primeira e evitar a última. A primeira está de acordo com a natureza, a segunda é contrária a ela.

Enquanto são classificados por este padrão, há um grande abismo entre elas; mas quando se trata de uma questão da virtude envolvida, a virtude em cada caso é a mesma, quer venha através da alegria ou através da tristeza.

20. A vexação, a dor e outros inconvenientes não têm consequências, pois são vencidos pela virtude. Assim como o brilho do sol escurece todas as luzes menores, assim a virtude, por sua própria grandeza, quebra e abrandando todas as dores, aborrecimentos e erros; e onde quer que seu brilho chegue, todas as luzes que brilham sem a ajuda da virtude são extintas; e os inconvenientes, quando entram em contato com a virtude, não desempenham um papel mais importante do que uma nuvem de tempestade no mar.

21. Isto pode ser provado para você pelo fato que o bom homem apressar-se-á sem hesitação a qualquer ação nobre; mesmo que seja confrontado com o carrasco, o torturador e o pelourinho, ele persistirá, não quanto ao que ele deve sofrer, mas quanto ao que deve fazer; e desempenhará tão prontamente a uma ação honrosa quanto a um homem bom; ele o considerará vantajoso para si mesmo, seguro e propício. E ele manterá o mesmo ponto de vista sobre uma ação honrosa, ainda que seja carregada de tristeza e dificuldades, como sobre um homem bom que é pobre ou desperdiçado no exílio.

22. Agora, compare um bom homem extremamente rico com um homem que não tem nada, exceto que em si mesmo tem todas as coisas; eles serão igualmente bons, embora experimentem fortuna desigual. Este mesmo padrão, como tenho observado, deve ser aplicado tanto às coisas quanto aos homens; a virtude é tão louvável se ela habita num corpo sadio e livre, como em alguém que está doente ou em escravidão.

23. Portanto, quanto à sua própria virtude, não a louvará mais, se a fortuna a favorecer, concedendo-lhe um corpo sadio, do que se a fortuna lhe der um corpo que é mutilado

em algum membro, pois isso significaria classificar inferiormente um mestre porque ele está vestido como um escravo. Pois todas aquelas coisas sobre as quais a fortuna tem influência, bens materiais, dinheiro, posses, posição; elas são fracas, inconstantes, propensas a perecer, e de posse incerta. Por outro lado, as obras da virtude são livres e insubmissas, nem mais dignas de ser procuradas quando a fortuna as trata com bondade, nem menos digna quando alguma adversidade pesa sobre elas.

24. A amizade no caso dos homens corresponde à desejabilidade no caso das coisas. Você não gostaria, eu imagino, de amar um bom homem, se ele fosse rico, mais do que se fosse pobre, e não amaria uma pessoa forte e musculosa mais do que uma pessoa delgada e de constituição delicada. Assim, nem procurará nem amará uma coisa boa que seja divertida e tranquila mais do que uma que é cheia de perplexidade e labuta.

25. Ou, se você fizer isso, você vai, no caso de dois homens igualmente bons, gostar mais de quem é limpo e bem-asseado do que daquele que é sujo e despenteado. Você chegaria ao ponto de se importar mais com um homem bom que é são em todos os seus membros e sem defeito, do que com alguém que é fraco ou cego; e gradualmente sua exigência alcançaria tal ponto que, de dois homens igualmente justos e prudentes, você escolheria aquele que tem cabelos longos e ondulados! Sempre que a virtude em cada um é igual, a desigualdade em seus outros atributos não é aparente. Pois todas as outras coisas não são partes, mas apenas acessórios.

26. Qualquer homem julgaria seus filhos de modo tão injusto a fim de se preferir mais um filho saudável do que um doente, ou a um filho alto, de estatura incomum, mais do que a outro de pouca ou de baixa estatura? Os animais selvagens não mostram nenhum favoritismo entre sua prole; eles se deitam para amamentar todos igualmente;

aves fazem a distribuição justa de seus alimentos. Ulisses apressa-se de volta às rochas de sua Ítaca tão ansiosamente quanto Agamenon acelera até as majestosas muralhas de Micenas. Porque nenhum homem ama a sua terra natal porque é grande; ele a ama porque é sua.

27. E qual é o propósito de tudo isso? Que você saiba que a virtude considera todas as suas obras sob a mesma luz, como se fossem seus filhos, mostrando a mesma bondade a todos e ainda mais profunda bondade para aqueles que encontram dificuldades; pois mesmo os pais inclinam-se com mais afeição para filhos de quem sentem piedade. A virtude, também, não necessariamente ama mais profundamente aquelas de suas obras que vê em problemas e sob pesados fardos, mas, como bons pais, ela lhes dá mais de seus cuidados de acolhimento.

28. Por que nenhum bem é maior do que qualquer outro bem? É porque nada pode ser mais apropriado do que aquele que é apropriado, e nada mais nivelado do que aquilo que está nivelado. Você não pode dizer que uma coisa é mais igual a um objeto determinado do que outra coisa; daí também nada é mais honrado do que aquilo que é honroso.

29. Assim, se todas as virtudes são iguais por natureza, as três variedades de bens são iguais. Isto é o que quero dizer: há uma igualdade entre sentir alegria com autocontrole e sofrer dor com autocontrole. A alegria em um caso não ultrapassa no outro a firmeza da alma que afoga o gemido quando está nas garras do torturador; são desejáveis os bens do primeiro tipo, enquanto os do segundo são dignos de admiração; e, em cada caso, não são menos iguais, porque qualquer inconveniente atribuído a este último é compensado pelas qualidades do bem, que é muito maior.

30. Qualquer homem que os julgue desiguais está se afastando das próprias virtudes e está examinando meras

exterioridades; os bens verdadeiros têm o mesmo peso e a mesma largura. O tipo espúrio contém muito vazio; portanto, quando são pesados, percebemos sua deficiência, embora pareçam imponentes e grandiosos ao olhar.

31. Sim, meu caro Lucílio, o bem que a verdadeira razão aprova é sólido e eterno; fortalece o espírito e exalta-o, para que ele esteja sempre nas alturas; Mas as coisas que são irrefletidamente elogiadas, e são bens na opinião da multidão meramente nos encham de alegria vazia. e, novamente, aquelas coisas que são temidas como se fossem males apenas inspiram ansiedade na mente dos homens, pois a mente é perturbada pela aparência do perigo, assim como os animais também o são perturbados.

32. Portanto, é sem razão que ambas as coisas distraem e picam o espírito; um não é digno de alegria, nem o outro de medo. Somente a razão é imutável e se apega a suas decisões. Pois a razão não é um escrava dos sentidos, mas uma governante sobre eles. A razão é igual à razão, como uma linha reta para outra; portanto, a virtude também é igual à virtude. A virtude não é nada mais do que razão correta. Todas as virtudes são razões. As razões são razões, se são razões certas. Se elas estão certas, elas também são iguais.

33. Como a razão é, assim também são as ações; portanto, todas as ações são iguais. Pois, uma vez que se assemelham à razão, também se assemelham umas as outras. Além disso, considero que as ações são iguais entre si, na medida em que são ações honradas e corretas. Haverá, naturalmente, grandes diferenças de acordo com a variação do material, como se torna agora mais amplo e agora mais estreito, agora glorioso e agora inferior, agora múltiplo no alcance e agora limitado. No entanto, o que é melhor em todos estes casos é igual; eles são todos honrados.

34. Da mesma forma, todos os homens bons, na medida

em que são bons, são iguais. Há, de fato, diferenças de idade, um é mais velho, outro mais jovem; do corpo, - um é agradável, outro é feio; da fortuna, - este homem é rico, esse homem pobre, este é influente, poderoso e conhecido pelas cidades e povos, aquele homem é desconhecido para a maioria, e é obscuro. Mas todos, em relação àquilo em que são bons, são iguais.

35. Os sentidos não decidem sobre coisas boas e más; eles não sabem o que é útil e o que não é útil⁵. Eles não podem registrar sua opinião a menos que sejam confrontados com um fato; eles não podem ver o futuro nem se lembrar do passado; e eles não sabem o que resulta do quê. Mas é a partir desse conhecimento que uma sequência e sucessão de ações é tecida, e uma unidade de vida é criada, - uma unidade que prosseguirá em um curso reto. A razão, portanto, é o juiz do bem e do mal; o que é estrangeiro e externo ela considera como escória, e o que não é nem bom nem mau ela julga como apenas acessório, insignificante e trivial. Pois todo o seu bem reside na alma.

36. Mas há certos bens que a razão considera primordiais, aos quais ela se dirige deliberadamente; estes são, por exemplo, a vitória, os bons filhos e o bem-estar de um país. Alguns outros considera secundários; estes se tornam manifestos apenas na adversidade, - por exemplo, a equanimidade em suportar uma doença grave ou exílio. Certos bens são indiferentes; estes não são mais de acordo com a natureza do que contrárias à natureza, como, por exemplo, um andar discreto e uma postura tranquila em uma cadeira. Pois sentar é um ato que não é menos de acordo com a natureza do que ficar em pé ou andar.

37. Os dois tipos de bens que são de ordem superior são diferentes; os primários são de acordo com a natureza, - como a alegria derivada do comportamento obediente de seus filhos e do bem-estar de seu país. Os secundários são contrários à natureza, como a força moral em resistir à

tortura ou na aceitação da sede quando a doença torna os órgãos vitais febris.

38. "O que então", você diz; "alguma coisa que é contrária à natureza pode ser um bem?" Claro que não; mas aquela em que esse bem eleva-se a sua origem é por vezes contrária à natureza. Por estarem feridos, esvaindo-se sobre um fogo, aflitos com má saúde, - tais coisas são contrárias à natureza; mas é de acordo com a natureza que um homem preserve uma alma indomável em meio a tais aflições.

39. Para explicar brevemente o meu pensamento, o material com o qual o bem se relaciona às vezes é contrário à natureza, mas um bem em si mesmo nunca é contrário, pois nenhum bem existe sem razão e a razão está de acordo com a natureza. "O que, então," você pergunta, "é a razão?" É copiar a natureza. "E o que," você diz, "é o maior bem que o homem pode possuir?" É conduzir-se de acordo com o que a natureza deseja.

40. "Não há dúvida", diz o opositor, "que a paz proporciona mais felicidade quando não é atacada do que quando é recuperada a custo de grande matança". "Também não há dúvida de que a saúde, que não foi comprometida, oferece mais felicidade do que a saúde que foi restituída à solidez por meio da força, por assim dizer, e pela resistência ao sofrimento, depois de doenças graves que ameaçaram a vida em si e, da mesma forma, não há dúvida de que a alegria é um bem maior do que a luta de uma alma para suportar até o fim os tormentos das feridas ou da tortura".

41. De modo algum. Pois coisas que resultam do risco admitem ampla distinção, uma vez que são avaliadas de acordo com sua utilidade aos olhos daqueles que as experimentam, mas em relação aos bens, o único ponto a ser considerado é que eles estão de acordo com a natureza; e isso é igual no caso de todos os bens. Quando em uma reunião do senado nós votamos em favor da proposta de

alguém, não pode ser dito, "A. está mais de acordo com a proposta do que B." Todos votam pela mesma proposta. Eu faço a mesma declaração com respeito às virtudes, - todos elas estão de acordo com a natureza; e eu o faço em relação aos bens igualmente, - estão todos de acordo com a natureza.

42. Um homem morre jovem, outro na velhice, e ainda outro na infância, tendo desfrutado nada mais do que um simples vislumbre na vida. Todos eles foram igualmente sujeitos à morte, embora a morte tenha permitido a um avançar mais ao longo do caminho da vida, cortou a vida do segundo em sua flor, e quebrou a vida do terceiro em seu início.

43. Alguns recebem sua quitação na mesa do jantar. Outros prolongam seu sono na morte. Alguns são eliminados durante a devassidão. Agora, compare essas pessoas com aquelas que foram perfuradas pela espada, ou levadas à morte por cobras, ou esmagadas em um desabamento, ou torturadas até a morte pela torção prolongada de seus tendões. Algumas dessas partidas podem ser consideradas melhores, outras piores; mas o ato de morrer é igual em tudo. Os métodos de acabar com a vida são diferentes; mas o fim é um e o mesmo. A morte não tem graus maiores ou menores; pois tem o mesmo limite em todos os casos, - o fim da vida.

44. A mesma coisa é verdade, asseguro-lhe, em relação aos bens; você encontrará um em circunstâncias de puro prazer, outro em meio a tristeza e amargura. Uma pessoa controla os favores da fortuna; a outra supera seus ataques. Cada um é igualmente um bem, embora um viaja em uma estrada plana e fácil, e o outro em uma estrada áspera. E o fim de todos eles é o mesmo - eles são bens, eles são dignos de louvor, eles acompanham a virtude e a razão. A virtude faz todas as coisas que toca iguais entre si.

45. Você não precisa duvidar que este é um dos nossos

princípios; encontramos nos trabalhos de Epicuro dois bens, dos quais é composto o seu Bem Supremo, ou bem-aventurança, isto é, um corpo livre de dor e uma alma livre de perturbação. Estes bens, se estiverem completos, não aumentam; pois como pode o que é completo aumentar? O corpo é, suponhamos, livre da dor; que aumento pode haver a essa ausência de dor? A alma é serena e calma; que aumento pode haver para esta tranquilidade?

46. Assim como o tempo bom, purificado no mais puro brilho, não admite um grau ainda maior de clareza; assim, quando um homem cuida de seu corpo e de sua alma, tecendo a textura de seu bem de ambos, sua condição é perfeita, e ele atingiu a meta de suas orações, se não há comoção em sua alma ou dor em seu corpo. Quaisquer que sejam os encantos que receba em relação a estas duas coisas não aumentam o seu Supremo Bem; eles simplesmente condimentam-no, por assim dizer, e acrescentam tempero a ele. Pois o bem absoluto da natureza do homem é satisfeito com a paz no corpo e a paz na alma.

47. Posso mostrar-lhe neste momento nos escritos de Epicuro uma lista graduada dos bens, assim como a da nossa própria escola. Pois há algumas coisas, ele declara, que prefere receber, tais como descanso corporal livre de qualquer inconveniente e relaxamento da alma enquanto se deleita na contemplação de seus próprios bens. E há outras coisas que, embora preferisse que não acontecessem, mesmo assim elogia e aprova, por exemplo, o tipo de resignação, em momentos de má saúde e sofrimento grave, a que aludi há pouco, os quais Epicuro exibiu naquele último e mais abençoado dia de sua vida. Pois ele nos diz que teve que suportar a excruciante agonia de uma bexiga doente e de um estômago ulcerado, sofrimento tão aguçado que não permitiria aumento da dor; "E ainda," ele diz, "aquele dia não foi menos feliz." E nenhum homem pode passar tal dia

em felicidade a menos que possua o Bem Supremo.

48. Portanto, encontramos, até mesmo em Epicuro, bens que seriam melhor não experimentar; que, no entanto, porque circunstâncias assim o decidem, devem ser acolhidos e aprovados e colocados ao nível dos bens mais elevados. Não podemos dizer que o bem que preencheu uma vida feliz, o bem pelo qual Epicuro deu graças nas últimas palavras que pronunciou, não é igual ao maior.

49. Permita-me, excelente Lucílio, pronunciar uma palavra ainda mais ousada: se qualquer mercadoria pudesse ser maior do que outras, eu preferiria aquelas que parecem acres as que são brandas e sedutoras, e as declararia maior. Pois é uma conquista maior superar as barreiras do caminho do que manter a alegria dentro dos limites estreitos.

50. Exige o mesmo uso da razão, estou plenamente consciente, um homem suportar a prosperidade bem e também suportar a desgraça corajosamente. Que homem pode ser tão corajoso que durma em frente às muralhas sem medo de perigo quando nenhum inimigo ataca o acampamento, como o homem que, quando os tendões de suas pernas são cortados, se levanta de joelhos e não solta suas armas; mas é para o soldado manchado de sangue que retorna da frente que os homens clamam: "Bem feito, herói!" E por isso, eu devo conceder maior louvor aos bens que foram julgados e mostraram coragem, e lutaram contra a fortuna.

51. Devo hesitar em dar maior elogio à mão mutilada e seca de Mucio do que à mão inofensiva do homem mais corajoso do mundo? Lá estava Múcio⁶, desprezando o inimigo e desprezando o fogo, e observando sua mão enquanto pingava sangue sobre o fogo no altar de seu inimigo, até que Porsena, invejando a fama do herói a quem ele impingiu o castigo, ordenou que o fogo fosse removido contra a vontade de sua vítima.

52. Por que não devo considerar este bem entre os bens primários, e julgá-lo como muito maior do que aqueles outros bens que são desacompanhados de perigo e não foram testados pela fortuna, pois é uma coisa mais rara superar um inimigo com uma mão perdida do que com uma mão armada. – E então? Você diz; "Você deseja esse bem para si mesmo?" Claro que sim. Pois esta é uma coisa que um homem não pode alcançar a menos que também a possa desejar.

53. Devo desejar, em vez disso, que me permitam esticar os meus membros para que os meus escravos façam massagens, ou que uma mulher, ou um travesti, puxe as articulações dos meus dedos? Não posso deixar de acreditar que Múcio teve mais sorte porque manipulou as chamas tão calmamente como se estivesse estendendo a mão para o massagista. Ele havia aniquilado todos os seus erros anteriores; terminou a guerra desarmado e mutilado; e com aquele toco de uma mão ele conquistou dois reis.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

NOTAS:

1 Trecho de Eneida de Virgílio.

2 Sêneca não está falando aqui das três virtudes genéricas (físicas, éticas, lógicas), nem dos três tipos de bens (baseados na vantagem corporal) que foram classificados pela escola peripatética; Ele só está falando de três tipos de circunstâncias sob as quais o bem pode se manifestar. E no § 36 e seguintes ele mostra que considera apenas as duas primeiras classes como bens reais.

3 O exército de Cipião montou dois acampamentos e construiu uma muralha de circunvalação à volta da cidade espanhola com sete torres a partir das quais seus arqueiros podiam atirar por cima da muralha numantina. Ele também represou o pântano vizinho e criou um lago entre a muralha da cidade e sua própria muralha. Para proteger seus acampamentos, Cipião construiu também muralhas exteriores (cinco no total). Para completar o cerco, Cipião isolou a cidade do rio Douro: nos pontos onde o rio entrava e saía da cidade, pares de torres foram construídas e, entre os pares, cabos com lâminas foram estendidos através do rio para evitar a passagem de barcos e nadadores.

4 Touro de Fálaris, foi uma das mais cruéis máquinas de tortura e execução, cujo invento é atribuído a Fálaris, tirano de Agrigento. O aparelho era uma esfinge de bronze oca na forma de um touro mugindo, com duas aberturas, no dorso e na parte frontal localizada na boca. Após colocada a vítima, a entrada da esfinge era fechada e posta sobre uma fogueira. À medida que a temperatura aumentava no interior do Touro, o ar ficava escasso, e o executado procuraria meios para respirar, recorrendo ao orifício na extremidade do canal. Os gritos exaustivos do executado saíam pela boca do Touro, fazendo parecer que a esfinge estava viva.

5 Aqui, Sêneca está lembrando Lucílio, como muitas vezes faz nas cartas anteriores, que a evidência dos sentidos é apenas um degrau para ideias superiores - um princípio do epicurismo.

6 Caio Múcio Cévola (em latim: Gaius Mucius Scaevola). Logo depois da fundação da República Romana, Roma se viu rapidamente sob a ameaça etrusca representada por Lar Porsena. Depois de rechaçar um primeiro ataque, os romanos se refugiaram atrás das muralhas da cidade e Porsena iniciou um cerco. Conforme o cerco se prolongou, a fome começou a assolar a população romana e Múcio, um jovem patrício, decidiu se oferecer para invadir sorrateiramente o acampamento inimigo para assassinar Porsena. Disfarçado, Múcio invadiu o acampamento inimigo e se aproximou de uma multidão que se apinhava na frente do tribunal de Porsena. Porém, como ele nunca tinha visto o rei, ele se equivoca e assassina uma pessoa diferente. Imediatamente preso, foi levado perante o rei, que o interrogou. Longe de se intimidar, Múcio respondeu às perguntas e se identificou como um cidadão romano disposto a assassiná-lo. Para demonstrar seu propósito e castigar seu próprio erro, Múcio colocou sua mão direita no fogo de um braseiro aceso e disse: "Veja, veja que coisa irrelevante é o corpo para os que não aspiram mais do que a glória!". Surpreso e impressionado pela cena, o rei ordenou que Múcio fosse libertado. Como reconhecimento, Múcio confessa que trezentos jovens romanos haviam jurado, assim como ele, estar prontos a sacrificar-se para matá-lo. Aterrorizado por esta revelação, Porsena teria baixado suas armas e enviado embaixadores a Roma.

Table of Contents

[Nota Introdutória do tradutor](#)

[Nota Introdutória do autor](#)

[Sobre o autor](#)

[I - Marco Aneu Sêneca e Hélvia - As Controvérsias](#)

[II - Anos Iniciais e Educação](#)

[III - O Principado de Calígula, 37-41 d.C.](#)

[IV - Exílio na Ilha de Córsega, 41-49 d.C.](#)

[V - Retorno do Exílio - Últimos Anos de Cláudio, 48-54 d.C.](#)

[VI - O Quinquênio de Nero, 54-59 d.C. \(Quinquennium Neronis⁸⁶\)](#)

[VII - Sêneca no Poder](#)

[VIII - A Farsa de Baiae, 59 d.C.](#)

[IX - Declínio da Influência de Sêneca, 60-62 d.C.](#)

[X - Sêneca em Retiro - Seus Amigos e Ocupações](#)

[XI - A Riqueza de Sêneca e sua Apologia](#)

[XII - A Conspiração de Pisão e a Morte de Sêneca, 64-65 d.C.](#)

[XIII - A Filosofia de Sêneca](#)

[Bônus](#)

[Carta I. Sobre aproveitar o tempo](#)

[Carta LXVI. Sobre vários aspectos da virtude](#)